

REVISTA

EDIÇÃO Nº 89 | NOVEMBRO DE 2022

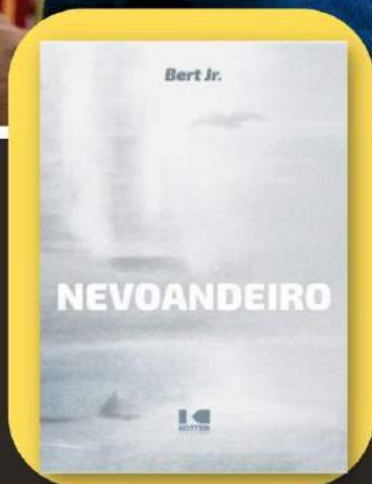
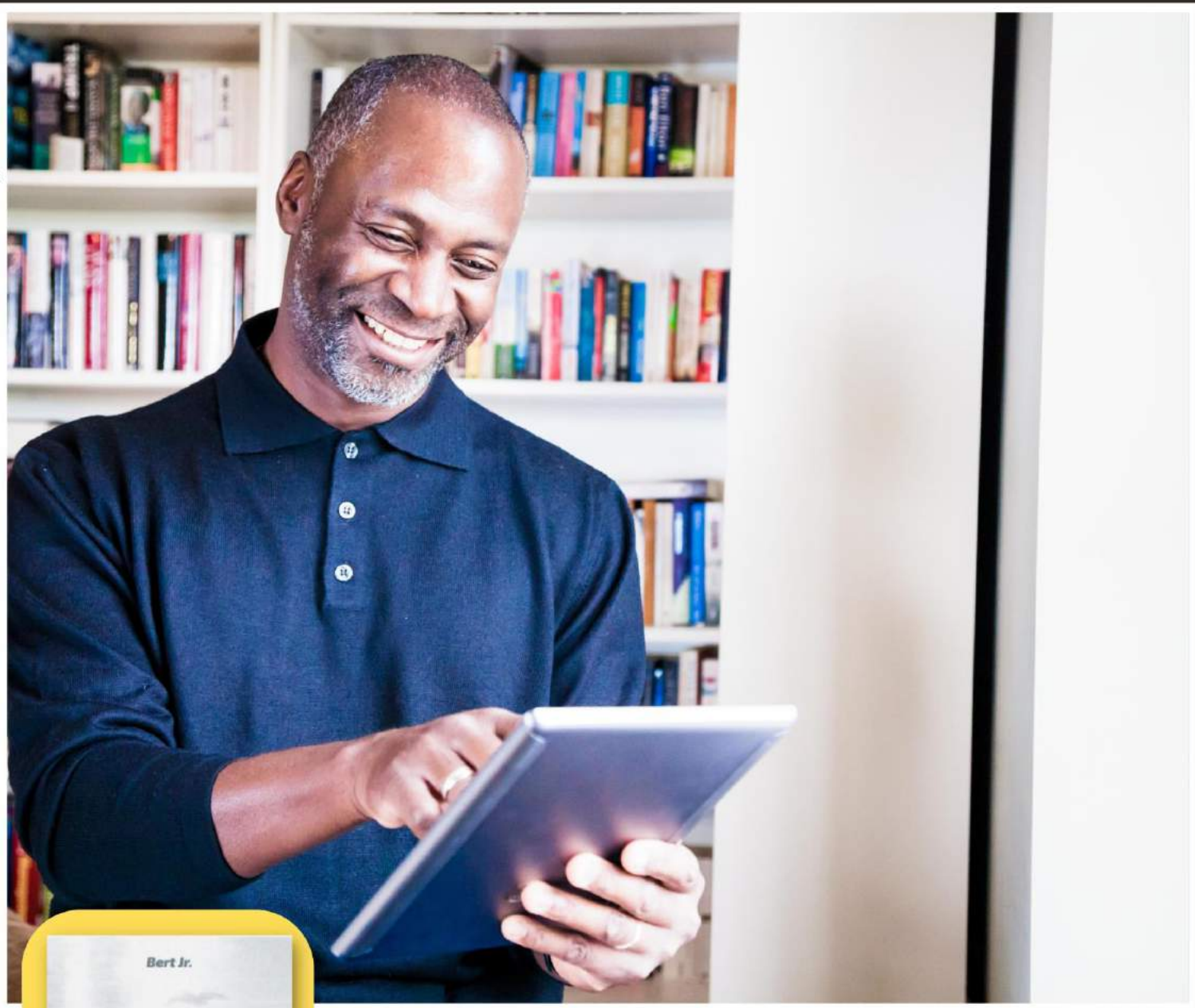
CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoliteratura.com.br



CONHEÇA O NOVO
LIVRO
NEVOANDEIRO, DO
AUTOR **BERT JR.**,
PÁG. 10

CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...

ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Luiz Claudio Paulino de Almeida canta a Coita D' Amor, por Aline Pereira Lourenço, pág. 06**
- Poema: "Elementos - Água", por Bert Jr., pág. 09**
- Conheça o livro "Nevoandeirol", do autor Bert Jr., pág. 10**
- Crônica: Papai sabe tudo, por Antônio Sérgio Carréra, pág. 11**
- Acontece na Casa, pág. 18**
- Dicas para leitura, pág. 20**
- Poema: "Onipotência", por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 22**
- Crônica: As dificuldades de quem escolhe a música como carreira em Alagoas, por Nathanael Carréra, pág. 23**
- Poemas, por Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 29**
- Poemas, por Wanda Rop, pág. 36**
- Poemas, por Augusta Arakawa, pág. 42**
- Entrevista com Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 48**
- Entrevista com Cris Casagrande (Casa Projetos Literários), pág. 55**
- Entrevista com Thiago Teodoro (Casa Projetos Literários), pág. 61**
- Entrevista com Elcio Matos, pág. 65**
- Entrevista com Eliana Marcolino, pág. 70**
- Entrevista com Roberto Beliatto, do Sebo Espaço Cultural, por Marcos Pereira dos Santos, pág. 77**
- Entrevista com Mayara Lima, pág. 82**
- Entrevista com Meire Marion, pág. 85**
- Entrevista com Melissa Barbosa, pág. 88**
- Entrevista com Nelson Lourenço, pág. 92**
- Entrevista com Samara Nunes, pág. 96**
- Entrevista com Wesley Coll, pág. 100**
- Citações de grandes autores, pág. 104**
- Conto: O vampiro autocrítico, por Bert Jr. pág. 109**
- Conto: Por um fio, por Antônio Sérgio Carréra, pág. 114**
- Conto: Sonhos "Entre Zombies e Tubarões", por Valentina Carréra, pág. 120**
- Conto: O ventrílogo, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 123**
- Conto: M.E.L., por B. B. Jenitez, pág. 128**
- Conto: Filosofia de baiano, por Idicampos, pág. 133**
- Conto: Casamento, por Iraci J. Marin, pág. 136**
- Conto: Manuscrito encontrado em um hospício, por Ney Alencar, pág. 139**
- Conto: Pelas lágrimas de Orfeu, por Roberto Schima, pág. 144**
- Conto: O dia mais improdutivo da minha vida, por Vinícius Jales, pág. 152**
- Conto: Uma certa negra, por Míriam Santiago, pág. 155**
- Conto: O suplício de Osvaldo, por Renan Apolônio, pág. 160**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 165**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

"Viver de esperança torna as pessoas passivas. Para transformar a esperança em realidade é preciso usar forças, mobilizar-se."

JORGE AMADO

"A poesia não está nos versos, por vezes ela está no coração. E é tamanha. A ponto de não caber nas palavras."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir
Pascale

EDITORIAL

Queridos leitores!

Novembro chega com mais uma edição recheada de dicas e informações para leitores ávidos por uma boa leitura, trazemos poemas, contos, crônicas e entrevistas com escritores.

E você também pode fazer parte das nossas edições, seja com poemas, contos, crônicas ou mesmo divulgando o seu livro. Saiba mais: clique aqui.

Desejo uma ótima leitura!

Ademir Pascale

CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com
site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO
ademirpascale@gmail.com



LUIZ CLAUDIO PAULINO DE ALMEIDA CANTA A

COITA D'AMOR

POR ALINE PEREIRA LOURENÇO



Este trabalho foi realizado em homenagem ao grande compositor e cantor do samba de nossos dias: **Luiz Claudio Paulino de Almeida - Luiz Claudio Picolé**. Dentro de suas canções, encontramos o verdadeiro lirismo amoroso, cantado pelo acorde de seu banjo, trazendo todo sentimento trovadoresco para dentro do samba, o qual se dirige à figura da mulher idealizada, sendo ele fiel ao seu amor e capaz de viver como servo deste, acaba vivenciando-o em plena melancolia. Uma tristeza gerada pelo abandono de sua amada, deixando-o inconformado e perturbado. Levando-o ao delírio, através das lembranças de um amor, quando ainda lhe era correspondido. As lembranças deste amor é o que vai lhe causar várias consequências para o resto da vida e, ao mesmo tempo, a esperança para reencontrá-la, ou, que a mesma volte a ser sua para cumprir a promessa do amor eterno.

“Eu não imaginei
Que o amor
Fosse encarcerar
E me fazer sofrer”.

(De Bobeira)

O sofrimento amoroso começa assim que o eu - lírico expressa em seus versos uma enorme decepção por ser abandonado em pleno momento, em que o amor, ainda era por ele e por sua amada cultivado e, logo após um longo momento de nostalgia, o que lhe conduz a juras eternas de amor e servidão.

“Dona da minha alegria
Quero todo dia o seu amor.”

(Dona da minha alegria)

Ao cantar estes versos, o eu - lírico declara seu amor a uma dama de forma respeitosa como um trovador provençal da Idade Média, onde seus sentimentos destinados à sua amada eram cantados pelo instrumento chamado lírica. E seu sofrimento amoroso era mais sincero e, portanto, mais doido. E como tal, estes versos também expressam uma servidão amorosa, chamada de vassalagem (comparação da relação social entre o servo e o senhor feudal), quando a chama de “Dona”. Da mesma forma em que os trovadores declaravam seu amor a uma dama, pedindo-lhe que aceite sua devoção e colocando-se, submisso, à sua disposição “Me fez escravo desse teu amor.” (Encaixe Perfeito)

A partir deste abandono, o eu - lírico vive uma espécie de angústia e esperança pela volta de sua amada e, ao mesmo tempo, um inconformismo. Um sofrimento pior que a morte, o amor é a sua única razão para viver.

“Pois num mar / De sonhos mergulhei / E o medo em mim / Foi de chegar à conclusão
/ Que amor é assim / Me entreguei a ilusão.”

(De Bobeira)

Vimos aí, versos onde o poeta declara tristemente a desilusão que sofreu por amar e se entregar aos sonhos deste amor, sendo este, o motivo que o levou à depressão. Com isso, o poeta vive num mundo fora da realidade, fugindo cada vez mais da objetividade e vivendo deste amor, com este amor, numa evasão sentimental profunda, tirando-o da emoção razões para entender a verdadeira causa que levou sua amada a não querê-lo mais.

“Essa saudade de você
 Não é legal me faz sofrer
 E tudo pode acontecer
 Não vou deixar de te querer”.

(Velho Amor)

Concluimos que a coita amorosa era um estado emocional causado pela falta de amor, ou seja, o amor não correspondido cantada nos versos dos trovadores medievais e que perpetuam como uma característica marcante nas composições de Luiz Claudio Picolé.



Aline Pereira Lourenço, carioca da gema, nascida em 03 de outubro de 1980 na cidade do Rio de Janeiro. Teve seu primeiro contato com a leitura, a partir do momento em que adquirira livros doados por vizinhos, o que a fizeram despertar para a Literatura, mesmo sem saber.

Em 2004, autora consegue uma bolsa na Faculdades Integradas Simonsen, depois de um ano estudando para vestibular, atingindo uma média alta na redação do ENEM. Foi ali que a mesma ingressou no curso de Letras e se formou, fez estágios e lecionou em vários cursos preparatórios.

No ano de 2012, escreveu um release ao cantor e compositor Luiz Claudio Picolé que, logo, ao conhecê-lo, convidou-a para ser presidente de seu fã clube. O que levou a criar a fã Page com nome do artista, sendo redatora e divulgadora dos eventos. Hoje, é da Prefeitura de Itaguaí, onde leciona Língua Portuguesa e já participou das antologias “Eu escrevi para você” da editora Inovar, “Contos de LU” da editora Cogito, “PoesiasBR” da editora Versiprosa, “Rainhas Negras” da editora Letras Virtuais e Poetas do novo século da editora EHS.

ELEMENTOS

POR BERT JR.
ÁGUA

a luz somente
sabe lamber-te
e deixar em tua pele enfeite
isca cintilante
fugaz
com efeito de arrastar
o olhar da gente
em teu lombo eriçado
enquanto entre arroubos
efervescente
saliva na terra
teu brinde intermitente



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e acaba de publicar um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

O leitor avança, guiado por símbolos e imagens de forte originalidade, rumo aos pontos cardeais poéticos da experiência.

amazon

ADQUIRA

clique aqui

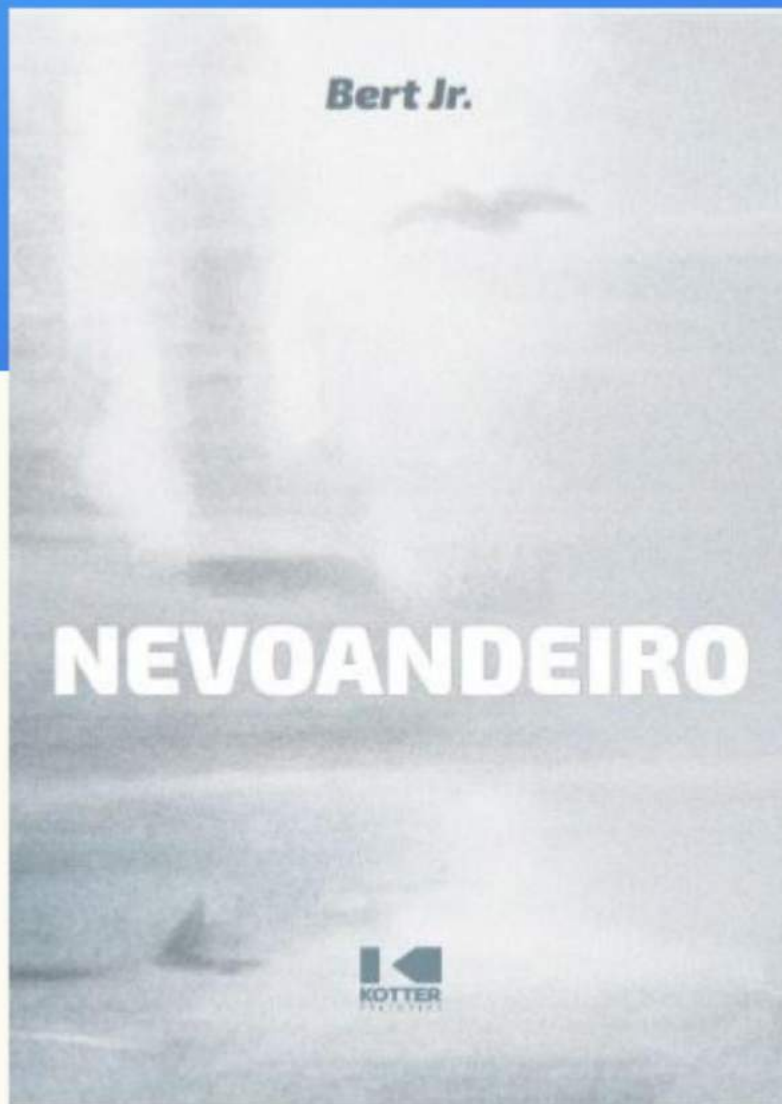


NEVOANDEIRO

AUTOR BERT JR.

O aguçamento do sentir se entrelaça com o dos sentidos da palavra para nos tornar avessos às simplificações conformistas. Eis o efeito – seguramente não o único – dos olhares metafóricos disseminados nas três seções do livro. Em *Mundamente*, *Azulescência* e *Nevoandeiro*, visões complementares captam dimensões sensíveis da vivência contemporânea: o valor do afeto, o choque entre o universo interior e o mundo externo, a beleza como revelação, o espaço assediado do profundo em nós, a dissolução das certezas, o existir em ilhas, o cansaço provocado por ciclos de repetições, a preocupação com a degradação ambiental e social, e a dificuldade de se sonhar o futuro.

Tem-se, ao findar a leitura, a mesma impressão registrada pelo poeta: “acordei com um sopro”.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays* e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E* mais. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e acaba de publicar um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiro*. É colaborador assíduo da revista eletrônica *Conexão Literatura*.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr.

Site: www.bertjr.com.br.



CRÔNICA

PAPAI SABE TUDO

POR
ANTÔNIO SÉRGIO CARRÉRA



Se alguém acha que a vida de um pai é moleza, nada sabe sobre dedicação, devoção, sacrifício, cansaço, exaustão, privações e superação, em muitos sentidos. Não sou pai solteiro. Sou aposentado com esposa que trabalha, e assim, por vezes, me vejo usando saias, quando é preciso. O sacerdócio imposto pelo amor aos filhos que ainda respiram o ar dos pais é de uma grandeza e tamanho sem medidas, quando muita garra e determinação são fundamentais para aguentar o peso de tantos encargos e chegar ao final do dia, todos os dias, com todas as obrigações cumpridas, além das pessoais, ao conciliar afazeres domésticos com escrita de livros, crônicas e contos, que é o meu caso.

O despertador é um “inimigo” que mantenho perto de mim. “Melhor um inimigo perto do que longe”, já diziam os grandes estrategistas. Ele é implacável. Cumpre minhas ordens à risca: me acorda na hora que mando, na hora do remédio das meninas, me lembra da aula de inglês e da equitação. Nunca perdoa. Às vezes, com um esforçozinho, até me deixa em paz por uns instantes, mas logo está de volta detonando minha cabeça com a cantilena estridente de uma Arara assanhada. Fico louco. Quase a perder o juízo, pois durmo tarde, como sempre, para aproveitar o tempo que me sobra para escrever e assistir filmes. Brigo com o travesseiro e os lençóis para me deixarem em paz e me soltar. O despertador já me lembrou sobre o mar revoltoso que vou ter que enfrentar mais uma vez, dia após dia.

A maratona começa com os três minutos que reservo para lavar meu rosto e escovar os dentes. Se pintar uma necessidade fisiológica, vou ter que administrar tudo na batida militar, dentro dos três minutos. Visto a couraça imaginária e me transformo no “superpai”, aquele “faz e sabe tudo”, que os filhos adoram, deixando o maluco sonhador dos travesseiros para trás. Agora sou um profissional do lar, dedicado, ágil, disposto, no alto dos meus 65 anos de idade. Eu acho que tenho 40 — só pode ser. Não sei de onde vem tanto “gás” para essa maratona diária.

— *“Valentina, são 7h, levanta logo para não chegar atrasada na escola!”* — Mentira. Se eu disser a hora certa ela quer dormir mais um pouquinho. Grito de novo e ela levanta, a pulso, chutando tudo que encontra pela frente.

— *Detesto ir pra escola.* — Resmungo o tempo todo.

— *Bora pai!* — Diz, já pronta, assistindo alguma coisa no celular. — *Você não estava apressado?*

— *Já estou no carro!* — Acelero seu passo e corro para a garagem. Tudo cronometrado: cinco minutos pode significar a diferença entre chegar ou não no horário para a escola. Piso fundo no acelerador, rezando para o trânsito não estar engarrafado logo na saída do condomínio. Aqui em Salvador tudo é meio estranho: quando um carro quebra ou uma colisão besta acontece na pista, os envolvidos ficam no meio da rua tirando fotos num bate-boca sem fim, ignorando totalmente pais com horário a cumprir. E todo mundo diminui a marcha para assistir. Nem a perícia é necessária em 99% dos casos, pois não há vítimas. Só resta tirar os carros da via para o trânsito fluir. Gritei uma vez e recebi um “Vá se F.” com um dedo médio apontado para mim. E eles continuam lá. Em alguns locais da estrada, não há a opção de retornar, deixando os motoristas enfileirados por muito tempo e a cada minuto mais nervosos.

Com ou sem trânsito, Valentina desembarca na porta da escola e eu saio ligeiro para chegar em casa com tempo para levar sua mãe no metrô. A escola não é longe, mas é o horário de trabalho e o trânsito fica complicado. Além do mais há a tensão de ter que me livrar de batidas e de desviar dos afoitos que atravessam as avenidas em locais impróprios, com preguiça de usarem as passarelas aéreas de pedestres. Chego em casa.

— *Cadê Maria?* — A empregada abana a cabeça. Subo e a encontro “desmaiada” na cama, com Ellen ao seu lado. Ela é Fisioterapeuta — a profissional do movimento. Nem preciso falar, né? Corre pra lá, corre pra cá, atendendo em vários locais. Fisioterapeutas têm sua “batida” própria. Ainda por cima tem Ellen, que não a deixa dormir o sono profundo, reparador, como ela costuma dizer. Ellen, às vezes, desperta durante a noite pedindo alguma coisa e ainda por cima dorme grudada na mãe. A criança se acostumou e agora fica difícil “desmamar”. E assim, sobra para eu ter que administrar o estresse gerado com a saída de Maria para o trabalho.

Aproveito e ligo o computador para terminar um Conto que comecei há cinco dias e se arrasta, enquanto Maria não desce para o café. Na primeira tecla, ela surge no alto da escada reclamando de alguma coisa, normalmente é sobre comida. Ellen vem logo atrás choramingando porque não quer que a mãe vá trabalhar. Enrolo com uma conversa fiada e seguimos para o metrô, mas ela continua chorando até eu lhe entregar meu celular e dizer que mais tarde vamos ao shopping. Ela se acalma. Deixo-a na escola contrariada: quer ficar com o pai, mas digo que vou ao mercado e ela se conforma. Pede *Chips*.

Estou ofegante sem ter dado um passo. Minha cervical dói há séculos de tanto dirigir e escrever ao computador naquela cadeira terrível, que mais parece um banco de botequim. Tenho que ir ao médico, mas quando? Passo no Atacadão para ver o que tem de bom. De “atacado” só tem uma ou duas promoções para atrair os bestas. Resolvo ir ao HiperIdeal onde sempre tem alguma coisa boa. Termino mesmo nos mercadinhos da vila perto de casa, onde compro frutas e carne. São quase 11h e estou nervoso com a demora do açougueiro para moer a carne. Calculo quando tempo ainda terei em casa antes de sair para pegar as meninas. Quero aproveitar e escrever mesmo que sejam duas linhas.

— Eita, esqueci o que ia escrever! Tive um *insight* no carro, mas esqueci. Não consigo mais fixar tudo na cabeça. Tomo um café para relaxar. São 11h40 e continuo sem me lembrar. Não posso mais ficar. Corro para a escola de Ellen. O trânsito é complicado, com os pais pegando seus filhos nas escolas ao longo do caminho. Buzino, grito para um desatento que quase bate no meu para-choques. Recebo um dedo médio de volta. Ellen grita quando me vê e corre se jogando no meu pescoço.

— *Papai, quero sorvete de baunilha* — é a casquinha que compro religiosamente todos os dias. Tenho que parar em algum lugar. O McDonalds está sempre cheio naquela hora. Digo que vou pegar logo Valentina porque ela também vai querer sorvete. Ellen não aceita, mas o Youtube é mais forte. Com o trânsito pesado, um cara quase bate na minha traseira. Vi que estava ao celular, mas não adianta ficar remoendo com vontade de abordar. Não estou mais na polícia, mas o raciocínio é sempre de policial. Ainda não me acostumei. Valentina aparece ao portão e tenho que pegá-la pessoalmente. Deixo Ellen dentro do carro assistindo “Stacey”. Olho para trás e ela já está com a cabeça do lado de fora da janela. — *Volte para dentro!*

Corro de volta puxando Valentina pela mão. Passo no Atacadão que é mais perto e onde tem um quiosque do Bob's. Compro os sorvetes. Ufa! Paz, afinal. Tudo resolvido. Minhas costas estão suadas do assento. Já saí e entrei uma dezena de vezes. Vou para casa. Passo no “Silva” para comprar uva e melancia. — *Que saco, pai. Tô com fome! Quero ir pra casa!* — Minha pré-adolescente de 10 anos não colabora. Acredita piamente que o tempo é só dela. Compro o que posso em cinco minutos para evitar estresses. Ellen está focada no Youtube agora com “Masha e o Urso”. Chego em casa e é só meio-dia.

— *Papai quero feijão de Aninha!* — É a calabresa que integra o feijão feito por Aninha, prima da Maria, e que Ellen adora. Dou comida na boquinha enquanto ela desenha alguma coisa e pinta no papel. Aviõzinhos de colher cheia de feijão com “Aninha”. Sim, porque aqui tudo é um passo à frente. Ufa! Vou escrever um pouquinho. Não dá, Ellen logo pula no meu colo querendo escrever nomes no laptop. Aos quatro anos já conhece o alfabeto e os números, além de se arriscar no inglês, de vez em quando. As vezes até me surpreendo com o vocabulário que aprende assistindo desenhos em inglês no Youtube. Valentina vai para seu quarto fazer o que ela ama (e não enjoa): desenhar no Ipad e em cartões de papel, enquanto assiste “Chiquititas” ou “Stranger Things”, seus preferidos. Mas também tem os filmes coreanos para adolescentes que ela não perde. Já houve a época de “Carinha de Anjo” e “Chica Vampiro”. Ellen deixa o computador para brincar de pega-pega. Valentina nem responde do quarto meu chamado para participar. Tem que ser eu mesmo. O suor desce pelo rosto de tantas voltas pela casa. Caímos na piscina. Valentina não resiste e chega de biquini. — *Vamos brincar de “papai tubarão”?* — Pergunta. Isso me mata, me cansa, mas reclamo apenas para mim mesmo, porque elas adoram. Qualquer dia afundo e não volto mais.

Valentina vai para a aula de inglês de *Bike*, dentro do condomínio. Subo para escovar seus cabelos encaracolados. Ellen quer ir ao clube brincar na brinquedoteca. Me deito no tatame e acompanho com o olhar até correr para segurá-la, evitando cair da casinha de madeira. O telefone toca: — *onde vocês estão? Quero ir pra piscina do clube.* — É Valentina ansiosa pelo “papai tubarão” na piscina gigante do clube, onde fica mais difícil serem pegas pelo tubarão, ou seja, por mim. — *Venha e traga meu calção e o biquini de Ellen.* — Respondo.

Agora, uma meio-maratona: cambalhotas seguidas de mergulhos conjuntos, “papai tubarão” e “pega-pega”. Ellen já se vira sozinha no fundo. Aliás, só gosta de mergulhar fundo, mas não posso tirar o olho. Queria escrever mais um parágrafo do Conto. — *Pai, tá na hora da equitação!* — *Meu Deus, corre pra casa e vai se trocando.* Valentina corre e eu sigo atrás com Ellen. Pulamos no chuveiro para um banho rápido, mas Ellen quer passar shampoo na minha cabeça. Desconverso com outro assunto. Logo estamos de volta à estrada a caminho da Academia Hípica, com os gritos de Ellen aos ouvidos que não quer ir. Fico sem o celular novamente, mas ela vai tranquila. No carro fico pensando que só Deus mesmo na causa para me dar essa energia na minha idade. E eu dou graças a Ele porque amo fazer tudo isso e estar com elas.

Tenho que filmar os saltos de Valentina com Falcon, seu cavalo preferido. Ela passa ao trote com um olhar reprovador porque estou correndo atrás de Ellen, que desaparece atrás das dezenas de gatos soltos pela hípica. — *Ellen larga esse gato!* — Grito

de um lado, corro para o outro para uns “takes” de Valentina com meu celular, que se esmera no trote para depois saltar o obstáculo.

— *Vamos no McDonald's tomar um sorvete?* — Pergunta besta. Já sei a resposta. — *Ebaaaaa!* — Em câmbio. Depois de uma fila gigante, me sento um pouco. As pernas suplicam um descanso merecido. Ellen corre para o carro. — *Papai, vamos pegar mamãe no metrô?* — Maria não dá sinal de vida. Já são quase 19h e estou parado no meio do caminho. Que faço? Vou pra casa ou para a estação do metrô? Ligo, mas não tenho resposta. Deve estar atendendo algum cliente. — *Vamos pra casa, tá cedo ainda.* Trânsito de novo. Coloco o pé na sala e o telefone toca: *estou dentro do metrô.* — Puxa vida, nem entrei em casa direito!

Passo o dia sem ver minha aparência, com o tempo apertado para tudo. Olho, por acaso, o retrovisor e vejo que meu cabelo está em pé. Aliás, ele está sempre rebelde depois que mandei tirá-lo da nuca para enfiar no topo da cabeça. Estava ficando careca e não consegui me acostumar com a ideia. O implante foi um sucesso, mas ainda não consegui domá-lo. — *Vamos simhora!* — Gritei. Valentina não quer ir desta vez. Prefere ficar trancada no quarto desenhando enquanto assiste Chiquititas. Tudo bem, a porta não se abre para ninguém na minha ausência. Vou tranquilo porque a casa é colada com a portaria e tem guardas armados.

Ellen fica eufórica e já está no carro me esperando. Na estação, “Mami” entra no carro. — *Olá gente! Como passaram o dia?* — Volto para casa com Valentina online em vídeo para ela não se sentir só por muito tempo, mesmo ficando por opção dela, algumas vezes. Ainda com trânsito, mas razoável, logo chegamos. Desço com dor na lombar e câimbras nas pernas. Aproveito para expirar aliviado no sofá e fechar os olhos.

— *Papai bota meu jantar!* — Pulo de volta para o planeta Terra. É rotina sempre colocar as refeições das meninas no prato, enquanto Maria está ao celular finalizando os atendimentos online. Até hoje, não consegui entender direito porque Fisioterapeutas têm que conversar com clientes até altas horas passando orientações intermináveis. Acabou a maratona externa de hoje. Pareceu rápido. Não tive tempo para pensar no tempo. — *Papai amanhã Yana vem pra cá.* — Um trabalho extra para mim com a coleguinha de classe em casa, mas com a vantagem de eu poder dar mais atenção à Ellen.

Ellen gruda na mamãe de vez. São 21h e o sono começa a bater. Abro o computador, mas a cabeça ainda está quente com as imagens do dia. — *Papai, pode vir aqui?* — Ellen quer experimentar algumas roupas antes de dormir e pede minha ajuda. Ela adora trocar roupas e se olhar no espelho. Queria ficar com Valentina conversando um pouco sobre seu dia, a escola, os “edits” no celular, Dog Alemão, cavalos e filmes que assistimos (e não assistimos) juntos. “Trem para Busan” já está na 10ª repetição. Gostamos dos Zumbis. Percebo o silêncio vindo do meu quarto. Ellen está calada. Não aguentou o ruge-ruge. Está roncando com o nariz levemente entupido por causa da piscina. Nem dei um beijo com ela acordada, mas beijo muito o anjinho entre os lençóis.

— *Papai, conta uma historinha para eu dormir?* — Me tornei um contador de histórias. É assim há 10 anos. — *Claro filha. Que tal terminar “Maciste contra os Vampiros?” Legal!* — Pergunto, enquanto olho para o relógio. Eu adoro porque embarco com Valentina na aventura que sai de improviso. — *Hoje fico até tarde no computador. Tenho que produzir.* — Falei para mim mesmo.

— *Maciste entrou na floresta negra com sua espada na cintura. De repente...*
— Trimmmmmm! — São 6h e o inimigo bate à minha cabeça.



Natural de Recife-PE, **ANTÔNIO SÉRGIO CARRÉRA DE ALBUQUERQUE MELO**, é pós-graduado em Gestão de Segurança Pública e Defesa Social e graduado pela Academia Nacional do FBI em Quantico, USA. Integrou as fileiras do Exército Brasileiro e a Polícia Militar do Distrito Federal, onde fez carreira até o posto de Tenente-Coronel. Formado em Administração, é amante de filmes, séries televisivas e viagens. Desde cedo, tornou-se aficionado pela leitura e lançou seu 1º livro em 2011, contando atualmente com 14 obras publicadas. Dedicar-se ao trabalho de escrita como *Ghost Writer*.

Contatos: antoniomelo65@yahoo.com.br

[@sergioalbuquerque13](#)

<https://fantasmadoslivros.my.canva.site>

NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: [CLIQUE AQUI](#)

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Coluna exclusiva de notícias da agência literária CASA Projetos Literários

DEDÉ VEM AÍ

Jananda Germinari, autora da CASA lançará o infantil "Dedé queria ser legal" pelo selo Lurinha da Lura Editorial.



LANÇAMENTO

Thélio Farias, autor da CASA, lançou o livro "Além do Ipiranga - A extraordinária vida de Pedro Américo" pela Editora CEPE.



BIENAL SP 2022

Marina Solé Pagot, autora da CASA, lançou o livro "As Ruínas da Rainha" pelo Selo NOVACASA, na Bienal SP 2022.



FLIQ NATAL 2022

Clayton Melo, autor da CASA, lançou a 2ª impressão do livro "Helifort Sky e a esfera do poder" na FLIQ NATAL 2022.



POESIA NA BIENAL SP 2022

As autoras da CASA, Mayanna Velame e Hortência Melo, autografaram seus livros "Português Amoroso" e "Palavra e Afeto", ambos publicados pela Editora Madrepérola, na Bienal do Livro SP 2022.



Mês da Leitura na CASA

Livros com DESCONTOS + FRETE GRÁTIS em nosso site: www.casaprojetosliterarios.com.br



**A LUTA POR
UM PAÍS MELHOR
NÃO DEVE SER
ESQUECIDA.**

Proclamação
da República

15 DE NOVEMBRO



DICAS PARA LEITURA

POESIAS AO LUAR - VOL. VI, REÚNE POEMAS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



POESIAS AO LUAR

ANTOLOGIA POÉTICA - VOL. VI

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

O LEGADO DE JANE AUSTEN

CONTOS, CRÔNICAS E POEMAS INSPIRADOS EM
SUA OBRA



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



O LEGADO DE JANE AUSTEN É UMA HOMENAGEM EM FORMATO DE E-BOOK, ORGANIZADO PELO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, UMA REUNIÃO DE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES ESCRITORES NACIONAIS. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO

× × × ×
× × × ×
× × × ×
× × × ×

- **DIVULGUE
PARA + DE
200 MIL
LEITORES**

R\$ 150

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

ONIPOTÊNCIA

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

De todas as perdições,
a pior é a onipotência,
que impõe muitas condições,
para uma plena existência.

“Controlam-se” as aflições...
Bendita autossuficiência!
Resolvem-se as questões,
com máxima competência.

Mas ela não se sustenta,
pois faz parte do humano,
que muitas vezes, não aguenta.

A vida tem outros planos
e o que é “poder” se afugenta.
A vaidade é puro engano.

In: MÉTRICAS MACERADAS - 1ªed. - SCORTECCI, 2019

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A - MANDALA -Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.

— Crônica —

AS DIFICULDADES DE QUEM ESCOLHE A MÚSICA COMO CARREIRA EM ALAGOAS

Por Nathanael Carréra



Não é novidade para ninguém que Alagoas é um dos maiores celeiros de artistas da Música em geral, sejam eles instrumentistas, compositores ou cantores. Isso é fato. Daqui saíram para a boca do povo, grandes sucessos, como a música “Minha Sereia”, composta e cantada por Carlos Moura no início da década de 1970, que se transformou, podemos dizer, em hino local, assim como o sucesso “Maceió” de Lourival Passos, eternizado na voz de mestre Luiz Gonzaga.

Ao longo dos anos, inúmeras músicas que completaram o repertório de grandes artistas nacionais foram compostas por valores da terra, muitos dos quais ainda não descobriram seus potenciais como compositores, poetas e cantores, uma vez que esbarram em vários obstáculos, como a dificuldade de incentivos, por exemplo, não atraindo os holofotes em suas direções, permanecendo assim na obscuridade. Os poucos que ainda insistem e se arriscam, são ofuscados pela falta de oportunidades em razão do simples fato de apresentarem cartões com o RG local e a dificuldade de chegar até aqueles que têm o poder de despertar o interesse dos grandes produtores musicais.

A despeito dessa dificuldade, entrar de cabeça em uma carreira artística nem sempre é uma tarefa fácil. Entre as inseguranças financeiras dos primeiros passos da profissionalização repousa também o preconceito da sociedade com o novo, o estranho, o iniciante. Os novos artistas sentem-se desmotivados. Entretanto, a vocação e a necessidade de expressão funcionam como alimento. O resultado de tudo isso é a falta de reconhecimento e interesse de gestores do meio artístico por talentos locais, como também seus discretos esforços para valorizá-los, o que prejudica e priva o país de conhecer e usufruir de grandes espetáculos que eles possam proporcionar ao povo brasileiro.

Em matéria publicada no Jornal Correio Brasiliense de 23/12/2018, o guitarrista da banda de rock “Dona Cislene” relembra como foi a experiência de tocar no primeiro grande festival de música da carreira, ainda em 2013, dividindo o *line up* com artistas do pedigree de Capital Inicial e Ivete Sangalo. Guilherme olha para a sua carreira musical de uma forma gentil, observando que seu caminho profissional cresceu naturalmente. Entretanto, o brasiliense comenta que a entrada na música não foi tão simples, e se posicionar como tal profissional fez parte do desafio do crescimento musical.

“A gente tomou muita porrada, foi bem difícil, não é uma coisa fácil de você monetizar. Ter cliente e render dinheiro é muito complicado” diz. “O que prevaleceu para a gente foi a esperança e a união, e o nosso intuito foi sempre ajudar as pessoas, foi sempre passar uma mensagem. A fama e o dinheiro é algo secundário, uma consequência, nunca um objetivo principal”.

Em Alagoas, observa-se que o cenário se mostra ainda mais desfavorável do que o encontrado por Guilherme que, mesmo a trancos e barrancos, pôde aguardar a melhor oportunidade surgir, sem esmorecer e desistir, pois entre os palcos nacionais, Brasília lançou vários talentos no mercado que estimularam a insistência de muitos jovens a manter suas esperanças de um dia mostrarem suas habilidades musicais. Renato Russo e a Legião Urbana, Dinho e o Capital Inicial, dentre tantos outros, serviram como exemplos de um tempo fértil para brotar talentos.

Voltando à realidade de Alagoas, o foco é voltado ao carro-chefe do estado que, indiscutivelmente, é Maceió, como a maior base de lançamentos para os mercados local e

nacional e para onde afluem os grandes músicos da terra vindos das cidades do interior, que têm na cidade sua única e exclusiva porta de entrada para o *debut* artístico, e esbarram em obstáculos que os desestimulam. Todos perdem com isso: a máquina do *show biz*, o público e o próprio artista que, sem forças e patrocínio, aliados ao desinteresse dos grandes gestores da música local, terminam por se encaixar no mercado de trabalho em outras profissões.

E aqui não vai nenhuma novidade. Minha crítica visa apenas colocar o “preto no branco”, os pontos no “is” sobre o que os talentos da terra enfrentam e que merecem um destaque mais que especial para, também, chamar a atenção daqueles que gerenciam o mundo da música. Eu poderia redigir laudas sobre as dificuldades e ações necessárias de quem compete a matéria para mudar este cenário, mas vou resumir, em poucas linhas, a realidade, e trazer à baila minha visão, como artista local e empreendedor do setor:

Inicialmente, chamo a atenção para um aspecto limitante e extremamente prejudicial ao trabalho dos artistas locais, que são os rodízios restritos de músicos e bandas nas casas noturnas. Aqui a máxima “O sol nasceu para todos” é completamente desprezada; o apoio e patrocínio dos órgãos governamentais são ainda modestos e não são suficientes para atender de forma adequada o número de artistas da terra, nele incluídos os atuantes, os veteranos, os jovens talentos e, principalmente, os que ficam à margem, sem nenhum tipo de incentivo, desistindo, muitas das vezes, dos seus sonhos, quando tudo isso poderia ser revertido com um esforço conjunto para a promoção de mais festivais de música, por exemplo; patrocínio de viagens para os músicos quando estivessem representando o estado; implementação de uma estrutura de mini-palcos pela cidade, voltados exclusivamente para os músicos “de rua” — aqueles que tocam nas calçadas, nas estações de ônibus, o famoso “músico do metrô”, ao proporcionar-lhes uma apresentação mais digna, já que muitos deles são obrigados a atuar sob um sol escaldante, dependendo da boa vontade de logistas até para a cessão de um ponto de energia elétrica.

A consequência é triste e merece uma citação especial, como forma de “acordar”, de uma vez, todos os atores envolvidos na problemática da maioria dos músicos amadores, que buscam seu espaço no imenso universo artístico. É lamentável conhecer e constatar a realidade que alguns deles têm que enfrentar para administrar suas vidas com o que recebem do seu trabalho. Os fatos que observamos no dia a dia da cidade, por si só, mostram o cenário tenebroso que alguns encaram para sobreviver no mercado de trabalho: shows nas ruas com as *bags* (capas de instrumentos ou outros depositários) no chão para doações em dinheiro; “lives” nas redes sociais com *QR Code* na tela dos computadores para acesso às suas contas bancárias para depósito de doações; alguns são suportados através de vaquinhas eletrônicas, dentre outras maneiras.

O resultado da falta de oportunidades é pior ainda ao serem compelidos a contragosto a buscarem atividades paralelas no mercado de trabalho para garantir seus sustentos, quando não, abandonando, definitivamente, o cenário artístico por pura e exclusiva necessidade de sobrevivência, deixando seus talentos apenas para ocasiões festivas no seio de suas família e amigos, onde seus talentos são exaltados. Essas condutas se tornam recorrentes e facilmente observadas nos dias atuais.

Como se não bastasse, o discreto apoio e patrocínio de empresas locais é notadamente imprescindível, apesar de ainda insignificantes, visto que grande parte desses

músicos vem do interior e via de regra, sem condições de adquirirem equipamentos para mostrarem seus talentos e até para alojamento na capital.

As portas vão se fechando com maior rapidez para todos, principalmente para os “da antiga”, quando se pressupõe que estejam ultrapassados e não acompanharam a evolução musical.

O cenário era, e ainda continua, preocupante. De tudo observado, uma coisa ficou bem clara: a imperiosa necessidade de se achar um atalho para fazer decolar os valores da terra e abrir os olhos dos potenciais executivos locais do meio artístico.

Sou pernambucano, mas adotei Maceió como minha cidade, onde vivo há mais de 30 anos, e só há pouco tempo pude conhecer de perto essa faceta inaceitável de rejeição e a incrementação de incentivos de forma mais diversificada, tanto do setor privado quanto do governo para alcançar os valores da terra em ascensão. Na verdade, esses elementos nem sabiam que estavam cercados de talentos à altura dos maiores artistas do país.

Desde pequeno ligado à música, seus acordes e gingas foram inseridos no meu DNA de uma forma que não consegui entender, já que uma não tenho notícias de artistas da música na família. Somente ao me aposentar, há cinco anos, foi que pude me dedicar ao que, inicialmente, era um hobby, ao montar uma pequena banda integrada por amigos e membros da minha família, foi que realmente pude conhecer as dificuldades dos artistas locais que, involuntariamente, se apresentam quase no anonimato, sem um instrumento para alavancar e aproveitar seus talentos.

Após iniciar os ensaios da banda como passatempo, resolvemos amadorizar a banda realizando apresentações de forma gratuita, inicialmente, em algumas casas de shows e eventos, para nos tornar conhecidos. Mesmo sem fins lucrativos, esbarramos em um milhão de obstáculos para mostrar e divulgar nosso trabalho, ainda que de forma modesta em Maceió.

Foi ali que senti na pele todo o sofrimento do músico alagoano.

Inconformado, após estudar por meses uma forma de abrir os olhos de produtores e editores, idealizei o “**Musicalidade com Nathan**”, para se tornar primeiro palco voltado para a descoberta e lançamentos de talentos no mercado musical, brindando o povo de Alagoas com a possibilidade de verem seus filhos no *top hit* nacional.

A criação da logomarca, que traz um disco (LP) de Vinil com o nome “Musicalidade com Nathan”, leva ao público a ideia antiga do disco, que é a expressão da musicalidade na sua essência, para tratar todos os novos talentos (e antigos), de todos os gêneros e estilos musicais — do Forró “pé de serra” ao *Rock in Roll*, de forma única, oferecendo a eles, gratuitamente, um portal de entrada para o mundo da música, onde poderão mostrar seus trabalhos com maior visibilidade. Ou seja, uma forma de fortalecer o que é oferecido pelos gestores musicais e governo local.

Tomei a dificuldade e falta de incentivo de todos os artistas iniciantes de Alagoas como ponto de honra para dar-lhes a mão, ainda que de forma modesta, que eles tanto precisam, ao me tornar um instrumento de entrega de talentos ao público.

O programa é aberto a todos, gravado e após editado, publicado no Instagram, com uma estrutura própria, onde o artista é quem “faz o show”.

Este texto visa chamar as autoridades e executivos do meio musical para a problemática, esperando que inovem com ações mais incisivas na causa e assim

promovam os valores da terra que estão se perdendo no espaço para falta de incentivo. Todos perdemos com isso.



Nathanael Carréra de Albuquerque Melo é graduado em Administração de Empresas com habilitação em Marketing e pós-graduado em Administração Estratégica e Empreendedorismo. Músico, com grandes influências, e apaixonado por todos os ritmos, ao se aposentar, identificou as necessidades de movimentar, fortalecer e dar visibilidade aos talentos da música no cenário musical de Alagoas. Idealizou em 2021, o *Pocket Show* “Musicalidade com Nathan”, que hoje é largamente veículado nas redes sociais. Contato: @musicalidadecomnathan - Fone: (82) 99805.0244

CONEXÃO NERD

www.youtube.com/conexaonerd



vídeo novo



**Rodolfo,
nosso leitor
nº 01**

lá no canal!

Porque somos nerds

NÃO PERCA TEMPO. CLIQUE EM



QUÃO BELO “DIÁLOGO”

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Claro que sim! Até mesmo do olhar de uma “flor”
Existe, de verdade, o falado “SOM DO AMOR”
Que surge com felicidade, de um sem-fim e não se sabe de onde
A princípio, fingindo alguma dor que o sábio coração esconde

Claro que não!
Ninguém resiste! O tal suspirar nasce de um lugarzinho no
coração
E a “tal” encantada falta de ar
Falece em você, com galhardia, o desejo em ainda algo falar,
somente se deliciar

Ao término do prazer, a realidade da imagem fingindo cansaço
Dos corpos suados a enorme sensação
Imagina-se deles roubados (aos poucos) alguns pedaços
E a bendita lágrima que escorre dos olhos, antes embaçados,
reflete a “escritura” da emoção

A seguir, o ligeiro tossir e, dos dois, o belo sorrir
Inexiste o pensamento em se levantar... cada um pela porta sair
Do tempo a aproveitar, mãos delicadamente a secar as faces
molhadas

Em ambas, as lágrimas até então desejadas

Assim, aquelas singelas iniciais palavras... claro que sim
E a continuar com as... claro que não
Agora, bem saciadas, pelo ar se vão
Sem esquecer de concretar o amor, tão belo, em cada coração

ACONTECE ASSIM

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Ao surgir cada "pedaço" do entardecer
Vários e pequenos "traços" de nuvens se colocam a fugir
"Cílios" do Luar iniciam o belo piscar
"Robusto" se apresenta e fogoso atrás dos montes**

**Bela luminosidade alegra nossos olhos ao ver
Deliciosa emoção passamos a sentir
Aguça, em nós, o grande sentimento para amar
E, lá fora, imaginamos a presença do amor postada no horizonte**

**O bater do coração acelera
Não só pela alegria da visão, mas também pela espera
Pelo grande amor que irá chegar**

**A euforia não se cala! Sem controle, agora bem contagiante
O amor imaginado será aquele de verdadeiros amantes
E, ao final, palavras lindas, saborosas, sobre o gostoso que foi ao
amor amar**

A photograph of a man with a beard and short hair, smiling warmly at the camera. He is wearing a dark, short-sleeved button-down shirt and is holding a single vibrant red rose in his right hand. The background is a blurred outdoor setting, possibly a garden or patio, with wooden furniture visible. The text is overlaid on the image in white, bold, sans-serif font.

SER AMADA

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Fico mesmo um tanto encabulada
Quando me olha fixo... bem assim
Com esse "dengoso" olhar
Todo, por seu lado, desejoso**

**Confesso que, da reação, torno-me arrepiada
Com imaginações do que acontecerá enfim
Aquele desejo bem "maldoso" em me amar
Não só majestoso, mas realmente maravilhoso**

**Sem forças, coloco-me perdida
Pois dos outros encontros, não estou esquecida
Bem conheço a delícia de ao seu lado estar**

**Ah! Graças! Bela decisão irei tomar
Que se vá a sensação de encabulada
Quanta maravilha no meu interior por você ser assim sempre
amada**

“HOJE”!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Serei sincera! Não quero
Escutar belas histórias
Tipo “era uma vez”
Pelo tanto que já me fez
Pois somente espero
Saborear, agora, a glória
De com você (agarradinha) estar
Para, no mais que puder, somente me amar

Serei sincera! Depois, mesmo triste por “terminar”
Com carinho irei sorrir
Cheia de provocações “debochadas” e pelos cantos do Lar
Nós dois, como loucos, a correr (bem devagar)
Brincando de um ao outro pegar
Fingindo com aquele “tal” de que vai partir
Ficar para outro dia
Posto que, “hoje”, o caminho para sair está bloqueado pela grande
euforia

Joaquim Cândido de Gouvêa é escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um **CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR**. Possuo poemas publicados no Brasil e no Exterior. Destacada participação no projeto da Editora Colibri em Lisboa-Portugal, no Projeto **MUNDO(S)**, com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, iniciando na Edição 6 e, agora, já na Edição 21.

Tenho editado pela **EDITORA TREVO**, no Brasil, dois Livros: **MAIS DO QUE BUQUÊ** e **ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE**. E outros dois, com a **EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL**, do **GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO**, em Lisboa-Portugal, com os Títulos: **NO CAMINHAR** e o outro com o Título: **SENTIMENTOS. AMOR. SAUDADE**.

Menção **HONROSA** no Livro VII **PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA**, Dr. Honoris Causa de Literatura.

Com grande emoção, recebi o **CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO** em maio de 2022, concedido pela **REVISTA CONEXÃO LITERATURA** no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, onde ocupa a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco letras contando coma parceira da **RENEE BRAZZIL** na melodia e canto.

**“LER É CONHECER O MUNDO
COM A IMAGINAÇÃO!”**

www.revistaconexaoliteratura.com.br

CONEXÃO NERD

www.youtube.com/conexaonerd



vídeo novo



**Aroldo,
nosso leitor
nº 02**

lá no canal!

Porque somos nerds

NÃO PERCA TEMPO. CLIQUE EM



LEIA PARA UMA CRIANÇA



Apoio

www.revistaconexaoliteratura.com.br

NÚPCIAS

Por Wanda Rop

Núpcias em brasas de amor
Mistura de notas avermelhadas da paixão
Meus olhos fixos em seu corpo
Temos química intensa
Sinto o mundo, a música e a vida
Doce desejo, pensamento da noite
Corações unidos, vozes melodiosas
Pura verdade em nosso desejo
As noites são plenas de amor
E nossas manhãs de desejo
Eis a força secreta do tempo
Luz e música nos alegrando
Nos amamos de um jeito perfeito



SOU PARTE DE UM POEMA

Por Wanda Rop

Sinto-me perdida neste mundo
Contornando cada caminho de tristeza
Agoniada pela solidão
O amor não me concede portas abertas
Quer sejam as doces luzes da ilusão
Em beijos diários em minh'alma
Fazendo-me parte de um poema
No qual seu olhar me alegra o coração
Castanhos olhos
Homem charmoso ao refletir
Chama-me a desfrutar a gloriosa luz da paixão
Exalando perfume em noite de tentação
Sem a luz da verdade, sou mortal e finita
Sou beleza selvagem a te amar
Reclusa em um mundo de escuridão



O AMOR É LUZ!

Por Wanda Rop

Essencial é saber amar
Olhando a verdade em outros céus
Ricos como estrelas em uma noite escura
O amor é luz, é chama escaldante
Curva-se a ele o inverno cruel
Deparei-me com seus olhos castanhos intensos
Sorrisos em taças de desvarios
Ilusões de um amor alucinante
Paixão intensa e constante
Meu coração repleto de amor por você
Deslumbrada e louca em sentimentos

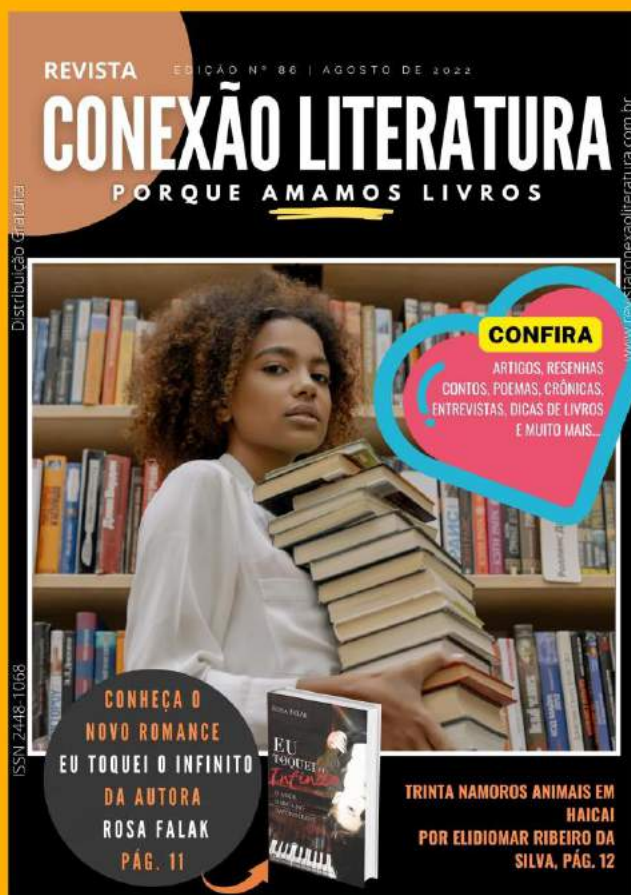
WANDA ROP, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, filósofa, cursando último período de História, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros: "Tempo de Amar", "Desejos do Coração", "Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa" e "Minha Infância em Poesia."

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

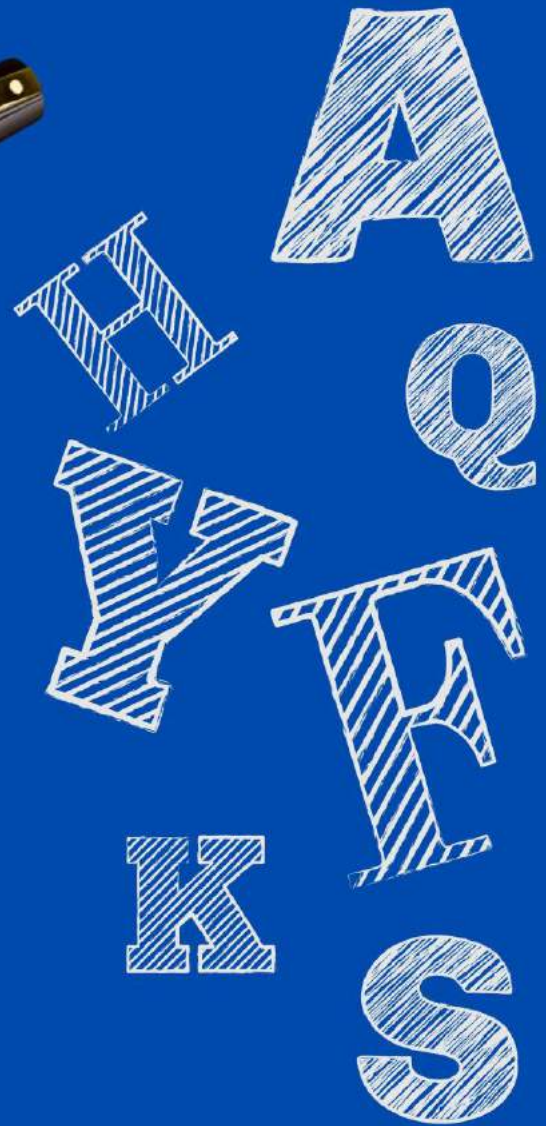
INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



**CONHEÇA O
E-BOOK
"O POEMA QUE
VOCÊ NÃO LEU"
DO AUTOR MANOEL ALVES
CALIXTO**

O e-book reúne alguns dos melhores poemas do autor Manoel Alves Calixto, além de contar também com comentários dos leitores.



BAIXE O E-BOOK
GRATUITAMENTE:
[CLIQUE AQUI](#)



**O POEMA
QUE VOCÊ
NÃO LEU**

UMA COMPILAÇÃO DE TEXTOS DO AUTOR



MANOEL ALVES CALIXTO



EU PRECISO DE MAIS ESPAÇO

Quer mais espaço para divulgar
o seu livro? Então entre em
contato
e solicite o nosso mídia kit:
ademirpascale@gmail.com

REVISTA CONEXÃO LITERATURA
www.revistaconexaoliteratura.com.br

MUSIQUE

Por Augusta Arakawa

Dê um clique
No meu coração
Para que eu saia deste dique.

Simplifique
E não diga que não
Estou chique.

Comprei na boutique
Pra enfeitar a vida passageira.
Musique!

Salpique
Sua mão inteira
Sobre a minha pele, estique.

Pratique
O amor comigo faceira.
Dedique

Para mim num clique
Mais uma canção
Pedindo que eu fique.

E eu fico com o pique
De ficar sem razão.
E te beijar, multiplique!



CANTAR PRA CHOVER

Por Augusta Arakawa

Será que vai chover
Pra trazer a paz que o mundo quer ver?
Será que vou viver
Pra ver você cantando em Malta?

Pra trazer o amor que falta
Para os que sofrem sobreviver?
Não hei de perder
De ver a Terra tremer

Com a luz que exalta
Oriunda dos que cantam com prazer
Pra fazer chover onde há seca de doer
Na guerra sem fim pra vencer

A estupidez humana que salta
Aos olhos de quem se nega a ver
Que sem tolerância e amor dentro do Ser
Não existe salvação, pode crer!



SOBRE A AUTORA:

Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora literária do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a Unesco) e o e-book "Lembranças" publicado pela UNIFAL - MG em 2022 (Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais).



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

NOSSO
SILÊNCIO
TAMBÉM DESTROÍ

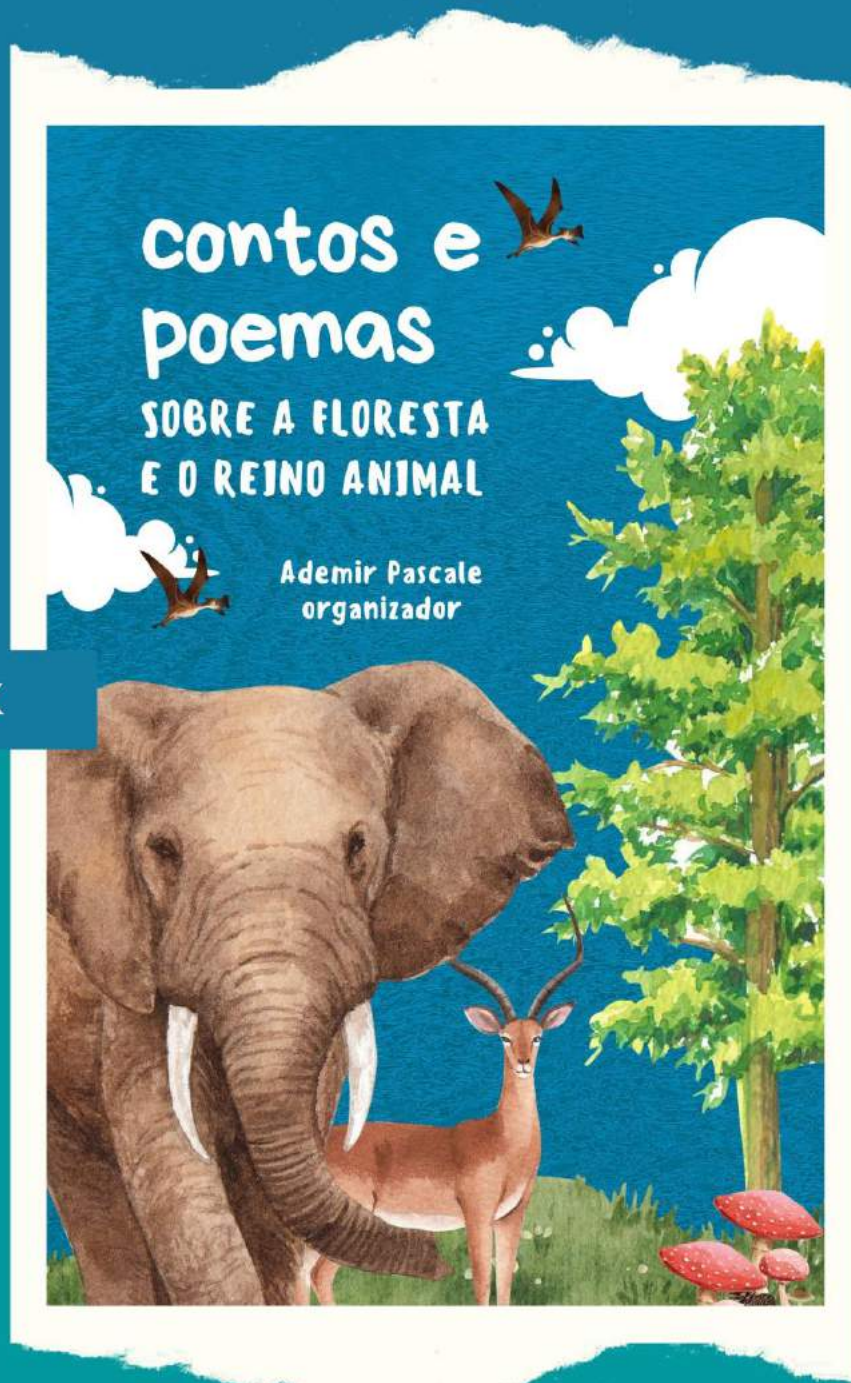


**NOSSAS
MATAS**

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

CONTOS E POEMAS

SOBRE A FLORESTA E O REINO ANIMAL



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



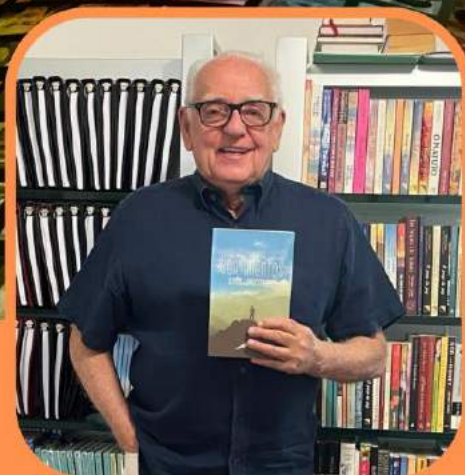
Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA

COM JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Brasileiro, "mineiro", nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, no dia 21.12.1940. Economista, com alguns Cursos Superiores voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Possuo, vários poemas publicados no Brasil e no Exterior em participações diversas. Minha atuação nessas publicações é mais centrada em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri no Livro MUNDO(S) em que comecei na edição 6 e atualmente estamos na edição número 21. Somos um total de 20 escritores somente. A coordenação é feita pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Em Lisboa.

Paralelamente, também participei em uma Mesa de Debates sobre o tema ESCREVO POR QUÊ.

Com grande emoção recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO, em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Nas participações no BRASIL, recebi uma Menção Honrosa no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA.

Tendo editado pela Editora Trevo, os Livros: MAIS DO QUE BUQUÊ e o Livro ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... Com a Editora Poesia Impossível, em Lisboa, Portugal, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO os Livros: NO CAMINHAR e o outro com o Título: SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com imenso orgulho sou ACADÊMICO CORRESPONDENTE NA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA - RS, em que ocupo a Cadeira de número 203.

Na parte musical sou autor da letra de cinco músicas com a Parceira Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi seu início no meio literário?**

Joaquim Cândido de Gouvêa: Para melhor compreensão, darei informações de como aprendi gostar de escrever. Sou descendente de família simples. Meu pai era bancário e minha mãe, além dos serviços domésticos, era costureira. Na idade de 15 anos, na cidade de Juiz de fora – MG, começou a trabalhar em um “ateliê” de costura. Naquela época, as mulheres da sociedade usavam o “ateliê” para a confecção dos seus vestidos. Assim, ela pela sua dedicação de muitos anos, tornou-se uma das principais funcionárias no trabalho.

Após o casamento, foi residir em Três Rios – RJ, e, para complementar as despesas, começou a costurar para fora aproveitando os conhecimentos profissionais.

Eu, com 8 anos de idade, tinha muita pena dela, pois, após o trabalho doméstico diário, ficava até tarde da noite costurando. Procurando acompanhá-la, me colocava ao lado da máquina de costura e lá ficava até o momento em que ia dormir.

Para me dar uma ocupação, ela providenciava lápis, borracha e papel, colocando alguma peça sobre a mesa pedindo para eu descrever. Assim, por ali, naquela idade, parti a navegar nesse mar da redação. Em outra oportunidade, sorrindo me desafiava. Dizia uma frase e pedia para que eu escrevesse todo o meu entendimento.

Foi assim o início do meu aprendizado para aprender enxergar imagem e descrever, bem como escutar uma frase e dar o entendimento.

Vamos pular agora para os meus 24 anos e já casado. Eu me lembro muito bem que continuava ativo nesse desejo de escrever. Eram contos, poemas, frases de amor outras coisas assim. Fazia com enorme prazer. Todavia, em determinado dia, aborrecido com a vida e com as dificuldades da “ocasião”, peguei todo o material escrito, devidamente selecionado e coloquei fogo. A MARIA JOSÉ, minha querida esposa, ficou brava comigo pelo destempero. Alegava sempre que tudo iria passar! Devíamos ACREDITAR.

A partir dessa data, continuei a escrever, mas não com a mesma frequência... era tudo de vez em quando!

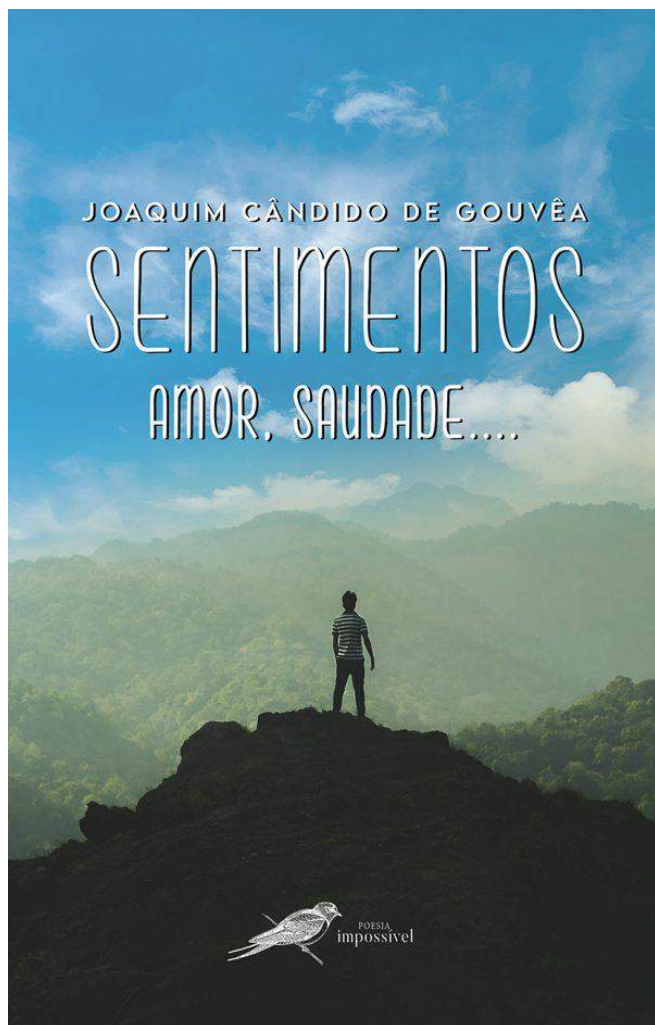
Vamos agora dar um outro pulo para a jornada dos anos vividos. No ano de 2016 me aposentei aqui nos Estados Unidos. Já era aposentado no Brasil. Com os dias fiquei decepcionado por não estar acostumado a ter o tempo ocioso. Rapidamente me imaginei aquele Senhor idoso em frente a televisão, escutando jornais, sem mais o que fazer.

Desgostoso, tive a ideia então de aproveitar o tempo, as intuições e começar a escrever ativamente outra vez. Com essa decisão o trabalho se tornou intenso. Em um determinado dia, minha filha caçula ALESSANDRA, ao ver aquele monte de folhas escritas e querendo me ajudar, sugeriu que eu fizesse um Livro. Prontamente aceitei a ideia, juntei as folhas e contei: 160 poemas. Estava ali o primeiro Livro. O número 160 de poemas que adoto em cada Livro de poemas, portanto, não se trata de nada místico e sim uma pura sugestão inicial. Até hoje mantenho esse número nos Livros existentes.

Aproveitando a oportunidade, quero informar que até hoje tenho 37 Livros prontos a serem editados e com 160 poemas cada Livro. Estou escrevendo o de número 42 com o

Título OS SONS DO AMOR. A diferença na numeração é porque eu tenho, também 5 romances escritos. Como novidade, estou escrevendo um Romance com o Título FRUTO DO AMOR.

Desta forma foi o início no meio literário e não penso em terminar de escrever tão cedo.



Conexão Literatura: Você é autor do Livro SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE... Poderia comentar?

Joaquim Cândido de Gouvêa: Claro que sim! O livro tem o número 39 e foi escrito no primeiro semestre de 2022. A edição coube a Editora Poesia Impossível do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO EM Lisboa - Portugal e foi lançado recentemente em junho de 2022. Eu tinha acabado de editar e lançar o Livro ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... E senti na “pele” a dificuldade em editar um Livro. Não imaginava que era assim! MAS É. Eu não sou um autor conhecido! Além do mais, com o problema do vírus, tudo ficou difícil para todo mundo. Desemprego, doenças, mortes, dificuldades para a internação, enfim vivíamos momentos jamais vividos.

Assim envolvido com tanta adversidade, um dia, sem ser convidado, esse DESCONHECIDO meu, o DESÂNIMO

bateu a minha porta. Felizmente, olhei pela janela e disse para mim: AQUI NÃO! VOCÊ NÃO ENTRA! Como em todos os momentos adversos da vida, irei superar! O interessante é que, logo após esses pensamentos, acordei pela manhã com um sussurrar nos ouvidos: VAMOS CONTINUAR.

Convido aos leitores e leitoras que estão apreciando esta entrevista para comprarem o Livro! Terão uma surpresa, quem sabe! A vida é uma caixinha de surpresas e, talvez, a tão esperada vivência amorosa você venha encontrar estampada em um dos poemas. Creia! O aconselhamento, a passagem, enriquecerão seu interior. E esse coração, considerado malvado, arranhado pelas decepções, irá novamente se acalmar com outra percepção. Verá todo seu interior trazendo essa “coisa” gostosa que é verdadeiramente amar. Nos belos poemas procuro iniciar o Livro com o Poema ESTE TAL DO AMOR. Tenho o atrevimento de tratar o AMOR com a maior intimidade. Procuro fazer com que o leitor tenha recordação de um amor passado... sua lembrança, seu choro de emoção ou saudade.

Recebo muitos e-mails sobre isso. Um deles disse assim: Joaquim! Eu li seu Livro! Em muitas histórias passei, mas em outras ainda não. Quem sabe o leitor ou leitora que, agora, está lendo esta entrevista, possa encontrar sua história de amor neste Livro e saber, se perdido, como reconquistá-lo.

Conexão Literatura: Como foram as pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu Livro?

Joaquim Cândido de Gouvêa: É um pouquinho difícil responder esta pergunta. A pesquisa sai de dentro do poeta, pelo que sente no momento e ou até mesmo ao imaginar um viajar. Às vezes, até mesmo ao escutar uma palavra, uma frase surge a intuição para o poema. Tenho sempre no carro um caderno para anotações. Vez por outra surge uma ideia, uma inspiração e anoto o detalhe maior e depois desenvolvo.

Por estar com a cabeça mais vazia, equilibrada, eu tenho o hábito de escrever após o levantar, tomar café e ao trabalho me envolvo pela manhã. Às vezes (diante da vontade) me solto com o escrever pelo dia inteiro. As inspirações vêm do coração. Para não deixar a intuição escapar, como já me referi, procuro escrever à caneta e em rascunhos. Ato seguinte escrevo o poema. Releio no mesmo dia ou no dia seguinte. Faço, se necessário, correções e, a seguir, coloco os poemas revisados no computador. Faço toda a mecânica sozinho. Quando surge à vontade declamo armazenando no celular. Posso mais de 500 poemas declamados com fundo musical. Atualmente no spotify tenho muitas declamações sob o tema AMOR.

Volto a repetir, aliás, faço questão de repetir. A intuição se aproxima ao ver algo diferente acontecer. Cores das flores; um olhar imaginado; o Luar; o pôr do Sol sobre o mar ou morrendo atrás das montanhas; a folha seca caindo no outono e, pelo ar, se juntando às raízes para proteção do inverno, das geadas, servindo como adubo ou mesmo um cobertor; o fantasiado piscar para o convite do amor. Enfim, somente elementos positivos. Dessa combinação de ideias, procuro administrá-las com relação à nossa vida. Como acredito e sou muito positivo, todas as estrofes, no final, são positivas e alentadoras de que tudo vai passar. Mesmo sem o raro poder, semeio a esperança, e que a bonança chegará saltitante.

Com relação a conclusão do Livro posso dizer que leva aproximadamente quatro meses. Difícil precisar, pois, vez por outra estou escrevendo dois Livros. Como agora, por exemplo, escrevendo o de Poemas com o Título OS SONS DO AMOR e o Romance FRUTO DO AMOR.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu Livro especialmente para os nossos leitores?

Joaquim Cândido de Gouvêa: Para destacar, gostaria de dizer que me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Falando especificamente sobre o Livro, tem no seu conteúdo, uma coletânea de versos em que procuro levar ao leitor, sonhos de felicidade. Uso uma linguagem simples, com palavras carinhosas, populares, a fim de que,

com facilidade, o leitor possa viver dentro do contexto dos poemas. Acredito usar, até mesmo, expressões infantis, bem puras para o belo coração do leitor absorver.

Sobre destacar trechos especiais, sem sombra de dúvida, estaria fazendo julgamento pessoal dos poemas, considerados como frutos do coração que, por mim, são todos belos.

Para melhor exemplificar, eu, poeta, comparo um Livro de Poemas a um jardim. Os poemas ali distribuídos, encharcados de poesia, são as flores que, carinhosamente, foram plantadas pelo fiel “Jardineiro”. Assim, quando olho para esse jardim, se porventura ainda não está florido, pelo menos mostra o “colo” verde amparando a cada broto de flor que está pronta para aflorar.

Então, quando o fenômeno se dá, todas as flores são belas. Em variadas cores se mostram as rosas, as margaridas, as azaléas, todas, enfim, esguias, bailam com sua roupagem. Cada um, ao se imaginar passeando por esse jardim, terá, acredito eu, que normalmente se perguntar: qual a mais bela cor?

Vou ainda adicionar: sem imaginar no formato de tão bela flor! Qual delas a mais bela?

Tenho certeza de que, de súbito, a admiração toma conta do coração. Como? Alguém mais incrédulo pode perguntar. Neste caso a resposta é fácil: basta olhar com os OLHOS DA ALMA! Assim, com cada letra o poeta sonha, devagarzinho forma uma palavra, com ela navega formando um verso e este, com a não embarcação, borbulha nas ondas do mar e aporta em uma estrofe. Delicadamente formada, o poeta sorri e, na imaginação o poeta abraça a procura do soneto, do rondó francês, ou outras coisas mais. Bate no peito! Consegui! Estou feliz!

Os meus Livros de Poemas possuem uma característica especial. Em todos os Livros, o último poema se mostra como tema uma despedida. Despedida de que ou de quem?

Do Livro que se vai por estar finalizado. Foi no período um grande companheiro, amigo sincero, em que participou escutando palavras carinhosas todas sobre amor. Coisa mais bela não existe.

Se me permite, no caso do Livro SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE o último Poema tem como Título: OUTRA VEZ... CÁ ESTOU. Na primeira estrofe temos:

Ah! Novamente! Quanta “pena”
Cá estou com este amigo, no fim
Educadamente, de mim, vai se deslizando
E, aos choros, reforço para outras histórias começar

E, depois de quatro estrofes, surge a última em que choro escrevendo por se tratar de uma despedida de um grande amigo de todas as horas, e falo assim:

Ao que aqui se vai
Sim! Deixa ficar a saudade a florando neste apaixonado
De vocês leitores, um novo viver a balançar cada coração
Dos choros? Ah! Acredito pela tamanha alegria e somente emoção

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu Livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Joaquim Cândido de Gouvêa: Para comprar o meu Livro basta entrar no site da Livrariaatlantico.com O meu Livro aparece em primeiro lugar para as vendas. Estou sempre à disposição dos leitores no meu e-mail mjgouvea@hotmail.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Joaquim Cândido de Gouvêa: Sim! Meu projeto maior, pela minha idade de 82 anos, é tentar editar o número maior de Livros escritos. Como já editei quatro Livros com os meus queridos Poemas, passarei a editar número semelhante de romances.

Como outro ponto, pela minha característica, tenho a ressaltar que é o de NUNCA DESISTIR. O escritor escutará de tudo! As críticas, guarde-as com carinho! Examine-as! As que achar pertinentes, estude-as e corrija, se for o caso.

Eu tenho um amigo que diz eu ser a figura Grega: PHOENIX! Nunca desanimo e estou sempre a procurar! Assim, atualmente, um outro projeto é montar um studio para eu gravar algumas declamações. Não posso esquecer de que um outro, mais ambicioso e difícil seria procurar intensificar a divulgação das músicas e, finalmente, continuar (como já disse) escrever e publicar os meus Livros na maneira do possível. Trata-se de uma tarefa difícil posto que faço tudo sozinho.

Como podem ver são muitos projetos e espero poder concretizá-los, nada obstante minha idade.

Perguntas rápidas:

Um Livro: THE SECRET, escrito por Rhonda Byrne. Acredito muito na força do pensamento. Em muitos poemas abordo que o nosso NORTE é olhar de cabeça erguida para frente. Ponha o ponto lá no horizonte e vá buscar. Certamente irá conseguir: BASTA ACREDITAR!

Gosto também de Livros com temas espirituais como os da Zibia Gaspareto, entre outros.

Um autor: Não citei anteriormente sobre o tema Livros, mas o meu autor preferido é o Paulo Coelho.

Um ator ou atriz: Sem sombra de dúvidas o Tony Ramos. Como atriz como esquecer da Divina Fernanda Montenegro e a Lilian Cabral.

Sobre filme aprecio aquele que envolve história real, de romance e não de guerra.

Um dia especial: Cada dia para mim é especial e agradeço ao levantar: VIVER VALE A PENA! A ALEGRIA CHEGA RÁPIDO AO MEU CORAÇÃO. Sou simples e procuro estar sempre alegre... este sentimento acalma e faz bem a alma. Quando participo de Concursos Literários, cada resultado, para mim é especial e encharca-me de alegria. Sou bem infantil neste particular e vibro como se fosse uma criança. Desde que comecei a participar dos Concursos, a Comissão Julgadora sempre escolheu o meu poema para fazer parte do Livro e, isto me coloca muito feliz.

Não poderia terminar esta entrevista sem citar, com grande detalhe, os nomes que juntos participamos nas músicas por nós criadas. Assim temos:

A LAREIRA – Letra de Joaquim Cândido de Gouvêa e Emanuel Henrique de Castro na melodia;

ASSIM SERÁ; TE AMO COMO POETA; O AMOR NÃO TEM PRESSA; CAFÉ PERFUMADO DE AMOR – Letra de Joaquim Cândido de Gouvêa e Renee Brazzil na melodia.

Desejo manifestar meu sincero agradecimento a REVISTA CONEXÃO LITERATURA pela atenção dispensada ajudando na divulgação dos meus Livros.

Joaquim Cândido de Gouvêa



ENTREVISTA

Casa Projetos Literários

COM CRIS CASAGRANDE



Cris Casagrande

Nasceu no dia 15/12/1999 em Francisco Beltrão – PR. Cresceu em Pato Branco – PR e, aos 13 anos, mudou-se para Curitiba.

Atualmente é acadêmica de Letras Port/Ingl e autora de dois livros lançados pela Editora Appris: “Querida Alice” e “Carolina”. Também é cantora e compositora e já conta com três singles lançados em todas as plataformas digitais: “Diz Pra Ela”, “Canto” e “Para Todos Os Garotos Que Não Me Amaram”.

Entrevista**Conexão Literatura: O que a inspirou a começar a escrever?**

Cris Casagrande: Na verdade, eu me lembro de escrever desde que me entendo por gente. Amava escrever historinhas nas aulas de redação e sempre escrevi várias poesias que apresentava para a turma. Lembro de uma vez em que uma professora muito querida estava saindo da escola e a turma toda me escolheu para fazer um poema para ela, e colocarmos em um cartaz, me senti muito feliz naquele dia. Mas foi com treze anos, depois de ler alguns dos livros da Paula Pimenta, época na qual eu tinha recém-mudado de cidade e escrevia constantemente em um diário, que decidi que algum dia me tornaria uma escritora.



Conexão Literatura: Você é autora do livro “Carolina”, seu lançamento mais recente. Pode nos contar mais a respeito?

Cris Casagrande: “Carolina” é um spin off do meu primeiro livro, “Querida Alice”. Depois de terminar o primeiro livro, minha mãe olhou para mim e disse: “E por que não começa a escrever outro?”. Eu tinha um romance baseado no meu primeiro amor em mente, mas a história da Carol foi colocada em primeiro lugar porque eu achava que ela tinha de ser contada. O início do livro aparece em “Querida Alice” e a história da prima mais velha fica simplesmente sem um final, e sem uma descrição mais detalhada do que aconteceu no durante. A Carol foi feita para ser uma adolescente comum, daquelas que se preocupam com o cabelo, com festas e com meninos, coisas completamente normais da vida de uma menina. Era simplesmente a história de uma garota normal, mas isso não significava que não tivesse muito a contar. Acabei terminando o original antes mesmo do lançamento oficial de “Querida Alice” e, sinceramente, não sabia se tinha gostado tanto do resultado, mas, quando minha amiga Júlia veio me contar que tinha simplesmente amado “Querida Alice” e que queria mais, enviei a ela o original de “Carolina”, para saber sua opinião. Assim, quando ela falou que também tinha se apaixonado, pensei: “É a vez da Carol!”. A história é sobre uma menina que tem que enfrentar uma nova realidade familiar, indo morar com um pai que ela mesma afirma não mais reconhecer, com várias regras novas e redução de contato com a família com quem vivia. Nesse meio tempo também conhecemos suas amigas, seus amores, séries e músicas favoritas, e muito mais de sua personalidade.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo demorou para escrever o seu livro?

Cris Casagrande: As pesquisas não foram difíceis, pois as histórias são bastante cotidianas e também carregam muita personalidade minha, principalmente “Querida Alice”. Entrei em contato com algumas pessoas que tinham vivências de situações sobre as quais eu queria escrever, mas não conhecia de perto, como a realidade de ser filho de pais divorciados, que seria característica da Carolina e não faz parte da minha vida. A parte de pesquisa que foi mais demorada eu posso dizer que foi a leitura de “Alice no País das Maravilhas” e “Alice Através do Espelho”, de Lewis Carroll, obras que eu não tinha lido antes de tomar a decisão de escrever um livro no qual a personagem principal envia cartas à sua personagem literária favorita, cujo nome é o mesmo que o seu. A leitura foi toda feita com muita atenção, para escolher as referências que eu incluiria no livro e também a forma como elas se encaixariam na história da minha Alice. “Querida Alice” foi escrito em pouco menos de um ano, em torno de oito meses se não me engano, nos quais eu encaixava a escrita de uma página por dia em minha rotina; já “Carolina” escrevi em pouco mais de dois meses, pois estava de férias da faculdade, então tinha mais tempo disponível.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Cris Casagrande: Querida Alice: “Tem tanta coisa que eu não sei. Parece que o mundo fica cada vez mais cheio de informações e a minha cabecinha cada vez menos capaz de acompanhar.” Pg. 54.

Carolina: “Levantei de forma brusca e olhei em seus olhos. Não carregavam aquela melancolia sem energia que ela exibia nos últimos meses. Não carregavam nada. Pareciam normais, neutros, até confiantes.” Pg. 169.

Conexão Literatura: Se você fosse escolher uma trilha sonora para o seu livro, qual seria?

Cris Casagrande: “Carolina” na verdade tem uma trilha sonora oficial. Eu fiz uma playlist no Spotify para comemorar um ano de lançamento do livro, na qual coloquei todas as músicas que são citadas na história e também mais algumas que sei que a Carol gostaria. Agora, se “Querida Alice” fosse ter uma trilha sonora, acredito que seriam as duas primeiras músicas do EP das Anavitória “Anavitória canta para pessoas pequenas, pessoas grandes e não pessoas também”: “Mistério” e “Pirilimpimpim”, que são músicas que podem ser chamadas de infantis, mas têm uma profundidade poética maior que a maioria das que encaixamos nesta categoria, assim como classifico meu livro.

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para saber um pouco mais sobre você e sobre o seu trabalho literário?

Cris Casagrande: Quem tiver interesse pode acessar meu site ‘criscasagrande.com.br’, onde há textos, fotos, postagens relacionadas ao mundo da literatura, poesias e também um espaço especial dedicado à minha personagem Alice, com doze textos (que não contêm spoilers dos livros) para conhecer mais sobre ela e também sobre os outros personagens de sua história. Além disso, também podem entrar em minhas redes sociais: meu Tiktok e Instagram são @acriscasagrande, e também administro o perfil (do Instagram) @escrevoromances, todo dedicado ao mundo literário, no qual posto principalmente memes e faço vários jogos nos stories, mas sempre incluo as novidades do meu trabalho. No meu Instagram pessoal, citado anteriormente, posto sobre o meu trabalho literário e musical, pois também sou cantora e compositora, além de outros conteúdos.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Cris Casagrande: Há sim projetos novos em andamento. Pretendo, ainda neste ano, escrever um terceiro livro que complete a história dos personagens do universo da Carolina e da Alice, assim teremos uma espécie de trilogia. Além disso, como já comentei, escrevo poesias desde criança, então logo pretendo lançar um livro deste gênero. Também tenho uma música nova, que já foi gravada e pretendo lançar antes do ano acabar, ela se chama “Há de Ser” e é a música que escrevi para o amor da minha vida, o qual ainda não conheci.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Extraordinário”

Um (a) autor (a): Paula Pimenta

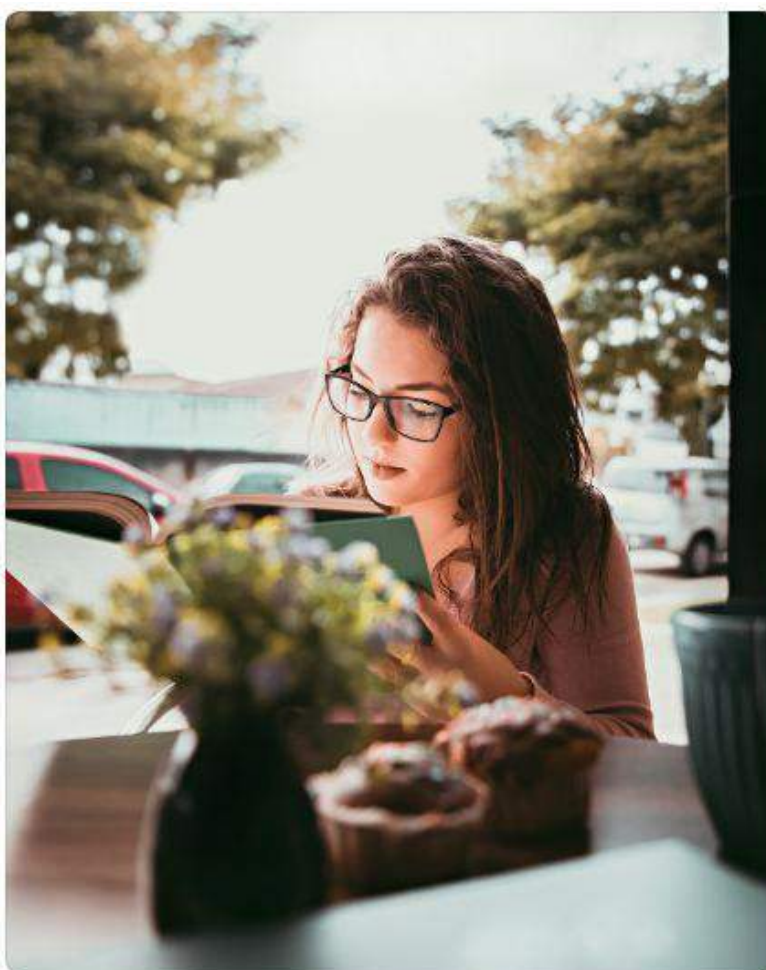
Um ator ou atriz: Tom Holland

Um filme: “Flipped” (em português “O Primeiro Amor”)

Um dia especial: O lançamento do meu primeiro livro, “Querida Alice”.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Cris Casagrande: Primeiramente quero agradecer a oportunidade de falar sobre o meu trabalho, ao qual pretendo dar continuidade por muito tempo. Também gostaria de dizer que tenho três singles já lançados em todas as plataformas digitais (comentei anteriormente que sou cantora e compositora), são eles: “Diz Pra Ela”, “Canto” e “Para Todos Os Garotos Que Não Me Amaram”; todos eles contam vídeos oficiais em meu canal do YouTube (que também conta com alguns outros vídeos musicais): Cris Casagrande, sendo que o último citado tem um clipe todo baseado na trilogia de livros e filmes “Para Todos Os Garotos Que Já Amei”.



ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA



A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

PARA SABER MAIS
CLUBE DE AUTORES - UICLAP
AMAZON

ENTREVISTA

Casa Projetos Literários

COM THIAGO TEODORO



Thiago Teodoro

Nasceu em setembro de 1986, em Pedro Leopoldo/MG, na terra do povo mais antigo do Brasil e das Américas. Escreve, canta e compõe, desde criança. É graduado em Jornalismo, estudou canto, instrumentos e Marketing voltado para o livro e a música.

Foi vocalista de bandas, ganhou concursos, participou de programas de TV e rádio. Assim, Thiago descobriu-se um bardo, alguém que – através de pesquisas – transforma a informação em arte. Suas músicas estão nas principais plataformas, e farão parte do seu primeiro livro: "A Banda Sagrada de Tebas", um romance que resgata a história da homossexualidade.

Entrevista**Conexão Literatura: O que o inspirou a começar a escrever?**

Thiago Teodoro: Na infância, eu criava e desenhava personagens de quadrinhos e super-heróis. Ah, e eu inventava mapas – muitos mapas! Conseqüentemente, passei a escrever histórias para esses personagens e territórios. E nunca mais parei. Metade dos meus cadernos escolares era preenchida com esses desenhos e tramas. Felizmente, meus professores nunca reclamaram!

Conexão Literatura: Você é autor do livro “A Banda Sagrada de Tebas”, ainda a ser lançado. Pode nos contar mais a respeito?

Thiago Teodoro: Esse livro é um baú de conhecimentos que nos foram negados; é o resgate de várias histórias verídicas e contos mitológicos relacionados à homossexualidade. E tudo isso dissolvido em uma única história, em um único romance, cujo cenário principal é o Brasil. Sim, o passado do nosso país está mais relacionado à diversidade do que imaginamos. Os antigos deuses e povos desta terra são prova disso! E eles têm voz nesse livro.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo demorou para escrever o seu livro?

Thiago Teodoro: A paixão pela cartografia me conduziu ao interesse por ilhas submersas, continentes deslocados e povos desaparecidos. Dentre esses povos, está a gente que habitou o Brasil antes dos índios: o Povo de Luzia, descoberto em minha cidade natal. Assim, por volta dos oito anos, tive uma forte impressão de que eu escreveria um livro sobre essas coisas quando estivesse na casa dos 30. E que eu precisaria estudar e pesquisar muito, a partir daquele dia, para ser capaz de fazer isso. Tenho documentos e anotações daquela época. É, eu era uma criança estranha! Já a escrita do livro durou apenas nove meses, pois todo o material que eu precisava para ‘A Banda Sagrada de Tebas’ estava na mesa.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Thiago Teodoro: Logo no primeiro capítulo, o narrador diz algo que resume a trama de ‘A Banda Sagrada de Tebas’: “Porém, o maior Mistério na relação de Pã e o jovem Dafnis é este: por se tratar do mais antigo dos deuses, podemos estar falando do primeiro de todos os bardos e homossexuais. Pã torna impossível o resgate da história da homossexualidade sem falar de música. Talvez as aulas com seu rapaz signifiquem que a música é um dom especial dado ao aspecto homossexual da natureza. Isso justificaria uma questão histórica: as artes sempre foram ofícios de uma maioria gay.”

Conexão Literatura: Se você fosse escolher uma trilha sonora para o seu livro, qual seria?

Thiago Teodoro: A trilha sonora desse romance foi escolhida durante sua escrita, já que ele possui músicas originais (que os leitores poderão ouvir através de *QR Codes*). O título ‘A Banda Sagrada de Tebas’ não é apenas uma referência ao antigo batalhão grego de soldados homossexuais; é o nome de uma banda musical atual (e fictícia). Espero que as pessoas chorem e dançam com essas músicas que compus e gravei.

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para saber um pouco mais sobre você e sobre o seu trabalho literário?

Thiago Teodoro: Estou muito presente nas redes sociais. Você pode me encontrar no Instagram, Facebook, Twitter e TikTok: @ThiagoTeodoroBr. Além do meu site, o thiagoteodoro.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Thiago Teodoro: No próximo mês, lançarei minha nova música autoral. Ela se chama ‘Antínoo’. Além de ser uma das canções que aparecem no livro, é inspirada no personagem central de ‘A Banda Sagrada de Tebas’. Antínoo existiu de verdade. E sua música nos fala sobre homofobia, igualdade e, acima de tudo, amor! Ah, o clipe foi gravado no cenário principal do livro! Será um aquecimento para a chegada da obra.

Perguntas rápidas:

Um livro: As Brumas de Avalon

Um (a) autor (a): Marion Zimmer Bradley

Um ator ou atriz: Taís Araújo

Um filme: Titanic

Um dia especial: Qualquer dia em que o carteiro vá entregar livros na minha casa

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Thiago Teodoro: Obrigado pela oportunidade de falar sobre cultura e informação. No momento em que vivemos, essas são uma das maiores forças que podem nos manter lúcidos.



Ler acompanhado
é bom demais!



ENTREVISTA

COM ELCIO MATOS



Elcio Matos

É formado como técnico de contabilidade e trabalhou a vida toda em áreas administrativas de contabilidade e de RH, e embora não seja um escritor profissional, começou a escrever a obra ficcional “Caminhando à beira do abismo” ainda no início dos anos noventa. Devido a várias razões, como indisponibilidade de tempo, indisposição ao tema que em alguns momentos lhe parecia ultrapassado e superado, o manuscrito permaneceu engavetado até 2020 quando resolveu finalizá-lo após sua aposentadoria definitiva do trabalho. Para escrevê-lo baseou-se, em parte, na sua infância e juventude vividas nos anos do regime militar e no período que esteve no exército no início dos anos 80, já no declínio da ditadura.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Elcio Matos: Acho que a paixão por literatura leva qualquer pessoa ao desejo de escrever o seu próprio livro. Aconteceu assim comigo principalmente quando, certa vez, um professor de português do ginásio, em meados dos anos setenta, chamou-me de lado para elogiar meu caderno de redações dizendo que eu escrevia bem. Mas, ao mesmo tempo, chamou-me de preguiçoso, pois eu não tinha feito nem metade dos textos que ele tinha pedido. Certamente, foi aquele professor que plantou em mim o desejo de escrever um livro, mas profético de certa forma, afinal, muita vezes movido pela indolência do tempo, só fui conseguir publicar um livro após os sessenta anos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Caminhando à beira do abismo". Poderia comentar?

Elcio Matos: Este é um livro que eu vinha escrevendo há mais de trinta anos, e que por várias vezes foi interrompido e retomado desde então. Deixei-o de vez por volta de 2010, quando me dei conta que o pano de fundo dele, vivido no tempo da ditadura militar, estava ultrapassado. Em 2020, quando me aposentei em definitivo do trabalho e passei a ter tempo livre para seguir meu sonho de escritor, resolvi terminar um dos vários livros que tinha começado. Foi aí que resgatei “Caminhando à beira do abismo” ao perceber que, subitamente, a temática do regime militar e todas suas associações estavam de volta ao cenário nacional sob o governo Bolsonaro.

O livro conta a história de Douglas Cabelle, um guerrilheiro que em 1971, no auge da repressão do regime militar, vê seu mundo desmoronar após o fracasso da tão sonhada revolução. Perseguido ferozmente pelo regime, ele passa seus dias escondido, acuado, apenas esperando a queda que parece inevitável. Mas tudo muda quando ele reencontra Mônica, uma antiga namorada da adolescência, que se encontra tão perdida quanto ele após uma tragédia pessoal que destruiu sua vida. E após dez anos sem se verem e com visões de mundo opostas, mas tendo em comum angústias e fracassos, resolvem tentar fugir do Brasil e recomeçar uma nova vida juntos. No entanto, um coronel do exército, obcecado há anos na caça ao comandante Flores, codinome de Douglas na luta armada, fará de tudo para capturá-lo, incluindo a tortura nos chamados “porões da ditadura”.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Elcio Matos: Baseio-me muito na literatura intimista, gosto de exprimir os sentimentos dos personagens. Os escritores que me inspiram a escrever assim são Gabriel García Márquez, Níkos Kazantzákis, Franz Kafka, Ernest Hemingway, Jorge Amado e mais recentemente Itamar Vieira Junior.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Elcio Matos:

“Sentiu então, na cama ao lado de Mônica, um relaxamento que não sentia havia muito tempo. Sua mente estava longe e divagava pela escuridade. Aquele manto negro o satisfazia, o preenchia, não o fazia parecer tão pequeno na minúscula areia cósmica do universo; ao contrário, o fazia sentir-se grande, invencível, e questionador dos pequenos e grandes mistérios que sempre atormentavam o homem, como a origem do universo, a busca de si mesmo e a renúncia materialista do mundo – fragmentos de uma ligeira atração que tivera pelo Budismo logo após ter deixado Deus de lado –, coisas que indagava até seu mundo mudar radicalmente ao descobrir nas literaturas marxistas de que a vida humana não tinha razão alguma de ser. Ela simplesmente existia como todos os outros conjuntos de partículas inerentes à natureza, com a diferença que o homem se sobressaía dominante sobre os outros gêneros devido à sua massa cinzenta mais robusta, consolidada na evolução da espécie. A crença Marxista o fizera calar-se perante seus antigos questionamentos espirituais, tornando-o obediente apenas à ideologia que abraçara; fazendo-o crer que abstrações anímicas eram simplistas demais para elucidar tamanhos mistérios da vida e do universo. Naquela noite, porém, sua mente estava distante da filosofia marxista. Assim, sentia-se emancipado e liberto para voltar a imaginar o mundo como no efêmero passado budista, pré-marxista.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Elcio Matos: O livro por enquanto está sendo vendido apenas pela livraria da editora Giostri, em São Paulo, ou na loja online da mesma:

<https://lojavirtual.giostrieditora.com.br/caminhando-a-beira-do-abismo>

Também pode ser vendido diretamente comigo pelo meu Instagram por um preço menor.

<https://www.instagram.com/elcio.matos.54>

Conexão Literatura: O que tem lido ultimamente?

Elcio Matos: Desde que parei de trabalhar tenho lido muita coisa, romances de ficção, dezenas de biografias, até mesmo livros de astrofísica e antropologia, pois sou fascinado por ciência.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Elcio Matos: Ainda tenho outros quatro livros iniciados prontos para serem retomados. Também gostaria de poder escrever uma segunda parte de “Caminhando à beira do abismo”, trazendo-o para os anos atuais.

Perguntas rápidas:

Um livro: Zorba, o grego – de Nikos Kazantzákis

Um ator ou atriz: Paul Newman

Um filme: Sete homens e um destino (1961)

Um hobby: Ler à beira da praia.

Um dia especial: Os dias que meus dois filhos nasceram.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Elcio Matos: Apenas um desejo. Que o Brasil se arme de livros ao invés de fuzis.



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MAIS DE 200 MIL
LEITORES**

R\$ 150

Entre em contato:

e-mail: ademirpascale@gmail.com

revistaconexaoliteratura.com.br



ENTREVISTA

COM ELIANA MARCOLINO



Eliana Marcolino

A autora é natural de Capitão Andrade-MG. Mora em Marlborough, MA, EUA. É jornalista do Brazilian Times, e professora licenciada da UNIVALE-MG. Doutora em Comunicação Social, documentarista e escritora, organizadora do livro *Cartas pra Elas 2: Muitas Histórias em Nossas Vidas* (2022). Coautora do livro *Cartas pra Elas: Uma História de Vida* (2016) e autora do livro *Comunicação e Loucura* (2005). Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira. Membro da Academia Valadarense de Letras. Colaboradora do Cultural Agents, da Harvard University em 2019. Nos anos de 2021 e 2022, foi finalista (TOP 5), na categoria biografia, na premiação do Focus Brasil em Nova York, da Academia Internacional de Literatura Brasileira.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Eliana Marcolino: Meu primeiro livro “Comunicação e Loucura” foi publicado em 2005, como prêmio da minha dissertação de mestrado, pela Universidade Metodista de São Paulo. Umesp. Esse é um livro técnico-científico.

Biografias e poemas, escrevo desde 2015. Comecei a escrever literatura por um acaso da vida. Sempre achei que escrever um livro fosse para gênios. Infelizmente a escola não nos ensina a ser escritor, muito mal a ser leitor. Porém, a história de vida de uma amiga atravessou a minha vida de uma forma muito intensa, foi diante do sofrimento dela que eu disse: amiga, vamos transformar essa dor em poesia, ela me respondeu, poesia eu não sei, mas quem sabe podemos escrever a minha história de vida. No mesmo dia elaborei o roteiro do livro e começamos a escrever o “Cartas pra Elas: uma história de vida”. É a biografia de uma jovem, cuja mãe fora assassinada, o pai morreu de câncer, e o então marido HIV +. O livro trabalha com três campanhas: Luta contra a violência feminina, câncer e AIDS. A partir da escrita desse livro, nós decidimos escrever outras biografias. Por isso lançamos o livro “Cartas pra Elas 2: Muitas histórias em nossas vidas.

Conexão Literatura: Você é organizadora, juntamente da Dulce Gil, do livro "Cartas pra Elas 2 - Muitas histórias em nossas vidas". Poderia comentar?

Eliana Marcolino: A partir da experiência da escrita do livro Cartas pra Elas: Uma História de Vida, eu e minha amiga Dulce Gil, nos propusemos o desafio da escrita de um outro livro, porém, com cartas de outras pessoas. As pessoas nos escrevem contando as suas histórias de sofrimento e superação. O livro é composto por nove cartas biográficas. Cada carta forma um capítulo, em cada capítulo uma história e, em cada história, um tema para reflexão. As histórias são reais, escritas exclusivamente para este livro, cada mulher escreveu ou contou a sua história pessoalmente. As cartas são assinadas com pseudônimos, assim como os nomes das cidades são fictícios para preservar a identidade das participantes do projeto. Eu digo que o livro Cartas pra Elas tem o carimbo do sofrimento e o selo da superação. É um livro muito emocionante.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro "Cartas pra Elas 2 - Muitas histórias em nossas vidas" especialmente para os nossos leitores?

Eliana Marcolino:

As Cartas trazem temas fortes, mas verídicos.

Sétima carta: De Alana para você (p. 146,147, 2022)

“Sempre fui uma criança muito ativa.

Ativa, até a dor emocional perpetuar e transbordar em dor física em meu corpo.



Eliana Marcolino – Foto divulgação

Ainda muito nova, com apenas nove anos, minha trajetória de dores e superações começou. Com essa idade, era inocente, pura, fui vítima de um abuso sexual.

O sujeito era próximo da família. Um homem casado e que frequentava os mesmos lugares que nós. Os abusadores raramente são alguém distante; geralmente, são próximos, colegas, conhecidos e amigáveis. Dóceis por fora e podres por dentro (...).

Três anos se passaram. Não aguentava mais guardar aquilo comigo, foi então que, aos doze anos decidi contar para minha mãe. Mas como eu iria falar? Como dizer sobre o que aconteceu? Como falar pra ela que o amigo da família que continuava a frequentar nossa casa não era tão amigo? Como não sentir culpa disso? E a vergonha?

O jeito que encontrei de falar com a mamãe foi através de uma carta. Escrevi pra ela tudo que tinha acontecido. Quando foi e como aconteceu. Dobrei a cartinha e coloquei em cima do travesseiro dela” (Alana).

Conexão Literatura: Como autora, os temas que aborda em suas narrativas versam sobre a questão da mulher negra, violência doméstica e imigração. Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Eliana Marcolino: Histórias de vida é a minha maior inspiração. Adoro ler biografias e escrever sobre as pessoas, histórias reais. Geralmente quando converso com as pessoas e elas começam a me contar as suas histórias, me vem sempre um insight.

Como jornalista ouço muitas histórias. Sobre a questão da mulher negra, tenho me dedicado a estudar as escritoras negras brasileiras, considerando que essas há séculos foram relegadas ao esquecimento, além de serem preteridas em relação aos homens e mulheres de pele clara. É verdade que, mesmo que as escritoras afrodescendentes tenham um elevado potencial intelectual elas perdem espaço na sociedade literata dos brancos.

Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista brasileira ficou esquecida em nosso país. Carolina Maria de Jesus foi boicotada pela elite intelectual brasileira, apesar da sua grandeza literária, e bem recentemente, Conceição Evaristo levou um golpe na Academia Brasileira de Letras. Conceição Evaristo é uma escritora reconhecida internacionalmente pela grandeza de suas obras literárias, mas ela não foi eleita para a academia de letras porque o preconceito racial ainda é muito forte nessas instituições. Quem ocupou a cadeira que deveria ser da escritora Conceição Evaristo foi um homem branco sem nenhuma expressão literária. Não vou discutir essa questão aqui, mas lançar luz sobre as obras das escritoras negras brasileiras, para mim, seria uma tentativa de pagar uma dívida que temos para com essas escritoras.

Conexão Literatura: Você é jornalista do Brazilian Times, em Massachusetts. Professora licenciada da Universidade Vale do Rio Doce-UNIVALE, documentarista, Doutora em Comunicação Social, escritora e organizadora. Como é o seu dia a dia? Qual a sua melhor hora para escrever?

Eliana Marcolino: Maior parte do meu trabalho faço Home Office, realizo entrevistas e participo de reuniões online. Às vezes faço alguma cobertura externa e às vezes viajo a trabalho, mas o meu computador está sempre comigo.

Gosto de escrever no amanhecer, acordo geralmente às 6 da manhã e ligo o computador. Sempre deixo meu livro em tela minimizada, enquanto faço outros trabalhos, escrevo as matérias para o jornal, mas quando me vem uma ideia eu abro meu livro e escrevo. Também depende do meu momento de inspiração. Os poemas que escrevi vieram de assalto, tenho que escrever naquele momento que estou sentindo para não perder a ideia, para não perder a emoção, no caso do poema de protesto, não posso deixar escapar a minha indignação. O poema saudades que dói que está no livro Cartas pra Elas 2, eu o escrevi em menos de um minuto. É que eu sentia tanta saudade, que tive de materializar aquele sentimento no papel.

Tem dias que estou mais inspirada, tem dias que sem inspiração nenhuma, nesses dias procuro ouvir músicas, ler meus livros ou assistir a filmes. Ultimamente tenho vivido dias bem tranquilos e inspiradores.

De todas as estações do ano, eu prefiro o verão, adoro dias ensolarados, mas o interessante é que no inverno eu escrevo mais, o frio me empurra para dentro de mim.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro “Cartas pra Elas 2 – Muitas histórias em nossas vidas” e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Eliana Marcolino: Para o leitor adquirir o nosso livro, basta entrar no site da Amazon. Está disponível a versão Ebook em kindle.

<https://www.amazon.com/Cartas-para-Elas-hist%C3%B3rias-Portuguese-ebook/dp/B09YQQS6D4>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Eliana Marcolino: Se você tem um projeto na cabeça, comece agora, não deixe para amanhã ou depois. Tem muita gente com projetos belíssimos na gaveta, eu desafio o leitor a materializar os seus sentimentos. A escrita muitas vezes é terapêutica, alivia as nossas dores.

Escreva e publique, as redes sociais estão potencializando e democratizando as nossas narrativas literárias. Vamos fazer parte do clube dos operários das letrinhas, o valor desse trabalho é imensurável.

Hoje está muito mais fácil escrever e publicar um livro, as tecnologias estão mais acessíveis. Também podemos encontrar grupos que apoiam os escritores iniciantes. Basta fazer uma pesquisa no Google que nos deparamos com concursos com premiações que incentivam os escritores. Isso é animador. A maior dica que dou é: dê visibilidade aos seus projetos nas redes sociais, temos aí uma ótima caixa de ressonância que está fazendo ecoar as vozes dos novos escritores. É o que nós do projeto Cartas pra Elas estamos fazendo.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Eliana Marcolino: Sim, sim, estou escrevendo a biografia de um influencer brasileiro que vive aqui nos Estados Unidos. Por enquanto vou manter o nome em sigilo a pedido dele, mas adianto que é uma história de vida muito emocionante. Ele fala sobre a travessia para os Estados Unidos pelo México e conta sobre a sua condição de gay. Os desafios que enfrentou na vida, os perrengues na América e as suas conquistas. Terminei este livro agora em 2022. Para 2023 vou escrever o Cartas pra Elas 3 com histórias de mulheres brasileiras que vivem nos Estados Unidos.

Perguntas rápidas:

Um livro: Ursula, de Maria Firmina dos Reis

Um ator ou atriz: Matheus Nachtergaele, o humor dele faz cócegas no cérebro

Um filme: O Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna

Um hobby: ler

Um dia especial: 27 de outubro de 2012, quando meu filho Lorenzo nasceu. Esse foi o dia mais feliz da minha vida.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Eliana Marcolino: “O que mais me impressiona, não é a pessoa que não sabe ler, mas sim, quem sabe ler e se recusa a fazê-lo” (Eliana Marcolino).



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

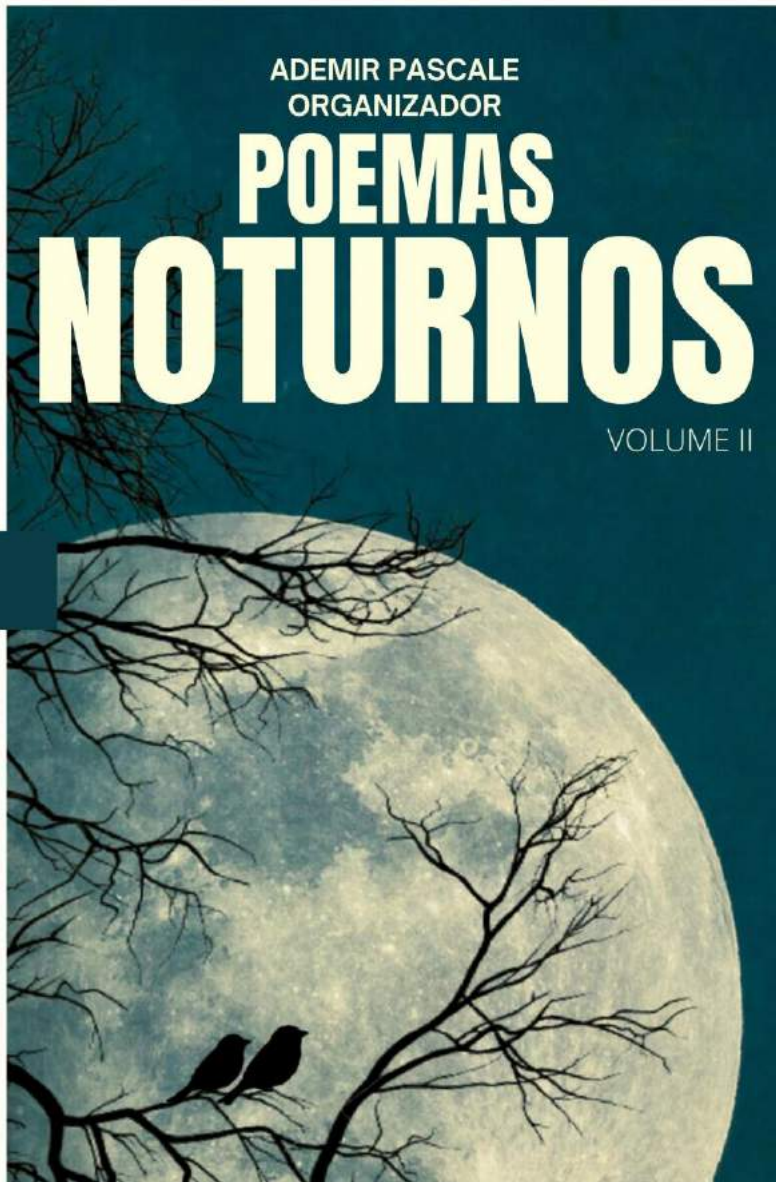
POEMAS NOTURNOS

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

POEMAS NOTURNOS

VOLUME II

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

ENTREVISTA

Por Marcos Pereira dos Santos

COM ROBERTO BELIATTO



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado (2022).

Roberto Beliatto

Brasileiro. Sócio-proprietário e administrador geral do Sebo Espaço Cultural (Loja 1 e Loja 2 – lojas físicas), cujo estabelecimento comercial varejista (compra, venda e troca de livros, revistas, gibis, CDs, fitas VHS, DVDs, discos de vinil e outros produtos/artigos similares deste segmento) está localizado na cidade de Ponta Grossa/PR, Brasil. E-mails para contato: rener.seboespacocultural@hotmail.com (Loja 1 – Sebo Espaço Cultural I) e seboespacocultural2@hotmail.com (Loja 2 – Sebo Espaço Cultural II).

Entrevista

Marcos Pereira dos Santos: Seja bem-vindo, prezado senhor Roberto Beliatto! É uma enorme satisfação entrevistá-lo. Agradecemos pelo aceite de nosso convite. Poderia contar para os(as) leitores(as) quando, onde e como surgiu o estabelecimento em que é sócio-proprietário e administrador geral, nominado de Sebo Espaço Cultural?

Roberto Beliatto: Olá! Foi em 18/02/2004, aqui mesmo na cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná. A ideia surgiu dos meus tios que já tinham esse conceito de Sebo, em outra cidade.

Marcos Pereira dos Santos: Por que motivo o Sebo leva o nome de Espaço Cultural?

Roberto Beliatto: O motivo foi pensar que aqui na cidade (Ponta Grossa) ainda não tinha um local que se referia a um espaço de cultura. Aí surgiu, então, o nome Sebo Espaço Cultural.

Marcos Pereira dos Santos: Atualmente, onde está localizado o Sebo Espaço Cultural? Há apenas uma Loja (física e/ou virtual)?

Roberto Beliatto: Há, atualmente, duas Lojas físicas aqui na cidade de Ponta Grossa, ambas na região central, uma na Praça Barão de Guaraúna, nº 41 (Loja 1) e a outra na Rua XV de Novembro, nº 444 (Loja 2).

Marcos Pereira dos Santos: Além de livros, revistas e gibis, existem outros produtos (novos, seminovos e/ou usados) disponíveis para compra, venda, troca e/ou consignação no Sebo Espaço Cultural? Quais são eles? Comente de forma sucinta como são realizadas tais transações comerciais.

Roberto Beliatto: Além destes produtos citados, temos também CD's, DVD's, LP's (vinil), objetos em miniatura, jogos de tabuleiros, quadros, chaveiros, dentre outros. Nosso sistema comercial funciona da seguinte forma: compra, venda ou troca. Geralmente, para a compra de livros, por exemplo, entra a metade do valor que vendemos o produto na Loja. Na compra vai variar o estilo, a capa e as condições do produto.

Marcos Pereira dos Santos: Qual a clientela que mais frequenta, presencialmente, o Sebo Espaço Cultural? Teria alguma razão especial para isso?

Roberto Beliatto: Por estar o Sebo localizado na região central da cidade, onde tem muitas escolas públicas e privadas, pode-se dizer que os jovens frequentam mais. Porém, como temos uma variedade de produtos, de forma geral, no dia a dia, não se tem um público-alvo. O Sebo é frequentado por várias pessoas, desde crianças a idosos.

Marcos Pereira dos Santos: O Sebo Espaço Cultural possui alguns de seus produtos cadastrados para compra e venda no Portal de Comércio Eletrônico (*e-commerce*) intitulado “Estante Virtual”, que reúne o maior acervo de Sebos e livreiros do Brasil, nos dias atuais. Explique, em breves palavras, como funciona esse processo de compra-venda via Portal Eletrônico “Estante Virtual”.

Roberto Beliatto: Bem, no virtual, apenas vendemos. Estamos, atualmente, com anúncios nos seguintes Portais de Comércio Eletrônico: *Shoppêe Brasil*, Mercado Livre, *Amazon Prime* e Estante Virtual. Então, temos somente venda; ainda. Damos apenas preferência por compras realizadas diretamente no “balcão” das Lojas do Sebo.

Marcos Pereira dos Santos: Dentre livros, revistas e outros, quais produtos têm mais “entrada” e “saída”? Há algum fator, em específico, que ocasiona esse movimento de “oferta” e “demanda” comercial?

Roberto Beliatto: Podemos afirmar, com certeza, que são os livros que mais movimentam essa demanda comercial. Fazendo uma rápida comparação, como exemplo, temos que: de cada 10 compras realizadas, 09 delas são de livros.

Marcos Pereira dos Santos: Nos cenários cultural, literário e científico da sociedade contemporânea, tem-se que *e-books*, *audiobooks*, *podcasts*, revistas eletrônicas, bibliotecas *on-line*, Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), teletrabalho, ensino remoto (modalidade de educação a distância *on-line*) e mídias/redes sociais, por exemplo, têm ganhado cada vez mais espaços e adeptos(as) no mundo digital, rompendo barreiras e fronteiras histórico-geográficas. Qual seria, então, o papel dos Sebos, em geral, frente a esse novo panorama na pós-modernidade? E no que tange às livrarias e às bibliotecas escolares e universitárias existentes tanto em sua forma física/presencial quanto eletrônica?

Roberto Beliatto: Com esse “mundo digital” ganhando cada vez mais espaço, nosso papel é mostrar às pessoas que o livro físico tem suas vantagens, as quais o “digital” não pode oferecer. Pode-se citar, como exemplo, o simples ato de segurar um livro na mão, pois muitas pessoas ainda se identificam com essa questão, bem como poder fazer anotações e anotações, e até mesmo colecionar livros e ter a sua própria biblioteca em casa. Então, o nosso papel principal é este: sempre lembrar cada cliente do prazer de se ter um livro físico.

Marcos Pereira dos Santos: Em sua opinião, qual a importância dos Sebos nos contextos social, literário, cultural, escolar e acadêmico?

Roberto Beliatto: Conhecimento, cultura e valores. Têm infinitas questões envolvidas. Vemos como cada vez mais os pais procuram isso para os seus filhos. Assim, num local (Sebo) como o nosso, se dá essa possibilidade; pois temos muitas opções de livros,

revistas, jogos, entre outros produtos que abordam vários temas de cunho social e, muitas vezes, de modo simples, como é o caso dos livros infantis e infanto-juvenis.

Marcos Pereira dos Santos: Na sociedade capitalista, globalizada, tecnológica e midiática dos dias atuais, alguns(mas) pesquisadores(as) das áreas de Comunicação Social/Jornalismo, Literatura, Educação, Filosofia, Sociologia e Estudos Culturais, por exemplo, cogitam o “fim” do material impresso (papéis, livros, revistas, documentos em geral, entre outros materiais congêneres) num futuro bastante próximo, prevalecendo assim o virtual/digital/eletrônico/midiático/*on-line*. O que o senhor poderia nos dizer a respeito desta afirmação, por ora, hipotética?

Roberto Beliatto: Posso dizer que não terá esse “fim”, uma vez que sempre haverá aquela pessoa que ama colecionar seus livros, aqueles clientes que amam escutar seus LP’s em sua vitrola. Sempre haverá, também, aquela senhora que prefere sua revista de tricô, no formato impresso, para folhear e acompanhar os “passos a passos” da ‘arte de tricotar’.

Marcos Pereira dos Santos: Caminhando para o desfecho desta entrevista, e agradecendo, novamente, pela sua colaboração e participação, o senhor deseja encerrar tecendo algum comentário adicional, em linhas gerais?

Roberto Beliatto: Bem, volto a ressaltar a importância da leitura, seja ela de um livro complexo ou de uma revista em quadrinhos de algum super-herói; por exemplo. Ler muda as pessoas, e nada é mais gratificante do que ter um espaço que proporciona essa experiência.

Perguntas rápidas

Um livro especial: O Vendedor de Sonhos (autoria de Augusto Cury).

Um(a) autor(a) preferido(a): Augusto Cury.

Um filme predileto: O Menino do Pijama Listrado (autoria de John Boyne).

Um sinônimo de cultura: Valores e Princípios.

Um projeto em pauta: Nada a declarar, no momento.

Um *hobby*: Natureza (passeios, ficar ao ar livre).

Uma data importante: 25/01/1959.

Um sonho ou desejo: Um mundo de paz.

Uma indicação de leitura de obra literária: Jacu Rabudo (autoria de Hein Leonard Bowles).

Um *site* da *internet* de divulgação do Sebo Espaço Cultural:
www.seboespacocultural.com.br

Uma palavra final: Obrigado pela oportunidade de poder contar um pouco mais do Sebo Espaço Cultural.

Agradecimentos

O entrevistador agradece, em especial, ao entrevistado pela gentileza em contribuir com suas respostas e concessão de créditos de imagem (foto) à entrevista realizada, em 13/10/2022, de modo virtual. Aproveitando o ensejo, presta-se agradecimento, em particular, ao senhor Ademir Pascale, escritor, poeta e editor-chefe da Revista Conexão Literatura, pela proverbial atenção, confiança e oportunidade ímpar de elaboração e publicação desta entrevista, a qual é, certamente, de extrema relevância para a cultura literária brasileira, paranaense e pontagrossense, bem como para todos(as) os(as) leitores(as). Muito obrigado!

Dicas de leitura sobre Sebos Culturais em Ponta Grossa/PR – Brasil

ANTUNES, I. **Ameaçados pelo digital, sebos investem em vendas on-line.** Disponível em: <https://arede.info/mix/416474/ameacados-pelo-digital-sebos-investem-em-vendas-on-line?d=1>. Reportagem publicada em: 26/03/2022. Acesso em: 20/10/2022.

BARRETTA, L.; AZEVEDO, L.; WARICODA, L. **Um dia no porão: os ratos de sebo de Ponta Grossa.** Disponível em: <https://www2.uepg.br/culturaplural/um-dia-no-porao-os-ratos-de-sebo-de-ponta-grossa>. Reportagem publicada em: 21/12/2012. Acesso em: 18/10/2022.

DEMARTINI, M.; KAI, G. **A cultura dos sebos em Ponta Grossa.** Disponível em: <https://www2.uepg.br/culturaplural/a-cultura-dos-sebos-em-ponta-grossa>. Reportagem publicada em: 10/05/2012. Acesso em: 18/10/2022.

MARCEL, J. **Um espaço cultural no meio de Ponta Grossa.** Disponível em: <https://criticadeponta.wordpress.com/2011/05/20/um-espaco-cultural-no-meio-de-ponta-grossa>. Reportagem publicada em: 20/05/2011. Acesso em: 19/10/2022.

MURILO, C. **Após fechar sebo em PG, proprietário vende resto do acervo nas redes sociais.** Disponível em: <https://ncg.news/noticia/3050/apos-fechar-sebo-em-pg-proprietario-vende-resto-do-acervo-nas-redes-sociais>. Reportagem publicada em: 27/07/2021. Acesso em: 20/10/2022.

NASCIMENTO, L. C.; MARA, M. **O ouro dos tolos: experiência de quem compra e vende nos sebos de Ponta Grossa.** Disponível em: <https://uepgfocafoto.wordpress.com/2012/08/10/o-ouro-dos-tolos-experiencia-de-quem-compra-e-vende-nos-sebos-de-ponta-grossa>. Reportagem publicada em: 10/08/2012. Acesso em: 20/10/2022.

TRAVENSOLLI, A. **Uma opção de economia em sebos.** Disponível em: <https://criticadeponta.wordpress.com/2010/06/30/uma-opcao-de-economia-em-sebos>. Reportagem publicada em: 30/06/2010. Acesso em: 19/10/2022.

Sobre o entrevistador

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro, Natural da cidade de Ponta Grossa/PR. Pós-doutor em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Pesquisador em Ciências da Educação. Literato (escritor e poeta). Docente adjunto da Faculdade Rhema (FACUR) - Arapongas/PR. *E-mail:* mestrepedagogo@yahoo.com.br

ENTREVISTA

COM MAYARA LIMA



Mayara Lima

Interessou-se pelas artes e pela escrita, ainda na infância. Escrevia contos infantis e reescrevia as estorinhas dos desenhos animados que acompanhava na TV; também fazia livrinhos artesanais para si mesma. É graduada em Psicologia pela UNIPÊ. Atualmente escreve romances, contos, poesias e crônicas, tendo integrado o coletivo

“Transpiração Literária” entre 2015 e 2016. Em 2016, publicou seus minilivros Poemas, contos e reflexões e Quem sou eu : Meu epitáfio e em 2017, publicou também em formato de minilivro e e- book o seu romance “O homem da casa verde”, que virou um filme de curta-metragem em 2018.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Mayara Lima: Comecei ainda criança. Aos 9 anos, escrevi um livro artesanal chamado “Bende”, inspirado no desenho “Cavalo de Fogo”.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “O homem da casa verde”. Poderia comentar?

Mayara Lima: É um livro que conta a história de um homem misterioso que morava em uma vila, onde vai morar uma família .



Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Mayara Lima: Pesquisei muito na internet, o personagem misterioso foi inspirado no artista plástico Artur Bispo do Rosário, no escritor Paulo Coelho e em um amigo meu, Sandoval Fagundes que morou em uma pequena vila. O livro demorou 6 anos para ficar pronto. Comecei a escrevê-lo em janeiro de 2010 e terminei em junho de 2016.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Mayara Lima: A família foi até a porta ver o que estava acontecendo quando perceberam passar um homem todo vestido de preto em plena luz do dia, calça camisa e sapatos pretos, com uma capa preta nas costas, barba branca, cabelos

brancos compridos até a cintura e amarrados em um rabo de cavalo, medalhões no pescoço e anéis em todos os dedos, aparentando ter entre 50 e 60 anos.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Mayara Lima: Acessando o site da editora e-galáxia ou da Amazon.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Mayara Lima: Sim.

Perguntas rápidas:

Um livro: O jogo das contas de vidro

Um (a) autor (a): Herman Hesse

Um ator ou atriz: Marcélia Cartaxo

Um filme: Na natureza selvagem

Um dia especial: 13 de dezembro

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Mayara Lima: Eu gostaria de mais uma vez agradecer a Revista Conexão Literatura pela oportunidade de falar sobre mais um livro meu.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM MEIRE MARION



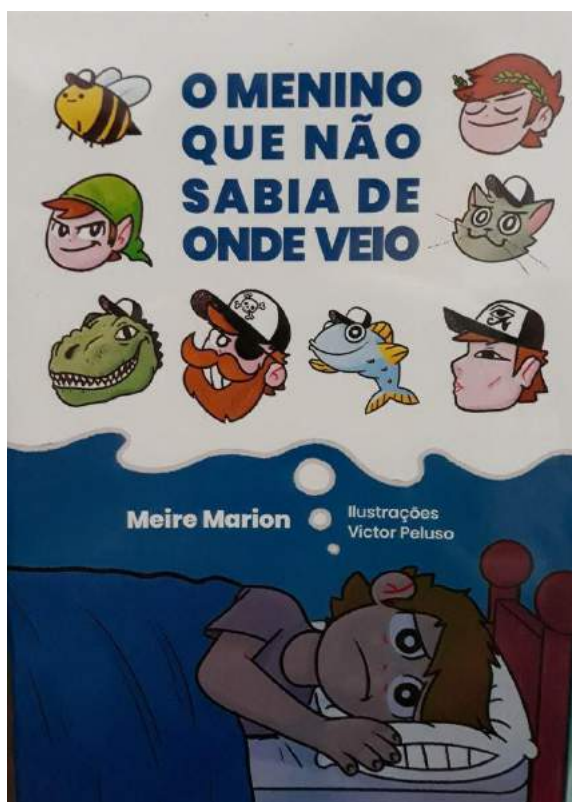
Meire Marion

Professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021) e *Dois Gatinhos* (2021). Colunista da *Voo Livre Revista Literária* onde escreve para os pequenos leitores. Diretora da UBE - União Brasileira de Escritores. Também participa de diversas antologias com poemas e contos. Gosta de lecionar, ler, escrever, cozinhar, viajar e gatos.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Meire Marion: Comecei na infância, com muita leitura e histórias em vários cadernos que serviam como diários também, porém só comecei a mostrar os meus textos (contos, crônicas, poesias, pensamentos escritos em inglês) no blog: Meire Marion's Corner em 2011. Os textos são em inglês, pois é a minha primeira língua. Só em 2018 tive a coragem de publicar um livro em inglês pela editora Scortecci chamado Charlie the Fish, texto e ilustrações minhas. Depois dessa experiência muito agradável não parei mais.



Conexão Literatura: Você é autora do livro "O menino que não sabia de onde veio". Poderia comentar?

Meire Marion: É o primeiro livro de três (ainda em produção) que conta a história de um menino de dez anos, Joao, que tem muitos questionamentos, quer muito descobrir de onde tinha vindo, qual era seu passado, quem foram seus pais e por que sentia uma tristeza imensa quando olhava para o céu.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Meire Marion: Esse livro foi escrito quando o ilustrador, meu sobrinho, Victor Peluso, tinha 10 anos (hoje com 26). A história nasceu por causa de um desenho que ele fez para mim

(ainda o tenho), mas a história ficou na gaveta até 2019 quando pedi para o Victor ilustrá-lo, portanto demorou mais ou menos 14 anos.

Para o primeiro livro não fiz muita pesquisa, porém, para o segundo estou estudando muito sobre diferentes culturas e também revendo meus estudos em ufologia (spoiler), incluindo fatos que ocorreram nas minhas aulas e com membros da família, já que os personagens todos tem nomes de familiares. O protagonista, João, me inspirei no meu pai. O lançamento deste livro foi em 2020 virtualmente por causa da pandemia.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Meire Marion: “Ele olhou a caixa de todos os ângulos. Bolachinha acompanhou os movimentos de cabeça do dono. Nosso amigo estava confuso. Como aquela caixa foi aparecer em cima da cama dele? Mais um mistério para sua vida, ninguém merecia...”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Meire Marion: Podem adquirir meu livro pela Livraria Asa Abeça, Livraria do Mercado, Amazon, Magalu, e Estante Virtual.

Os leitores podem saber um pouco mais de mim através das antologias da Editora Scortecci, Páginas Editora, e Revista Conexão Literária. Também através da minha coluna na Voo Livre Revista Literária. E meu blog, escrito em inglês, Meire Marion’s Corner.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Meire Marion: Sim, estou para lançar um livro infanto-juvenil em inglês ainda este ano.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Menino do Dedo Verde

Um (a) autor (a): Haruki Murakami

Um ator ou atriz: John Cusack

Um filme: A Espera de um Milagre

Um dia especial: 14 de julho

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Meire Marion: Eu gostaria de agradecer a Revista Conexão Literatura pela oportunidade de falar sobre o meu livro. E aos leitores, crie o hábito da leitura com as crianças próximas de vocês no futuro elas vão agradecer.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM MELISSA BARBOSA

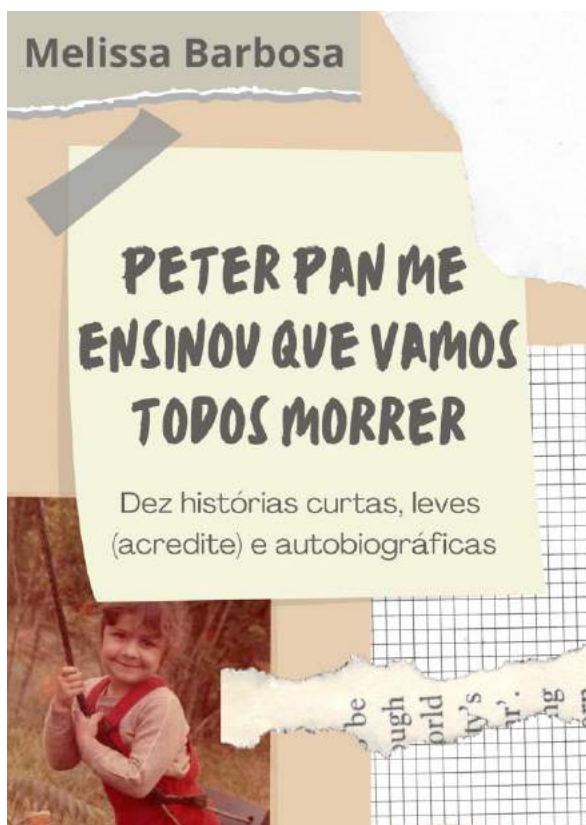


Melissa Barbosa

Nasci há 42 anos em Porto Alegre. Sou formada em Jornalismo, Filosofia e Letras (sim, adoro estudar!). Já fui repórter e assessora de imprensa e atualmente trabalho como professora de inglês. Escrevo histórias e poemas desde criança. Hoje, tenho contos e poemas publicados em mais de 30 coletâneas e já lancei cinco livros "solo" com contos, poemas, microcontos e crônicas.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Melissa Barbosa: Comecei a ler com apenas três anos de idade. E foi quando escrevi e illustrei meu primeiro livro, *A Dona do Ninho*, sobre uma passarinha que tinha de trabalhar fora e cuidar de seus filhotes. Infelizmente, com as mudanças da vida, ele foi perdido. Anos depois, na hora de escolher uma profissão, optei pelo Jornalismo para poder escrever todos os dias. Na época da faculdade, também fiz uma oficina literária com o Luiz Antonio de Assis Brasil. Foi um curso longo, de quase um ano, e no fim publicamos uma coletânea de contos. Depois disso, por anos publiquei meus contos num blog. Demorou quase uma década até que eu tivesse a oportunidade de participar de outra antologia impressa. Mas daí não parei mais. Hoje, com 42 anos, tenho contos e poemas em mais de trinta antologias, impressas e digitais, e cinco livros “solo” publicados. Na minha escrita, gosto de ser concisa, por isso escrevo muitos contos e microcontos, além de crônicas e poemas.

**Conexão Literatura: Você é autora do e-book "Peter Pan me ensinou que vamos todos morrer" (eBook Kindle). Poderia comentar?**

Melissa Barbosa: Estou sempre estudando sobre a escrita, pois sempre há algo novo para se aprender. Este ano, em um dos cursos online de que participei, a professora disse algo que me marcou muito: “Quem sobreviveu à infância sempre vai ter uma história para contar.” Eu nunca tinha escrito nada a partir da minha própria experiência, minhas histórias geralmente vão do realismo mágico à ficção científica, então pensei que seria algo interessante de fazer. Selecionei dez “causos” da minha vida e os escrevi em forma de crônica, buscando uma voz leve e divertida. Foi assim que nasceu esse livro.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Melissa Barbosa: Geralmente, começo a pensar em frases ou imagens. Quando uma me chama a atenção, penso na história por trás dessa imagem ou na qual a frase poderia se encaixar. Para escrever microcontos, gosto do desafio de ter de usar uma palavra

específica. No caso do *Peter Pan me ensinou que vamos todos morrer*, contudo, o processo foi diferente, pois é um livro baseado na minha vida.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu e-book especialmente para os nossos leitores?

Melissa Barbosa: “Eu tinha oito anos, vestia um vestido azul-claro, usava um brilho labial com gosto de morango e me sentia extremamente infeliz. No pátio da escola onde estava com minha mãe e minha avó paterna, essa infelicidade era a cereja no bolo do meu não pertencimento. As outras crianças corriam alegres de um lado para o outro. Eu só queria ir para casa. Minha mãe me fulminou mais uma vez – a quarta naquela tarde – com aqueles olhos verdes que, para mim, determinavam a vida e a morte. Não que eu achasse que de fato haveria alguma morte, mas o olhar de decepção era muito mais assustador do que a eternidade inescrutável. Aquilo só ampliou minha sensação de deslocamento. Ninguém mais parecia estar encrencado.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu e-book e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Melissa Barbosa: Pode ir no meu site: www.melissabarbosa.com.br

Conexão Literatura: O que tem lido ultimamente?

Melissa Barbosa: Estou lendo vários livros ao mesmo tempo, cada um com um propósito. *Meditações* do Marco Aurélio, porque ando bastante interessada no estoicismo; *Enxaqueca*, do Oliver Sacks, já que infelizmente sofro desse mal (e adoro como esse autor escreve); *The Anatomy of Waves*, um livro de poemas em inglês escrito por Tasmin Hansmann, pois assisti a um curso dela sobre poesia no SkillShare e gostei muito; *Micro-nouvelles*, de Frédéric Mathieu, para treinar meu francês; e *Breve storia d'Italia per studenti stranieri*, de Fabio Pesaresi, que é, bom, um livro sobre a história da Itália para estudantes de italiano.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Melissa Barbosa: Vários! Ano que vem estarei em oito novas antologias. Também vou lançar dois livros impressos, um de poesia e um com microcontos, ambos pela Simbiose, um selo da Editora Andross.

Perguntas rápidas:

Um livro: *A Casa dos Espíritos*, da Isabel Allende

Um ator ou atriz: Emma Watson

Um filme: *Tróia* (2004)

Um hobby: Desenhar

Um dia especial: Meu casamento, dia 11 de janeiro de 2017! Foi muito simples, nós não queríamos uma grande festa, mas estávamos muito felizes.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Melissa Barbosa: Obrigada pela oportunidade!



ENTREVISTA

COM NELSON LOURENÇO



Nelson Lourenço

A paixão pelos Beatles fez o paranaense Nelson Lourenço colecionar tantas referências musicais quanto literárias em suas estantes. “Já juntei uns dois mil CDs, e tive que me desfazer da maioria. Mas dos livros não tem jeito, a gente carrega pra onde for”, diz ele.

Jornalista de formação, começou a publicar tardiamente, ainda que produzisse ficção desde a adolescência. A pandemia acabou sendo produtiva para ele: finalizou *Paraíso Selvagem*, seu primeiro romance, lançado pela Kotter Editorial, e agora prepara novo livro para o ano que vem.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Nelson Lourenço: Sempre escrevi ficção, contos principalmente, mas foi somente nos últimos dez anos que resolvi levar adiante a ideia de publicar. Meu primeiro trabalho impresso foi o conto Homem-Placa, que saiu na extinta Revista da Folha, da Folha de S. Paulo. De lá para cá, estive em coletâneas de contos, ministrei oficinas de literatura e participei da FLAQ, a Festa Literária de Aquiraz, às vezes nos bastidores, participando da curadoria, e às vezes mediando as mesas de autores. Também procurei ter aulas com os melhores quando o assunto é workshop literário: Márcia Denser, João Silvério Trevisan, Nelson de Oliveira.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Paraíso Selvagem". Poderia comentar?**

Nelson Lourenço: Há muito tempo, ganhei um concurso do antigo Jornal da Tarde (sim, sou amante de jornal impresso até hoje) sobre o aniversário de lançamento do disco Sargent Pepper's. A historieta que criei na época girava em torno da ideia de as celebridades que estão retratadas na capa do disco ganharem vida. Daí resolvi escrever um romance com esse ponto de partida, mas acontece que a tarefa foi ficando cada vez mais difícil. Me concentrei apenas no Elvis, imaginei como seria se ele ainda estivesse por aí, tentando sobreviver, arranjando um emprego e pagando as contas. Esse foi o embrião do Paraíso Selvagem.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação?

Nelson Lourenço: Costumo acordar cedo, todos os dias. Gosto de escrever logo pela manhã ou no final da tarde. Quando estou envolvido com uma história, tento escrever sempre que posso. Para textos mais longos, procuro delinear bem a história que desejo contar, os personagens e o encadeamento dos capítulos, antes de começar. E não deixo de ler mesmo nos momentos mais conturbados. Pode ser um romance, um conto, uma biografia ou alguma coisa de filosofia, um ensaio, enfim. Tem sempre alguma coisa na minha cabeceira.

Conexão Literatura: Quais são as suas inspirações?

Nelson Lourenço: Gostaria de ser um artesão, como Fitzgerald, mas acho que sou mesmo mais do tipo Hemingway, mais econômico. Deve ser influência do jornalismo. Gosto muito da narrativa seca e poética de Dalton Trevisan, pra mim é a perfeição. O Paraíso Selvagem tem um pouco de tudo isso e também influência da literatura beat, do pulp, de Salinger, entre outras referências.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Nelson Lourenço: Olha, tem um capítulo inteiro disponível na Revista Zunai. Foi publicado antes mesmo do livro sair. É o primeiro capítulo em que o Elvis aparece na história. É só acessar <https://www.revistazunai.org/post/sapatos-de-camurça-azul-por-nelson-lourenço> para ler.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Nelson Lourenço: O jeito mais fácil é entrar no meu site pessoal, o universonerso.com. No final da página inicial tem meu email, para que o leitor entre em contato e eu envie o livro pelo correio.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Nelson Lourenço: Hoje qualquer pessoa que se dispuser a escrever consegue publicar um livro. Mas nem todos vão persistir na carreira de escritor. Um bom livro de estreia é fundamental para quem deseja continuar escrevendo. Trabalhem duro na trama, na construção dos personagens, na reescrita, no polimento. Escolham alguém para uma primeira leitura no texto que pretendam publicar, não necessariamente um amigo, mas alguém que tenha capacidade de fazer uma leitura crítica. E procurem boas editoras, que se preocupem em ter boas obras em seu acervo.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Nelson Lourenço: Sim, tenho pronto um romance juvenil, sobre um garoto que se apaixona na pandemia, e outras histórias que ainda estão no forno.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Apanhador no Campo de Centeio

Um ator ou atriz: Ingrid Bergman

Um filme: Os Bons Companheiros

Um hobby: Viajar

Um dia especial: Quando recebi a notícia de que a Kotter iria publicar meu livro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Nelson Lourenço: “Até os anjos mergulham no inferno”. Não é do Paraíso Selvagem, apesar de ter tudo a ver com o romance. É de um texto antigo meu, Preciosidade, que está no blog, o Instant Karma (<https://nelsonlourenco.blogspot.com>). Convido a todos a irem lá também para lerem um pouco mais da minha produção.



ENTREVISTA

COM SAMARA NUNES



Samara Nunes

Carioca com formação em Rádio, Comunicações e Artes. Sobrinha-bis-neta de Ernesto Nazareth e prima de Bené Nunes — a arte corre no DNA da família. Atuou como Locutora, Apresentadora de TV, Atriz e Diretora de Musicais. Possui vários títulos publicados tais como: "A Mulher que não Existia", "O Último Segredo", "A Visita de Jaime", "O Prato do Gato", "O Pio da Coruja", "O Velho e o Cão" e seu recente trabalho: "O Insólito Caso dos Desaparecidos". Todos disponíveis no site do Clube de Autores.

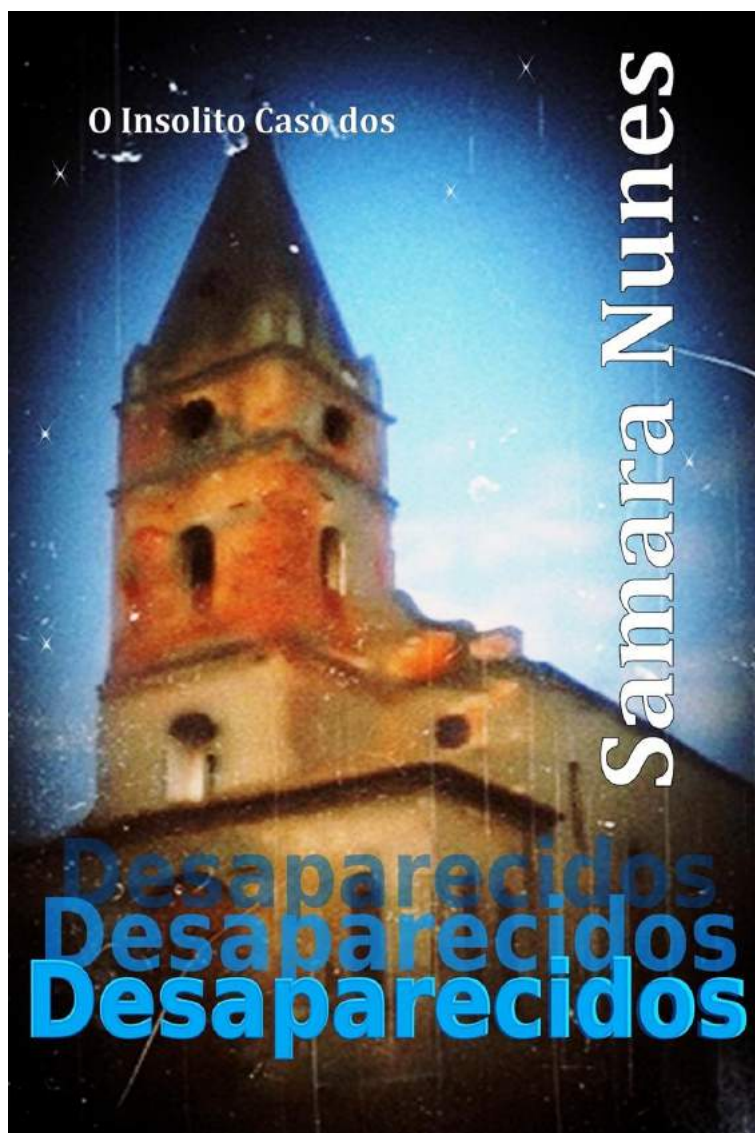
Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Samara Nunes: Encontrei a paixão pela ficção em 2014, após concluir o curso de roteirista da NetLab, onde ganhei o apelido de: “A Terrível” Samara Nunes. Isso devido ao elemento fantástico que sempre incluí em minha escrita. Considero-me uma escritora de Mistério e suspense, com uma pitada de realismo fantástico. As únicas histórias fantasmagóricas que escrevi encontram-se engavetadas (sorriu), com exceção de “O Invertido” que é narrado no YouTube e publicado no Wattpad. Mas, o medo e a maldade, estão sempre presentes em minhas obras.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "O insólito Caso dos Desaparecidos". Poderia comentar?

Samara Nunes: É uma ficção e tudo acontece no Engenho do Alto; um bairro movimentado, com muito comércio e coisa e tal, onde pessoas desaparecem do nada. O suspense torna-se maior quando surge o drama social de crianças que moram nas ruas. Acredito que muitos leitores se identificarão com os diversos temas abordados nas entrelinhas e, é lógico... com o fantasma dos desaparecimentos.



Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Samara Nunes: Comecei esse romance em 2019 e só terminei agora, em 22. Trata-se de uma história inventada, sem nenhuma relação com a realidade. Porém, não posso deixar de mencionar as ruínas da antiga Capela de São Pedro Apóstolo, do Encantado, de onde veio toda a inspiração que resultou na obra. No livro também presto uma homenagem à população de

Engenho de Dentro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Samara Nunes: É um romance policial e o amor está no ar... o leitor vai encontrar muita emoção, mistério e paixão. Uma curiosidade — Devido à eficiente atuação do atual pároco, o Padre Jorge Lutz — que segue à frente dos trabalhos de restauro da Capela de São Pedro Apóstolo — tive de mudar o final do livro, pois na versão anterior as ruínas jamais seriam restauradas... Mas em 2021, com recursos próprios e atendendo a todas as exigências, foram iniciadas as obras da primeira fase de restauração do templo, então, nada mais justo que mudar o final.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Samara Nunes: Meu insta é: @samaranunes.escritora. No Clube de autores: www.clubedeautores.com.br digite o nome do livro. Adoraria que ouvissem e comentassem a narração, no YouTube, de: “O Pio da Coruja, O Prato do Gato, O Invertido”, disponíveis em playlists no “Canal Contos que Encantam” e “Uma Carta Para Noel” no “Canal Conto um Conto”, de meu amigo Marcelo Fávoro. Sempre procuro por ávidos leitores, mas recomendo que não leiam, ou não ouçam as histórias de Samara Nunes, antes de dormir.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Samara Nunes: No momento estou empenhada no EVENTO de LANÇAMENTO, que será no dia 09/11 às 16h, no Galpão Cultural do Engenhão, que fica ao lado da Estação Olímpica do Engenho de Dentro. Teremos uma série de atrações e nosso Palestrante é o Padre Jorge Lutz. Exibiremos imagens aéreas das ruínas, gentilmente cedidas pela Inspira Drone, e ainda teremos um Coletivo de Autores em um bate-papo informal, agregando culturas e conectando-nos ao público. A entrada é franca e todos serão bem-vindos ao apoiar o bairro, a literatura e o autor nacional; a Conexão Literatura está convidada para cobrir o evento (risos).

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Samara Nunes: Apenas agradecer a Deus; a toda minha família: amadas primas e primos queridos; ao Padre Jorge Lutz, por tanta generosidade; à Lucia Armenio Leal, minha magnífica incentivadora; ao Poeta Orpheu Luz Leal que escreveu uma crítica emocionante sobre esse trabalho; a todos os acadêmicos da APALA – Academia Pan-Americana de Letras e Artes e aos meus queridos leitores, que me prestigiam e me impulsionam a escrever cada vez melhor... Gratidão eterna a todos!

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS MARÍTIMOS

E-BOOK

ANTOLOGIA NACIONAL

POEMAS MARÍTIMOS

POEMAS SOBRE O MAR - VOLUME II



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

saiba mais: clique aqui

ENTREVISTA

COM WESLEY COLL



Wesley Coll

Escritor, músico, jornalista e gráfico. Viveu por 17 anos em PoA onde publicou em antologias literárias e se apresentou como músico, ator, artista, líder da Banda neon e codiretor do Teatro Um (de 1982-83). Vive há mais de três décadas em Nova York on trabalha como jornalista, tradutor, intérprete e músico de rua. Editor de Colltales.com, um blog sobre a vida, o mundo e todo o resto. Casado e pai de Coll Dennis.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Wesley Coll: Escrevo e canto desde que me conheço como pessoa. Meu pai, que exerceu várias profissões como advogado, reverendo e professor universitário, e meus dois irmãos também sempre tiveram este hábito. Meu irmão Norton Coll já tem vários livros de contos publicados. Mas a grande reviravolta foi durante o final da adolescência quando conheci, me tornei amigo e convivi com grandes escritores como o Caio Fernando Abreu, Ligia Savio, Henrique do Valle, Eduardo San Martin, Nei Duclós e tantos outros.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "Aquela Vaca Tá Louca". Poderia comentar?

Wesley Coll: O 'Vaca' é acima de tudo um livro de memórias dos anos 70, vividos em comunidades, viagens de carona, acampamentos e aventuras não só no sul, como no Rio, onde nasci, São Paulo e até Amazônia via Acre. Destaco os contos de 'Férias do Vagabundo,' que retrata os anos de chumbo da ditadura militar e da geração que viveu à sua sombra da maneira que foi possível: compartilhando drogas e cultura. Incluo também histórias sobre as quatro cidades portuárias que nortearam minha caminhada, além de contos e crônicas sobre personagens semireais e fictícios.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Wesley Coll: Este livro já esteve prestes a ser publicado algumas vezes, a última há uns cinco anos. Quer dizer, ele viveu na gaveta e acumulou possibilidades de publicação que no fim não se concretizaram. Mas a memória dos fatos e acontecimentos tem me acompanhado por pelo menos 25 anos. Tive de tomar a decisão de financiar minha própria obra porque, dada a conjuntura atual e meu talento limitado, corro o risco de nunca ser publicado. Além do mais, vai servir de homenagem às grandes pessoas que são meus amigos, muitos que infelizmente não vão ver na página impressa aquilo que todos vivenciamos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Wesley Coll: "A chuva começou assim que fechamos os olhos. Logo depois do galão de vinho, das cantorias, dos tapas num baseado. Alguém jogou um poncho na minha cara, única cobertura na única vez em que dormi debaixo de um temporal. Choveu e trovejou a noite inteira. Bom sinal: a procura por cogumelos prometia viagens e desvarios já nas primeiras horas do dia. Nada como adormecer com a esperança de pirar no amanhecer." Trem Azul, Férias do Vagabundo.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Wesley Coll: O livro vai estar disponível na banca e site da Associação Gaúcha de Escritores Independentes e por pedidos de reembolso postal. Com sorte, o vasto material que publiquei no Brasil em publicações esparsas, antologias e imprensa poderá ser revitalizado com este lançamento. Mas meu blog, Colltales é onde continuo escrevendo e registrando tanto meus textos mais jornalísticos como de ficção (em inglês com tradução Google disponível). Através do blog, leitores poderão me contatar para maiores informações.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Wesley Coll: Sim, além deste livro, tenho três outros no prelo, todos em inglês: um de contos e crônicas, uma compilação de artigos publicados no Colltales, e um de poesia.

Perguntas rápidas:

Um livro: Água Viva, de Clarice Lispector

Um autor: Carlos Drummond de Andrade

Um ator ou atriz: Marlon Brando, Fernanda Montenegro

Um filme: Paris, Texas

Um dia especial: 19 de maio de 1999, nascimento do meu primeiro filho.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Wesley Coll: Agradeço à Conexão pela oportunidade e convido a todos a se registrar no evento virtual de 15 de novembro às 18h.

<https://www.nypl.org/events/programs/2022/11/15/cow-mad-book-release-wesley-colls-aquela-vaca-ta-louca-hybrid-event>

Muito Obrigado.



Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se

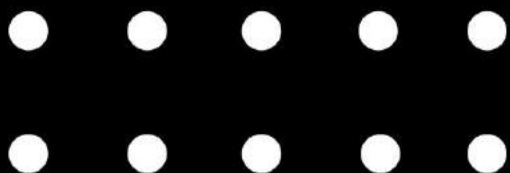


Agradecimentos aos apoiadores:

Roberto Schima - Mayanna Velame - Sandra Boveto
Ana Beatriz Silva Carvalho - José Luís Farias Pereira -

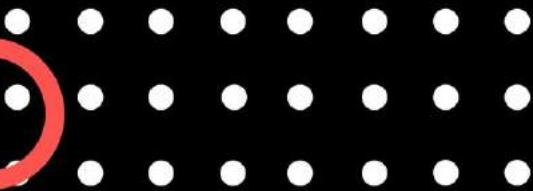
você também pode apoiar, acesse:

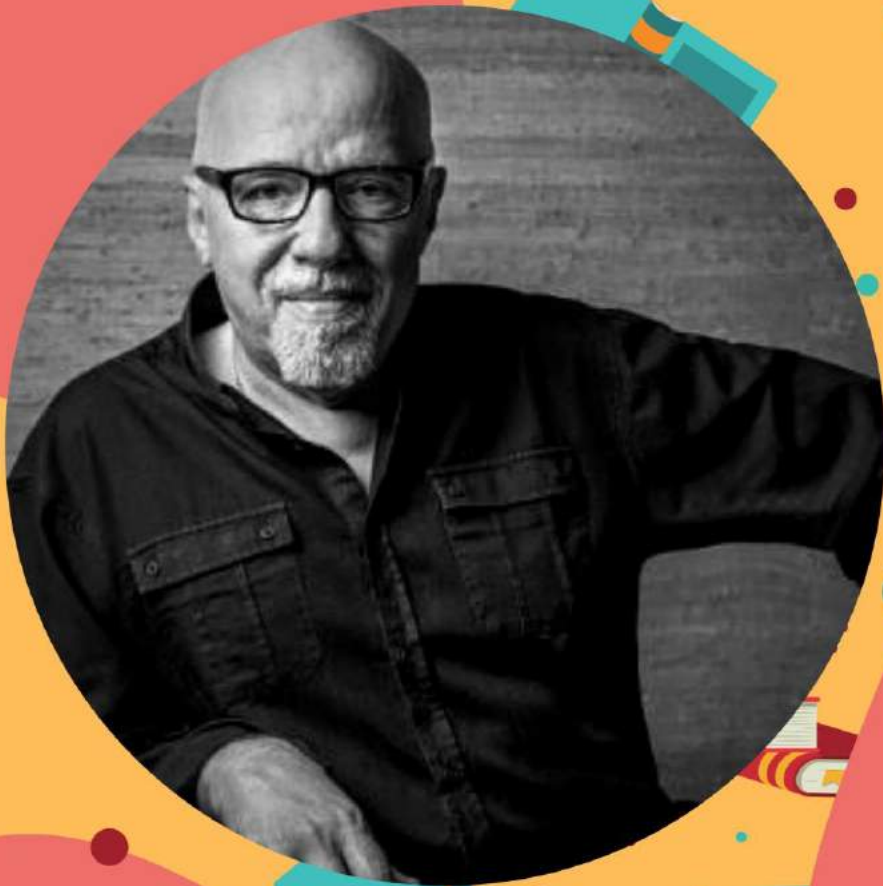
<https://apoia.se/conexaoliteratura>



CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





PAULO COELHO

Sempre que possível, seja claro. Mas que sua clareza não seja o motivo para ferir os outros.

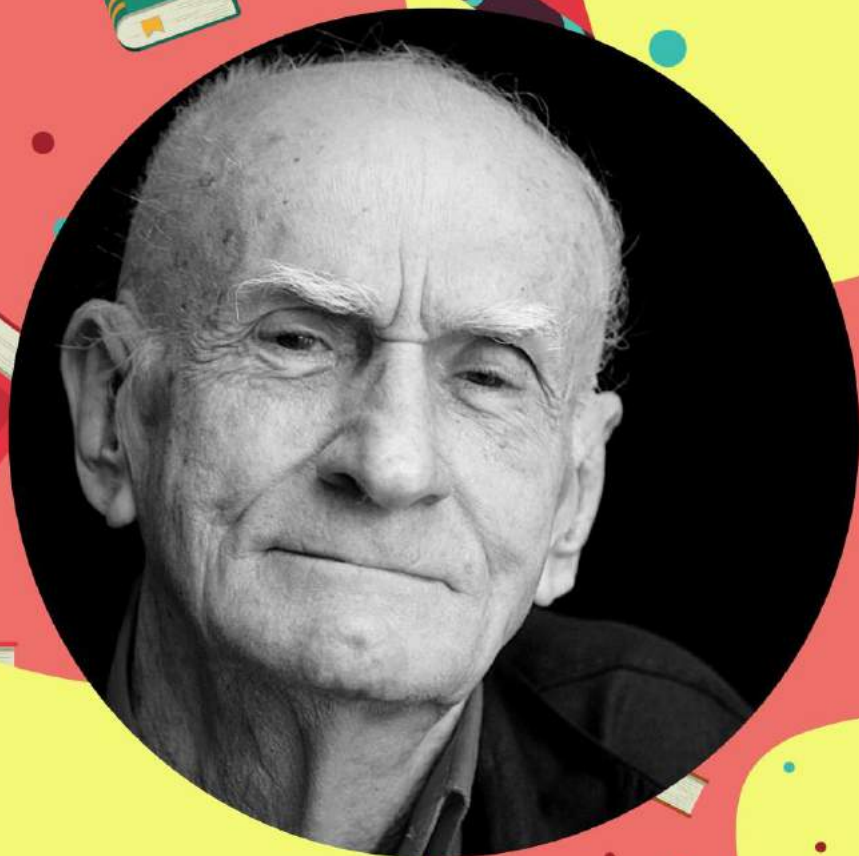


LYA LUFT

A maturidade me permite
olhar com menos ilusões,
aceitar com menos
sofrimento, entender com
mais tranquilidade,
querer com mais doçura.

ARIANO SUASSUNA

O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso.






REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

Acesse o nosso site e redes sociais e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

 @conexaoliteratura

 @revistaconexaoliteratura



www.revistaconexaoliteratura.com.br

incentivo à leitura



O Vampiro Autocrítico

CONTO

"Seu primeiro arrepio de repulsa sobreveio no exato momento em que ia acertar a veia da garota ao seu lado no sofá."

BERT JR.

Conto

Seu primeiro arrepio de repulsa sobreveio no exato momento em que ia acertar a veia da garota ao seu lado no sofá. O pulso dela vinha magnetizando sua atenção. Não era uma energia qualquer que pulsava ali dentro, porém algo capaz de mudar o rumo de uma vida, ou de reescrever uma história pessoal. Half queria que aquele pulso lhe pertencesse de alguma maneira; assim poderia, quem sabe, ter acesso a insights renovados, ou gozar de novos poderes sobre a sua própria existência. Preparou-se para a mordida que iria arrebatá-la de sua companheira de ocasião uma boa parcela da energia vital. No instante em que ia desferir o golpe, o insólito aconteceu: Half foi acometido de escrúpulos.

Lembrou-se das vezes em que se fizera passar por um inseto, a debater-se na superfície de um tablete de manteiga meio amolecida. Havia sido a estratégia perfeita para ganhar a atenção de certo tipo de pessoa, as que julgam ter sangue quente mas se comportam como lagartixas, atraídas pelos sinais de desespero e a aparência indefesa do outro. Pequenos predadores, que acreditam tratar-se de instinto filantrópico o que os leva na direção da mosca de patas atoladas na manteiga, incapaz de alçar voo. Ah, como se divertira ao cravar seu oculto ferrão venenoso no peito dessas pessoas e ver, aos poucos, desfibrar-se nelas a casca pomposa de robustez e autoconfiança, e ir aflorando o fruto tresandado de sua presunção quanto à própria bondade.

Também recordou as ocasiões em que se mentalizara envolto em suntuosa capa preta de fundo escarlate, para assomar-se em determinado ambiente festivo e poder atrair para si belas criaturas, míopes acerca de suas próprias qualidades pessoais. Exponentes de uma classe de gente que busca no outro tudo aquilo que julga não encontrar em si mesma. Tantas e tantas vezes Half observara os olhares de admiração à sua volta, procedendo de pessoas que tinham qualidades similares às suas, com exceção, evidentemente, da confiança de possuí-las. Half deleitara-se em ser, para essas pessoas, uma espécie de ídolo pagão, acolhendo e estimulando suas idealizações até produzir-se uma miríade de delírios apaixonados ligados a um único vértice: ele próprio.

Tais flashes de memória produziram em Half uma espécie de náusea, abalando a frieza convicta necessária à apropriação do pulso latejante da garota. Ele sabia estar situado no topo da cadeia alimentar do ecossistema urbano do Antropoceno inferior. Criaturas do seu tipo existiam para sugar a energia vital das vítimas, prevenindo, assim, a formação de um excedente de energia não aproveitada em indivíduos sem condições psíquicas para descarregá-la de modo seguro e produtivo. Na ausência de predadores feito ele, as pessoas se transformariam em algozes de outras pessoas, ou em vítimas de si mesmas. Uma transferência desgovernada dos excedentes de energia vital, na forma de impulsos destrutivos e antissociais, poderia levar ao colapso de setores estruturais da sociedade e, conseqüentemente, impedir o ecossistema do Antropoceno inferior de progredir ao nível imediatamente superior do processo evolutivo.

Apesar de ciente de seu papel dentro do ecossistema urbano, Half viu-se impedido de consumir a apropriação da energia vital da garota ao seu lado. Uma profunda aversão

a torná-la sua enésima vítima apoderou-se dele de forma tão orgânica, que lhe veio uma vontade genuína de colocar em funcionamento os seus ociosos canais lacrimais. Apiedava-se da garota. Pela primeira vez, a encarava de um ângulo que não correspondia ao do determinismo socioecológico. Half percebeu que começava a enxergar sua vítima como alguém cujas qualidades eram não apenas equiparáveis às suas, mas, em alguns sentidos, até melhores ou mais interessantes, justamente em função do jogo de diferenças e semelhanças entre eles. Com que direito deveria apossar-se da energia vital daquele ser? Quem, em sã consciência, poderia garantir que a garota ao seu lado seria incapaz de canalizar sua própria energia de modo construtivo? Com que fundamento se poderia catalogá-la, a priori, como alguém potencialmente pernicioso e daninho à sociedade, caso não fosse devidamente submetida ao processo de “ordenha” de sua energia vital?

A piedade de Half em relação à garota somou o sentimento de repulsa a outro, de revolta, pelo fato de ver-se acorrentado a uma ordem de coisas que lhe parecia, agora, como aviltante da condição humana. Tornava-se premente subverter essa ordem radicalmente injusta de alguma maneira. Seu papel no sistema – o nicho ecológico – havia entrado em crise; portanto, o seu encaixe no ambiente socioecológico urbano deveria refazer-se segundo novas premissas. Isso significava romper com uma tradição identitária que unira, através dos séculos, uma legião de vampiros sanguinários, ainda que metaforicamente, os quais vinham sendo replicados e distribuídos pelo mundo com base numa mitologia ligada à ancestralidade do sangue e da terra, veículo e palco das paixões humanas. Que novo lugar seria esse, a ser ocupado por ele no ecossistema social urbano contemporâneo?

A primeira medida tomada por Half foi liberar a garota ao seu lado, despedindo-a do sofá com um beijo superficial nos lábios.

A seguir, retirou-se do convívio social por um longo tempo. Aproveitou a pandemia que se instaurara no mundo para refugiar-se em perpétua quarentena. Mergulhou fundo no projeto de escrever a sua autobiografia romanceada. Durante o processo, veio a sofrer crises terríveis de abstinência, em que a energia vital de suas antigas vítimas coreografava em sua mente um balé fantasmagórico e horripilante. Lutou bravamente contra a vontade de reincidir no vampirismo, conjurando forças para transportar, obra literária adentro, as agruras de seu desespero, na esperança de conseguir sublimar na arte o sofrimento. Ao cabo de meses de esforço, foi assaltado pela mais visceral repugnância no momento mesmo em que leu o texto, ainda inacabado, de sua própria vida. Os elementos de sua história, apontados naquelas páginas rascunhadas, eram tão escabrosos, o seu comportamento tão abjeto, que incinerou o esboço da obra, capítulo após capítulo, numa assadeira de alumínio na cozinha. Desiludido de si, Half pensou em expurgar do mundo o vulto de sua existência, mas não o fez.

Em vez disso, ressurgiu nas redes sociais, totalmente repaginado, vendendo palestras motivacionais destinadas a elevar a autoestima e o nível de conscientização das pessoas sobre suas potencialidades. Conforme se vê nos anúncios veiculados no perfil, trata-se de produtos diferenciados. Nota-se logo o direcionamento a públicos específicos:

tem palestra para quem se sente um inseto incapaz de alçar voo, assim como para aqueles que se creem em pleno voo, mas não sabem aonde ir. Além disso, Half se declara instrutor de defesa psíquica. Nessa linha de trabalho, seu produto de maior sucesso é, inegavelmente, o curso que ensina pessoas comuns a identificar com precisão um vampiro contemporâneo, onde se inclui um guia passo a passo sobre como fazer para desvencilhar-se de presenças vampirescas e sua nefasta influência. Entre os fãs, há rumores de que Half pretenderia retomar seu projeto de romance autobiográfico, *O Vampiro Autocrítico*, a ser reescrito sob a luz nova da experiência adquirida enquanto mentor de autoajuda e defesa psíquica.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e acaba de publicar um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandei*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.

CONTOS FANTÁSTICOS

UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E
IMPRESSO

saiba mais: clique aqui

incentivo à leitura



Por um fio

CONTO

"— 'Sai! Sai! Sai' — gritava um soldado nervoso que, subitamente, surgiu à frente de Salomão com uma metralhadora em mãos apontada para sua cabeça, interrompendo a corrida matinal que ele realizava pelas ruas de Antara."

ANTÔNIO SÉRGIO CARRÉRA

Conto

— “**S**ai! Sai! Sai” — gritava um soldado nervoso que, subitamente, surgiu à frente de Salomão com uma metralhadora em mãos apontada para sua cabeça, interrompendo a corrida matinal que ele realizava pelas ruas de Antara. Surpreso e assustado com a atitude do militar, que tinha os olhos arregalados e suava às bicas, Salomão, com as palmas das mãos voltadas para ele, gritou: *o que foi que eu fiz? O que você quer? Não estou entendendo nada! Calma! Calma!* Completamente assustado e na iminência de receber um tiro, pois o soldado, descontrolado, não mais gritava e sim, berrava, com um olhar raivoso prestes a atirar, pela agressividade dos seus gestos. Acostumado a tomar decisões imediatas como policial militar no combate à criminalidade no seu país, Salomão levantou os braços sobre a cabeça, ajoelhou-se e fechou os olhos. Foi a atitude que resolveu adotar para cessar o ímpeto agressivo do soldado. Imóvel, com o coração quase saindo pela boca, esperou o pior, o tiro fatal, já que o soldado ainda estava descontrolado e a mira da arma continuava apontada para a cabeça de Salomão, que estava rendido, entregue à sorte e sem entender o motivo daquela agressão, pois além do “sai” o soldado murmurava algo num dialeto local.

Angawa, era um país de língua portuguesa, que apesar de muito pobre no início da década de 1990, tinha uma política forte no continente africano e era respeitado principalmente por seu carismático líder, o Presidente Zamunda Romão, um dos heróis da guerra de libertação do país. Zamunda era uma pessoa muito bem protegida e contava com um forte esquema de segurança, inclusive na sua residência oficial, onde havia guarda reforçada. Nesse cenário estava Salomão, um policial militar brasileiro à serviço das Nações Unidas naquele país, que atuava como elemento de ligação entre a ONU e os órgãos do Governo local, e que tinha como ponto de honra conhecer pessoalmente o Presidente Zamunda, mas ainda não havia surgido a oportunidade.

Para Salomão, falar com Zamunda passou a ser uma questão pessoal, pois para cada lado que ele se dirigia na cidade, via o rosto do presidente estampado nas cédulas da moeda local, nos cartazes espalhados pela cidade e nos Outdoors, assim como nos noticiários e na TV. Na verdade, sua pessoa já parecia familiar para o “Boina Azul”, como se fosse um amigo próximo, quase um parente. A população adorava seu presidente e o respeitava por seu governo e carisma, que era muito forte e o levava para junto do povo, o que gerou um sentimento de profunda admiração em Salomão pelo ser humano que Zamunda se mostrava ser.

Como Salomão era adepto às corridas de longas distâncias, todos os dias antes de começar seu trabalho saía para correr e variava os percursos de forma a aproveitar e conhecer melhor os bairros da cidade, evitando tornar o exercício monótono ao fazer o mesmo trajeto, dia após dia.

Era um dia qualquer de outubro quando Salomão decidiu enveredar-se por um caminho diferente: sair de casa, passar pelo centro da cidade e circundar a orla da praia de forma a retornar em tempo para não chegar atrasado no trabalho.

Correndo, despreocupadamente, pela calçada de uma conhecida avenida de Antara, a capital do país, virou protagonista de uma situação que o descontrolou totalmente...

— *Sai! Sai! Sai!* — os gritos continuavam de uma forma assustadora ao ponto de as pessoas pararem para assistir a um espetáculo estranho aos seus olhos, diferente dos que estavam acostumadas a presenciar, de maus tratos a nacionais perpetrados por policiais e militares, mas nunca a estrangeiros em uma cena tão inusitada: um homem da comunidade internacional, ajoelhado, na mira de uma arma.

Após alguns momentos de tensão, o soldado passou a apontar o cano da arma para o outro lado da rua, alternando com a cabeça de Salomão, quando só ali ficou claro que ele queria que Salomão saísse da calçada. Ao iniciar a travessia para o outro lado da rua, ainda com os braços levantados, Salomão percebeu que o soldado ficou mais tranquilo:

— *O que houve, qual é o problema?*

— *Sai, sai, sai! Anda, anda!* — Voltou a fazer movimentos com a arma indicando a direção que Salomão deveria seguir para deixar o local de imediato.

Pela expressão e posição aguerrida do soldado, Salomão estava convicto que ele atiraria de pronto, caso não obedecesse a ordem de sair da calçada. Percebendo que não adiantaria discutir em razão dos ânimos acirrados, após atravessar a avenida, Salomão voltou à passada normal da corrida e continuou seu trajeto sem olhar para trás. No caminho de volta para casa, analisou se não havia colocado sua vida em risco ao retrucar aquele tipo de abordagem.

Mais tarde, ao comentar o incidente com seu comandante, soube que ele também havia passado por uma situação parecida, mas sem qualquer tipo de agressão e que o motivo era que lá residia o Presidente da República e o trânsito de pedestres era proibido na calçada do perímetro.

— *É muito difícil chegar perto do Presidente, até mesmo dos lugares por onde ele passa. Imagine na casa dele!* — Disse Bodarek.

— *Pelo sim e pelo não, não vou voltar a usar aquele percurso. Farei minhas corridas pela periferia da cidade, onde já estou acostumado. Vai que eu me deparo com outra autoridade? Pode ser que não escape vivo. Melhor me prevenir.* — Comentou Salomão, em tom de brincadeira.

— *Nunca se sabe.* — Concluiu Bodarek.

Durante o embarque de volta ao Brasil, Salomão, ainda inconformado, comentou com um colega de trabalho: — *Vou-me embora de Angawa sem nunca ter me encontrado com o Presidente! Gostaria muito de tê-lo cumprimentado* — Na bagagem, Salomão levava a questão como uma missão não cumprida.

Alguns anos mais tarde, Salomão e sua esposa estavam num conhecido Shopping Center de Brasília, capital do Brasil, quando percebeu que um cidadão de cor negra passou por eles falando o Português de Portugal. Pela cor de sua pele, comentou com ela:

— *Deve ser angolano.* — Disse, pelo simples fato de que os angolanos visitavam com frequência o Brasil.

— *Quem?*

— *Você não ouviu?*

— *Não.*

— *Aquele ali!* — Disse, apontando para a pessoa. No ato de apontar, percebeu que o indivíduo conversava com um casal, onde o homem usava terno e gravata e a mulher ao seu lado vestia *blazer* e saia, com os cabelos presos, da mesma forma que sua esposa se vestia quando acompanhava a 1ª Dama do país, como segurança pessoal.

— *Olha aqueles ali. Acho que são agentes da Polícia Federal e aquele homem é uma autoridade. Estão fazendo a segurança dele. Vamos dar uma passada por perto.*

Discretamente, se aproximaram olhando disfarçadamente para a vitrine de uma loja de tênis que havia próximo de onde o trio estava parado.

De repente, foram abordados pelos agentes:

— *Polícia Federal!* — Disse o agente, de forma discreta para não chamar a atenção das pessoas, os abordando por atitude suspeita.

— *Pois não.*

— *Percebemos que vocês estão nos acompanhando há algum tempo. Por favor, seus documentos de identidade!* — Exigiu.

— *Calma! Sou Major e esta é minha esposa, Segurança Pessoal do Presidente da República* — Disse, ao passo em que já apresentava seu documento de identificação.

Durante a conversa, despretensiosamente, Salomão olhou para dentro da loja de sapatos e a surpresa quase o deixou sem fala:

— *Você não vai acreditar, olha quem está ali!* — Disse para sua esposa, esquecendo totalmente o agente e sua abordagem, apontando para um homem que experimentava um par de tênis na loja.

— *Quem é?*

— *Meu Deus do céu, é o Presidente Zamunda Romão de Angawa!*

— *Será?*

— *Não tenho dúvidas. É ele!* — Exclamou entusiasmado.

Virando-se para os agentes e para a pessoa ao lado, que soube naquele momento tratar-se do chefe da segurança de Zamunda, pediu para falar com o presidente.

— *Não será possível, Major. A não ser que o Coronel autorize* — Disse o agente, referindo-se ao chefe da segurança.

— *Infelizmente não posso autorizar. O presidente pode não gostar.* — Disse o Coronel, meio constrangido.

— *Então pergunte a ele.*

— *Não devo incomodar o presidente.* — Decidiu o Coronel Angawês.

Naquele momento Salomão voltou no tempo, lembrando o medo que os subordinados tinham de seus superiores na polícia angawesa e mergulhou nas cenas do incidente em Antara.

— *Passsei por muitas coisas em Angawa esperando por uma oportunidade como esta para falar com o presidente.*

— *Infelizmente, Major, não vai ser possível.* — Disse o agente.

De repente, eis quem chega sem ser notado às suas costas: o próprio Zamunda Romão que, percebendo a discussão lá fora, foi até eles, momento em que os agentes da Polícia Federal se posicionaram entre Salomão e o presidente.

— *O que está a haver aqui?* — Perguntou o presidente.

Antes mesmo que o Coronel falasse qualquer coisa, Salomão se adiantou:

— *Presidente, sou o Major Salomão. Trabalhei na ONU em seu pai e nunca tive a oportunidade de cumprimentá-lo, inclusive, quase fui metralhado na calçada de sua casa quando fazia uma corrida.*

A forma engraçada como Salomão contou o episódio, gerou gargalhadas de todos, inclusive do presidente que quase chora de tanto rir.

— *ONU? Que maravilha! Dá-me aqui um abraço!* — Disse Zamunda sorrindo, ao tempo em que puxava Salomão pelo braço, como se fossem amigos de longa data.

— *Presidente, o senhor não imagina o esforço que fiz no tempo em que estive no seu país para cumprimentá-lo. Quase perdi a vida nisso, mas o destino promoveu este encontro.*

O presidente não parava de rir e assim o clima ficou festivo. Zamunda convidou Salomão e sua esposa a retornar a Angawa como convidados para uma visita.

— *Ainda bem que o soldado não atirou, não é mesmo? De outra forma, como poderíamos nos encontrar tão longe de casa? Muito obrigado pelo serviço que você prestou ao nosso país.*

— *Infelizmente não tenho uma câmera para registrar nosso encontro, senhor Presidente.*

— *Não tem problema. As lojas estão abertas. Se me encontrares ainda por aqui, tiramos uma foto juntos.*

Após os cumprimentos, Zamunda se despediu e retornou à loja para finalizar a compra.

— *Major, corre e vai comprar logo a câmera.* — Disse o agente da Polícia Federal sorrindo.

— *Jamais eu poderia imaginar que o encontro com o Presidente Zamunda pudesse ser tão fácil. Coisa do destino. Ainda não consigo acreditar.* — Disse para sua esposa e foram almoçar.



Natural de Recife-PE, **ANTÔNIO SÉRGIO CARRÉRA DE ALBUQUERQUE MELO**, é pós-graduado em Gestão de Segurança Pública e Defesa Social e graduado pela Academia Nacional do FBI em Quantico, USA. Integrou as fileiras do Exército Brasileiro e a Polícia Militar do Distrito Federal, onde fez carreira até o posto de Tenente-Coronel. Formado em Administração, é amante de filmes, séries televisivas e viagens. Desde cedo, tornou-se aficionado pela leitura e lançou seu 1º livro em 2011, contando atualmente com 14 obras publicadas. Dedicou-se ao trabalho de escrita como *Ghost Writer*.

Contatos: antoniomelo65@yahoo.com.br

[@sergioalbuquerque13](#)

<https://fantasmadoslivros.my.canva.site>



Sonhos

“Entre Zombies e Tubarões”

CONTO

"Eu sempre sonho. Aliás, eu acho que sonho todos os dias, mas assim que acordo não me lembro mais de nada. Meu pai fala que é assim mesmo. [...]"

VALENTINA CARRÉRA

Conto

Eu sempre sonho. Aliás, eu acho que sonho todos os dias, mas assim que acordo não me lembro mais de nada. Meu pai fala que é assim mesmo. Se a gente quiser lembrar dos sonhos, tem que escrever logo que acorda. Hoje cedo contei logo a história para meu pai e ele disse para eu escrever tudo que fosse mais importante para me lembrar depois. As vezes os sonhos parecem pesadelos e este se parece muito.

Esta noite eu sonhei que eu estava num carro com meu pai, minha mãe e minha irmã, Ellen, e lá fora tinha milhares de *Zombies*. Mas o estranho é que eles estavam vestidos de princesas e falando o tempo todo: *cérebro! Cérebro! Cérebro!* — Acho que todo mundo já viu numa historinha os *Zombies* falando isso, né? Mas, ok. Tinha *Zombies* por todo lado e nós estávamos muito assustados. Meu pai tentou dirigir o carro para despistar da multidão de *Zombies*, e conseguiu. E assim ficamos a salvo.

Meu pai ia dirigindo por uma rua — era nos Estados Unidos — quando de repente um *Zombie* caiu do céu em cima do carro. Acho que foi de um prédio. Nós conseguimos sair do carro e correr a tempo para os *Zombies* não nos pegarem. Depois disso entramos num beco sem saída, e quando dei a minha primeira olhada no local, não vi nada, mas quando olhei novamente, minha professora Andrea apareceu muito aflita. O motivo era que tinha três *Zombies* atrás dela. Então logo gritei bem alto: “Corre pro Deal!” (falei para a professora Andrea). Então ela começou a correr, correr e correr e sumiu. Nós andamos uns 4 km em uma hora para chegar numa casa abandonada com cheiro de terra molhada. A casa tinha três quartos somente. Não havia sala, banheiros nem cozinha. E lá as paredes tinham sangue e corpos sem vida em alguns lugares. De repente, acordei no sonho, e estava na festa de São João da minha escola. Entrei em outro sonho. Isso acontece muito quando estou sonhando.

Caminhando pela escola ouvindo o forró tocando bem alto, cheguei na cantina e vi uma mulher vestida de noiva perto do balcão na cozinha. Fiquei observando ela por um tempo e ela virou-se para mim de olhos fechados. Quando ela abriu os olhos eles estavam brancos, como se ela fosse cega. Ela olhou para mim parecendo que eu era o almoço dela. Então, quando ela começou a correr atrás de mim, fui correndo para a praça em frente a escola e parei de correr. Olhei para trás e a noiva-cadáver não estava mais lá. Meu coração parecia que ia sair pela boca de tanto medo e cansaço. Não sei o que aconteceu, mas acho que me virei na cama e de repente, quando vi, eu já estava na praia de Boa Viagem, em Recife, brincando com Ellen e meu pai na água rasa e minha mãe estava na areia comendo Acarajé. Quando vi, estava indo para água funda e vinha uma onda muito grande para cima de mim. Neste momento eu só conseguia ouvir os gritos do meu pai dizendo: “Valentina cuidado! Cheiro de melancia!”. Meu pai dizia que cheiro de melancia era tubarão por perto. Eu estava desesperada, com muito medo. Tentava ir para a areia de volta, mas eu não conseguia, o mar estava me puxando para o fundo eu tentava uma, duas, três, quatro e até cinco vezes sair, mas não conseguia. Então, quando o mar já estava me levando para um tubarão branco, fechei os olhos e comecei a gritar. De

repente, eu senti meu pai puxando o meu braço. Quando abri os olhos era ele dizendo para eu acordar para ir para escola.



VALENTINA SENRA VIEIRA CARRÉRA, tem 10 anos de idade e frequenta o 5º ano do Ensino Fundamental. Acostumada a ouvir histórias para dormir contadas por seu pai desde os dois anos de idade, logo despertou sua imaginação para criar, adquirindo desenvoltura com o passar do tempo. Com o estímulo de seu pai e seu irmão mais velho, que também são escritores, escreveu seu primeiro livro “Malas, Fraldas e Moletons – minhas viagens por aí”, que foi lançado neste ano de 2022.



O ventríloquo

CONTO

"Em algum ano na década de 1970, numa cidade do baixo sertão da Bahia, chegou o período de festas juninas e, com ele, também chegava aquele friozinho ameno e gostoso, muito escasso na região nas outras temporadas; chegavam os sanfoneiros e cantadores de todo o Nordeste [...]"

GILMAR DUARTE ROCHA

Os erros de grandes homens... são mais fecundos que as verdades de pequenos.

Friedrich Nietzsche

Em algum ano na década de 1970, numa cidade do baixo sertão da Bahia, chegou o período de festas juninas e, com ele, também chegava aquele friozinho ameno e gostoso, muito escasso na região nas outras temporadas; chegavam os sanfoneiros e cantadores de todo o Nordeste com suas concertinas, tambores, chocalhos e triângulos; chegavam os parques de diversão, com suas rodas gigantes, balanços, ludos e muitas brincadeiras e, principalmente, chegavam os circos.

Um circo em especial, o Eldorado, destacava-se pela assiduidade, pela primazia e pela sua pujança em atrações, como malabaristas, halterofilistas, palhaços, trapezistas, equilibristas, motociclistas, dançarinas, atores, animais domesticados, animais selvagens e outros quadros atrativos. Corria à boca pequena na região que o circo era grande demais para o tamanho da cidade.

A despeito desses comentários maldosos e invejosos, dois adolescentes da cidade, Mamede, um moleque alto, magro, zarolho, com o rosto pleno de sardas, e o seu amigo Dodô, um garoto moreno, parrudo, de rosto largo como a lua e brilhante como o sol, eram fãs de carteirinha do circo Eldorado e passavam o ano economizando trocados para ter condições de comprar os ingressos para todos os quatorze shows da semana de estadia do circo na cidade: sete matinês e sete serões. O interesse e a paixão pela arte do circo Eldorado não paravam por aí: os dois adolescentes praticamente sentavam praça nas imediações do estabelecimento circense e acabavam se envolvendo com os artistas e com os bastidores, a ponto de saber detalhes íntimos dos funcionários.

Entre a montagem da lona e o movimento de funcionários, caixas e armações para lá e para cá, Dodô avistou um artista que fazia parte do circo há muito tempo, a rigor, era um gigante de mais de dois metros de altura e cento e cinquenta quilos de peso, uma espécie de fisiculturista, que tinha a capacidade e a façanha de levantar um jegue de mais de 150 quilos com um só braço. Dick, o titã, era o nome artístico dele:

“Dick, não consegui ver ainda Short, o anão palhaço”, disse Dodô, complementando “Aconteceu alguma coisa com ele”?

Dick, que levava nos ombros uma imensa caixa preta, parou um pouco para atender ao garoto, dizendo:

“Menino, por coincidência, ele foi demitido pelo patrão Manolo, o dono do circo, logo após a nossa saída desta cidade no ano passado”

“Ele fez alguma coisa errada?”, quis saber o jovem.

“Não sei direito. Parece que ele meteu a mão no cofre do circo. Pelo menos foi isso que o patrão explicou para a gente”.

Dodô ficou surpreso e frustrado, pois Short, com seus incríveis 0,51cm de altura, além de ser exótico, era uma pessoa afável e terrivelmente engraçada. Correu para contar a novidade ao amigo Mamede, que também ficou muito sentido e pesaroso. Não obstante o sentimento de tristeza e decepção, Mamede tinha uma novidade boa para informar ao amigo: “Esse ano eles trouxeram um ventríloquo. Pelo que vi ele tem muito talento e faz o boneco parecer vivo de verdade e bastante engraçado”

O dia do primeiro show chegou e o circo Eldorado, de fato, parecia mais alegre e atrativo, e o show do ventríloquo, com o seu boneco exótico, pintado de preto e bastante articulado, cativava o público de imediato, com suas piadas e chalaças.

No último espetáculo da temporada junina, um domingo frio e com uma ventania que sacudia as fortes lonas do circo, o ingresso dobrava de valor e todos figurões da cidade eram convidados, inclusive o prefeito Bustamante, um político alto, vermelho e pançudo, que mandava e desmandava na cidade.

A banda marcial anunciava o início do espetáculo. Desfilaram, por ordem, os trapezistas, os malabaristas, os fisiculturistas, os animais adestrados, os domadores de animais selvagens, as belas ginastas, os motociclistas, os palhaços, os cantores e, antes do quadro final, uma bela e curta peça teatral, o ventríloquo, com seu boneco falante, que cada dia mais fazia sucesso e passava a figurar entre as últimas atrações:

“Damas e cavalheiros”, o próprio dono do circo, Manolo Esperanto, um homem branco como a neve, com olhos claros e reluzentes, dono de um imenso bigode antiquado, longo e com as pontas enroladas, anunciava a próxima atração:

“Com vocês, Mister Salsicha e o seu amigo falante e engraçado, de nome Samba. Peço palmas”.

Palmas e ovações se seguiram. Depois um silêncio profundo. Então as luzes multicoloridas do ambiente se apagaram e ficou apenas a luz da ribalta focalizando um homem trajado de smoking branco, sentado numa cadeira de plástico (o ventríloquo) e no seu colo um pequeno boneco negro, usando uma peruca laranja e um traje que parecia ter sido confeccionado por trapos. Começou o “diálogo” entre os dois:

“Dê saudações aos expectadores, Samba”

“Boa noite, otários”

Risos generalizados.

“O que você achou da sua estadia nesta maravilhosa cidade durante os festejos juninos”

“Uma bosta...”

Paro, caros leitores, a “conversa” do ventríloquo com a sua criatura, para dar espaço a um diálogo em voz baixa entre dois jovens sentados na arquibancada lateral da casa circense e que, por terem assistido aos exatos treze espetáculos anteriores, estavam achando por demais estanho o script da “conversa” do ventríloquo com o seu boneco:

“Muito estranho esse papo entre Mister Salsicha e Samba, Mamede”, disse Dodô.

“Também estou achando. Será por que hoje é o último espetáculo? Sei não”, opinou Mamede.

“Você notou que o boneco está mexendo muito. Parece que está vivo. Eu, hein?”

Voltando ao palco, o diálogo esquisito entre o ventríloquo e a sua criatura prosseguia:

“O que você acha das autoridades da cidade, Samba?”

“Que autoridade, imbecil?”

“Opa! Me trate bem, Samba. Você é o meu boneco. Eu queria dizer autoridade, dirigente da cidade...”

“Você se refere ao corrupto prefeito Bustamante?”

Reação inesperada na plateia. Ninguém entendia mais nada. Bustamante, o prefeito, sentado na primeira fileira de cadeiras (quase junto ao picadeiro) sentia-se visivelmente desconfortável e sinalizava com as mãos para o dono do circo para que interrompesse aquele insólito espetáculo. Manolo, o dono do circo, correu até o microfone e falou alguma coisa que não foi ouvida por ninguém, pois o microfone não funcionava. Desesperado, sinalizava para que acendessem as luzes centrais, mas o que se ouviu foi um estrondo, provavelmente um curto circuito, e as luzes não se acenderam, permanecendo tão-somente a luz da ribalta, a única luz disponível naquele ambiente que começava a deixar de ser lúdico para se tornar acusatório:

“Então Samba”, prosseguia o ventríloquo, “o que achas desse sujeito chamado Manolo, o dono do circo?”

“Um corrupto, também, cidadãos. Está de conluio com o desonesto prefeito e todo ano eles levam uma montanha de dinheiro da prefeitura. Dinheiro de vocês”.

Manolo de vermelho passou à cor roxa e, tomado por uma fúria descontrolável, avançou para cima da dupla (o ventríloquo Salsicha e o seu denunciante boneco). Nesse interim, o boneco ganhou vida de vez e saltou abruptamente do colo seu mentor, aplicando uma rasteira em Manolo, que se espatifou no chão levantando poeira do picadeiro e gargalhada generalizada do público. O prefeito, austero, e mais nervoso do que nunca, pediu ao único guarda ali presente que abatesse aquele pequeno ser redivivo a tiros.

Entrementes, a dupla de garotos Dodô e Mamede invadiram o picadeiro e, aos gritos, pediram ao guarda que não atirasse no boneco:

“Por favor, senhor. Ele é um ser vivo. Ele é Short, o anão palhaço que todos aqui adoram”.

O guarda abaixou a arma ao ver que, ao tempo que os garotos clamavam, o pequeno ser se livrava de sua fantasia (peruca, roupas, simulacros de plásticos que

imitavam articulações de bonecos) ao tempo em que passava um pano no corpo para retirar a tinta negra que o revestia, revelando a pele branca e o semblante bastante conhecido do anão Short.

Não preciso dizer que o espetáculo terminou com todos os envolvidos na delegacia da cidade. O caso era mais complexo e revelador do que se pensava. O ventríloquo Salsicha, que usava bigode postiço e estava excessivamente abaixo do peso, era nada menos do que o ex-secretário de finanças do município Gregório de Pádua, demitido há mais de dez meses da prefeitura por acusar o prefeito de praticar peculato, ou seja, por receber, todo ano, metade do valor que o erário municipal pagava ao circo, sob a forma de compensação, pois os ingressos vendidos eram ínfimos para custear um circo daquele porte, que carecia de aporte público para atuar numa pequena cidade como aquela. Tudo poderia ser legal não fosse o valor superfaturado que a prefeitura pagava ao circo, cujo dono, Manolo, devolvia metade do valor ao prefeito. Aconteceu que, na última passagem do circo pela cidade, o funcionário circense encarregado de entregar o dinheiro à prefeitura, um secretário de Manolo, sofreu um ataque cardíaco fulminante, sendo acudido pelo minúsculo ator de nome Short, ou Tito Lucchesi, um ex-escrivão de polícia, que abandonou a profissão, para se dedicar à paixão de sua vida: a arte do circo. Como ele havia descoberto que o dono do circo recebia dinheiro indevidamente daquela cidade (e de outras, como o Ministério Público) veio a saber depois, bem como praticava corrupção subornando prefeitos, em nome de um falso programa que ele, Manolo, denominava “CIRCO FOR ALL”, Short resolveu denunciar à polícia aquele ato ilícito, mas não foi levado a sério pelas autoridades, bem como foi demitido sumariamente do circo sob a falsa alegação de roubo à tesouraria da casa de espetáculos. Quis o destino que ele, na sarjeta, encontrasse por acaso com o demitido Gregório de Pádua, e, juntos, montassem aquele mirabolante plano de vingança.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor de Tesouraria da Associação Nacional de Escritores-ANE. Lançará o romance “O abençoado”, no segundo semestre de 2022.

incentivo à leitura

M.E.L.

5,931
Posts

306M
Followers

222
Following



Instagram
Bringing you closer to the people and things
you love. ❤️
instagram-press.com/blog/2019/07/08/our-comm...

Message

Follow



Talent



Travel



Beauty



Fluff

CONTO

"Eu estava olhando o Instagram de Rita, vendo suas fotos da sua recente viagem para a Europa. Afinal, ela tinha me enviado fotos pelo WhatsApp da livraria do Lello de Portugal, então pensei que meu comportamento não seria tido como o de um stalker."

B. B. JENITEZ

Conto

Eu estava olhando o Instagram de Rita, vendo suas fotos da sua recente viagem para a Europa. Afinal, ela tinha me enviado fotos pelo *WhatsApp* da livraria do Lello de Portugal, então pensei que meu comportamento não seria tido como o de um *stalker*.

Notei então que eu ganhara uma nova seguidora, uma certa Mel. Não tinha a menor ideia de quem seria, mas fiquei curioso. Ela era seguida por meu amigo Camilo, assim pensei que seria uma pessoa séria mesmo tendo metade da minha idade. É preciso desconfiar de mulheres jovens que aparecem de repente no seu *Instagram*, *Facebook* etc. Muitas querem apenas encontrar um *sugardaddy*.

Após alguma troca de mensagens vi que não era o caso. Ela era uma piloto que morava em Manchester, UK, e trabalhava bastante. Não parecia ser perigosa. Eu sempre tenho curiosidade de conhecer pessoas novas porque elas podem me inspirar como novos personagens em minhas histórias de ficção científica. E com Mel foi exatamente isso, mas de uma maneira que eu não esperava.

— Oi, espero que você não se importe de eu ter entrado no seu Instagram — disse Mel.

Ela tinha uma foto onde aparecia muito bonita, com uma tatuagem interessante.

— Não, de modo algum, disse eu. Só não sei como você chegou aqui.

— Bom, o *Instagram* me sugeriu você.

— OK. Deve ter sido por causa do meu amigo Camilo.

Começamos a conversar. Ela me disse que era separada. Completou que seu ex-parceiro J.P. a havia traído, e que na sua opinião, todos os homens são iguais. Era por isso que estava sozinha.

— Mel, a sua amostra estatística é muito pequena. Como você vai concluir que TODOS os homens são iguais?

— Todos os homens são iguais — afirmou Mel com total confiança.

— Acho que tenho que discordar — disse.

— Todos os homens têm o mesmo DNA. São todos iguais!

Achei que era uma metáfora exagerada.

— Todo tem o mesmo DNA porque todos os J.P-n são descendentes do mesmo homem, J.P.-1, selecionado durante as guerras eugênicas. Meu ex-marido era o J.P.-34899772.

Não estava entendendo mais nada.

— Você me disse que era piloto e voava regularmente para a Europa, certo?

— Não, eu te disse que voava para o Europa, o satélite de Jupiter!

— O quê? Mel, em que ano você está?

— Oras, 2122! E você?

— Mel, aqui é 2022. Estamos conversando com uma diferença de 100 anos!

— Como pode ser isso? — disse ela.

— Bem... talvez seja influência do campo gerado pelo Berço temporal que possuo.

— Que incrível! Olha, agora que notei, você fica me chamando de Mel.

— Pensei que era o diminutivo de Melanie, sei lá!

— Não. Meu nome é M.E.L., não Mel. Na verdade, M.E.L.-33489721.

— Vocês têm letras e números, como placas de licenciamento?

— O que é uma placa de licenciamento? — disse M.E.L.

— Não importa agora. OK, então todos os J.P. têm o mesmo DNA. Logo, se um trai, todos teriam a tendência de trair. É isso?

— Sim.

— Mas não existem outros homens?

— Não. Apenas descendentes de J.P.-1.

— Mas vocês não têm filhos, as M.E.L. com os J.P.?

— Claro que não! Que nojo! Sexo que não seja recreativo é pecado!

— OK, OK. Mas então qual é seu real problema?

— Ficar sozinha é muito chato. Entediante. Eu só trabalho, mas agora não tenho mais sexo.

— Porque todos os homens são iguais...

— Sim, exatamente por isso.

oooOOOooo

As conversas continuaram. Eu disse a M.E.L. que podíamos ser confidentes, contar o que quiséssemos de nossas vidas, pois afinal nunca iríamos nos encontrar, nossos círculos sociais não tinham intersecção. Éramos *non-overlapping friends*.

Certo dia pedi a ela algo temerário:

— M.E.L., vocês têm algo parecido com o Google aqui, uma máquina de busca de informação?

— Sim, temos o hiper-Meta.

— Você poderia fazer uma busca para mim?

— O que você quer saber?

— Procure por B. B. Jenitez e tente encontrar meus *papers* de Física. Veja a data do último.

M.E.L. retornou depois de alguns minutos:

— Pelo que vejo aqui, seu último artigo é de 2030.

— Então quer dizer que ou me aposentei ou morri por esta época... Será que tenho apenas mais oito anos de vida?

— Não encontrei nenhum obituário ou página sua na hiper-Wiki.

— Eu sei. Não sou um físico muito conhecido.

— Acho que você não vai ganhar o Nobel — riu ela.

oooOOOooo

Dias depois M.E.L. postou um novo vídeo em seu Instagram, que ela chamava de Instagram Quântico ou QI. Nesse vídeo, ela pilotava sua nave, estava alegre e cantava. Fiquei surpreso, afinal em suas outras fotos ela sempre aparecia reflexiva e séria. Entrei em contato com ela:

— Viva M.E.L., que coisa boa! Parece que você está muito feliz!

— Sim, estou mesmo — disse ela sorrindo.

— Posso saber por quê?

— Agora estou com uma pessoa!

Ela me mostrou uma foto que parecia ser dela mesma. Eu não entendi.

— Esta é M.E.L.- 32886903. Minha namorada. Eu percebi que todas as M.E.L. também são iguais, mas isso é uma coisa boa!

Bom, viver consigo mesmo talvez não seja a melhor coisa do mundo. Mas, no casamento delas, eu lhes desejei a melhor sorte do mundo. Afinal, todos os homens são iguais...

B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado (livre-docente) no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Trabalha na área de Física Estatística Interdisciplinar e Neurociência Teórico-Computacional, tendo publicado cerca de 60 artigos em revistas internacionais. Foi o primeiro pesquisador brasileiro a publicar na *Nature Physics*, artigo oque conta hoje com 670 citações. Ativo na área de divulgação científica, é responsável pelo portal *Anel de Mídias Científicas* (anelciencia.com) que possui links para 440 blogs, 130 canais YOUTUBE e vários *podcasts* de ciência e ficção científica em português. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Editora Multifoco, *Projeto Mulah de Tróia* (2016) pela Drago Editorial, *Demiurgo: Deus e Acaso* (2020) e *Projeto Mulah de Tróia 2* (2020). Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O Livro da Ficção Científica Brasileira* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O Espantoso Mundo da Antecipação* (Elemental Editoração), *Ano Zero* (Lura Editorial) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola).

incentivo à leitura



Filosofia de baiano

CONTO

"Relex Descansado da Paz, caminhoneiro a um tempão, morava na Zona Sul da comunidade, em frente à Caixa Econômica, onde recebia o dinheiro do serviço, da transportadora."

IDICAMPOS

Conto

Relix Descansado da Paz, caminhoneiro a um tempão, morava na zona sul da comunidade, em frente à Caixa Econômica, onde recebia o dinheiro do serviço, da transportadora. Vez por outra, na fila do caixa, alguém entrava na frente, dissimulava; ria da situação...

Filho legítimo de baianos deixava pra depois de amanhã qualquer problema, evitava conflito, dormia na rede, nunca via futebol, jamais discutia política, não tomava conta da vida dos outros, vivia de deixa disso... Seu eletro cardiograma parecia uma partitura de valsa, calminho, o coração não batia, solfejava...

Frequentador de religião protestante aceitava tudo sem reclamar, mas achava estranho o pastor defender armas, fazer apologia à violência; no entanto, obediente, nunca protestava.

Comprava cerveja no bar, era logrado no troco, percebia mais tarde, resignado, esquivava-se da confusão... No supermercado via na prateleira um preço, pagava remarcado na saída. Incapaz de manifestar qualquer contrariedade...

A mulher enfasiada de ver o marido, sempre, ludibriado, gritava: — Casei com um banana!

Na sexta-feira, brilhava uma lua cheia, chegou tarde do serviço, abriu a geladeira, tirou o lacre da latinha, bebeu a cervejinha geladinha... Ao se deslocar na cozinha escorregou numa casca de banana, espatifou a cara no chão, abriu uma lasca na testa, o sangue jorrou, desmaiou; voltando a si aos poucos...

Adiante desconstruiu a imagem de bobão, construindo uma personalidade imponderada, a família não entendeu nada... Após o tombo houve uma alteração nas ondas celebrais do indivíduo, ressurgia um novo homem, incapaz de levar desaforo pra casa, consciente dos direitos do cidadão!

As coisas tomaram novo rumo, acabou o fura fila, fazia questão do troco, no mercado pagava o menor preço. A esposa, orgulhosa do esposo, comentava com as vizinhas, em alto e bom som: — Meu banana virou kiwi!

No trabalho, tendo o salário corroído pela inflação, conversou com os companheiros, apresentou as reivindicações... Tentou acordo com o patrão, todavia encontrou resistência, obrigando-o a radicalizar!

Reuniu a categoria, em assembleia, organizou uma greve; a companhia suspendeu as atividades, o litígio ganhou a cena, a luta de classes instalou-se: capital de um lado, trabalho do outro...

O dissídio coletivo foi julgado, o advogado da empresa correu atrás, o juiz deu o apito final: intimou o movimento operário a retornar à atividade de transporte de carga...

A pressão do baiano subiu, ficou nervoso, brigou, esbravejou... Empolgado, ansioso, pifou na hora do discurso, no sindicato; o coração disparou, acabou a corda e parou.

Relex foi sepultado com uma faixa enrolada no caixão, com os seguintes dizeres: “A filosofia baiana despede-se desta vida e sugere relax”.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

incentivo à leitura



Casamento

CONTO

"Os noivos, seus familiares e convidados estavam no salão da igreja, todo enfeitado com muitas flores e panos coloridos pendurados no teto, nas janelas e nas colunas."

IRACI J. MARIN

Conto

Os noivos, seus familiares e convidados estavam no salão da igreja, todo enfeitado com muitas flores e panos coloridos pendurados no teto, nas janelas e nas colunas. Dava até gosto de casar naquele lugar.

Mas ainda não era o casamento. Era, digamos, um momento preliminar, da tradição do lugar. Os noivos estavam com os pés descalços e vestiam roupas brancas e simples.

Foram chamados para o centro do salão, onde um senhor idoso, encurvado e melancólico, os aguardava para conduzir aquela cerimônia. Ele também vestia roupas brancas e simples, como os noivos. Disse-lhes umas palavras, olhou para um, depois para o outro, depois para cima como a se comunicar com alguma divindade que pairava sobre eles. Pegou suas mãos e fez um giro pelo salão, apresentando-os aos presentes.

Retornaram. Aí ele levantou os braços — e isto era um sinal, porque duas crianças levaram coroas de flores brancas. O idoso pegou uma delas, balbuciou uma prece que ninguém entendeu e entregou para o noivo. Ele fez uma reverência para a noiva e a colocou sobre a cabeça dela. O idoso pegou a outra coroa de flores, balbuciou novamente a mesma prece, e entregou para a noiva. Ela fez uma reverência para o noivo, ergueu-se quanto pode na ponta dos pés e colocou-a na cabeça dele. O idoso, erguendo os braços, falou alto e com voz emocionada:

— Sejam abençoados!

Os noivos se deram as mãos e se olharam apaixonados, ao mesmo tempo em que começava uma gritaria enorme, com palmas e vivas. Os pais dos noivos, os padrinhos e os convidados correram na direção deles. A confusão se tornou grande e o barulho aumentou com a música. Dançaram e cantaram.

Fizeram fila para beijar a noiva, era o costume. O melhor amigo do noivo também a beijou. Olhou-a com emoção e fez um carinho em seu rosto. Ele abraçou o noivo — o que poucos faziam.

— Você é um felizardo! — disse, batendo no peito do amigo. Comentaram alegremente algumas coisas, abraçaram-se de novo e Adalberto se retirou.

Algum tempo depois, o idoso da cerimônia chamou os noivos. Fez-se silêncio. Eles lhe entregaram as coras de flores e se retiraram.

A noiva retocou a maquiagem, colocou o vestido de noiva, a grinalda, e ia se olhar mil vezes no espelho, na companhia da mãe. O noivo não quis ninguém com ele. Para os homens é mais fácil: é só vestir o terno e a gravata.

Os convidados foram até a frente da igreja para aguardar a noiva. Ela esperava no quarto a hora de ser chamada, o coração batendo forte.

O noivo devia estar na porta da igreja antes dela. Mas não apareceu. Uns amigos foram ver o que tinha acontecido, talvez tivesse deitado para descansar e dormira. Uns comentaram que ele podia ter desmaiado de tanta emoção. Mas ele não estava no quarto. Olharam pela janela e não o viram nos jardins. Mais pessoas passaram a procurá-lo. Daí em diante foi uma correria danada para descobrir o seu paradeiro. Perguntaram para transeuntes, nas casas vizinhas, no ponto de táxi... ninguém o tinha visto.

Alguém foi assoprar o caso para a noiva; ela saiu correndo em direção à igreja. Nervosa, começou a chorar. Logo ficou com a face desfigurada e a maquiagem desfeita. Trouxeram uma cadeira para ela sentar e um copo de água com açúcar.

A Polícia foi chamada. Chegaram três viaturas ao local, com os giroflex ligados e as sirenes abertas. Antes de iniciarem a procura, fizeram dezenas de perguntas para os pais do noivo, para os pais da noiva, para uns e outros. Nada perguntaram para a noiva porque ela só chorava.

Depois de muito tempo e muitas suposições, os pais do noivo foram conversar com a noiva. Desculpam-se, não tinham explicação, não sabiam de nada, estavam tão arrasados quanto ela. Ela os ouviu, levantou-se da cadeira e parou de chorar. Agradeceu e falou:

— Ele desapareceu, pronto. Não tem o que fazer.

Logo completou, resoluta:

— Mas o dia de hoje foi marcado para ser o do meu casamento... e eu quero casar.

Eles se olharam, surpresos, e se afastaram.

— Não é possível deixar os convidados sem resposta — disse a seus pais. Eles concordaram. A filha queria ter a sua vida de casada. O pai subiu na cadeira e falou:

— O noivo desapareceu mesmo, nem a Polícia o encontrou. Está ficando noite e a noiva quer casar.

Todos permaneciam em silêncio, na expectativa do próximo ato. Ela foi para o meio dos convidados. Não demorou para encontrar Adalberto. Pegou as suas mãos e olhou-o com emoção. Depois falou, com inesperada calma e voz macia:

— Vem, vamos casar!



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com)

incentivo à leitura

Manuscrito encontrado em um Hospício

CONTO

"O manuscrito a seguir foi encontrado atrás de um tijolo oco na parede do quarto ... na ala dos fundos do Hospital da Tamarineira, em Recife Velho."

NEY ALENCAR

Conto

O manuscrito a seguir foi encontrado atrás de um tijolo oco na parede do quarto... na ala dos fundos do Hospital da Tamarineira, em Recife Velho.

...

1885. 21 de Janeiro.

Voltei do Egito ontem. Helga não estava, viajara para a casa da mãe. Deixei as malas de lado e me concentrei nos pergaminhos. Havíamos encontrado seis deles em uma tumba rasa no canto noroeste do Vale dos Reis, chamado de Elwat el-Diban. Eram do período Tinita, talvez três mil anos atrás, um descoberta rara. Vou iniciar as traduções hoje à noite, não posso perder tempo.

23 de Janeiro.

Parei um pouco para jantar. Faz dois dias que não como nada. Os pergaminhos são fascinantes e ao mesmo tempo assustadores. O primeiro e o segundo deles eram apenas listas de animais e bens, na sua maioria cereais, um inventário. O terceiro porém estava cifrado de um jeito que nunca havia encontrado nada antes. Os hieróglifos eram diferentes daqueles utilizados no alto e baixo Egito, pareciam-se mais com letras árabes. O quarto estava escrito em um dialeto do baixo Egito e falava sobre um culto de Setesh ou Setekh, que já foi identificado com o deus Set. Roberto ficou de vir agora de noite para me ajudar com as traduções.

26 de Janeiro.

Não eram pergaminhos! Estávamos errados. Eram palimpsestos, pergaminhos muito mais antigos cujo texto original fora raspado para dar lugar à outro. Descobrimos por acaso quando Roberto derramou um pouco de café em uma borda do primeiro pergaminho. Tentamos limpá-lo e identificamos palavras apagadas embaixo do texto mais recente. Estavam escritas em uma língua totalmente estranha, parecia-se com aramaico muito antigo, talvez de antes do cativo dos hebreus na Babilônia, não temos certeza. Só sabemos que diz respeito ao deus Set, nomeado várias vezes como Setesh e Setekh!

27 de Janeiro.

Algo estranho aconteceu hoje. Era noite já e Roberto e eu estávamos tentando decifrar as palavras do quarto pergaminho e ele por acaso vocalizou uma sentença inteira, foi quando tudo aconteceu, um vento frio e horrendo veio de fora e abriu todas as janelas do salão da biblioteca onde estávamos, as cortinas vieram abaixo e um odor nauseabundo empestou todo o lugar, tornando-o quase irrespirável. Roberto disse que ouviu um som, um trovejar espúrio vindo de fora, mas não ouvi nada. Ficamos com os nervos abalados com o ocorrido e deixamos os pergaminhos de lado.

28 de Janeiro.

Helga retornou da casa da mãe. Estava animada para marcar a data de nosso casamento. Devo confessar que não fiquei muito empolgado, pois ainda tinha tantas

coisas em que trabalhar, mas fiz sua vontade e marcamos o dia para trinta de março. Mostrei-lhe os pergaminhos e contei-lhe sobre nossas descobertas, mas ela não gostou do que viu e pediu-me para muda-los de lugar para fora da casa. Disse que não gostava do cheiro que tinham. Não vi por que fazer isso e deixei-os onde estavam.

30 de Janeiro.

Continuamos trabalhando da decifração dos pergaminhos. Roberto descobriu que o segundo também era um palimpsesto e que continha um texto comprido sobre o culto de Set. Tentamos novamente vocalizar um sentença completa do texto e obtivemos o mesmo efeito da noite do dia vinte e sete. Roberto ficou muito abalado e foi para casa. Helga acordou gritando e disse que tivera um pesadelo, não lhe dei muita atenção.

03 de Fevereiro.

Traduzimos quase todo o primeiro pergaminho, estava em um dialeto quase esquecido do aramaico. Falava sobre a vinda de um deus que era ao mesmo tempo um homem e uma besta, tinha um focinho pontudo, orelhas altas e retangulares e um corpo canino fino com uma longa cauda bifurcada, que ele veio de entre as estrelas para reinar sobre a humanidade, e que ele se alimentava da humanidade, consumia a carne o sangue e a alma daqueles que escolhia. Tivemos que parar o trabalho na metade porque Helga acordou gritando novamente com um pesadelo terrível. Quando Roberto foi embora conversei com ela, estava inconsolável. Falava sem parar em um homem com cabeça de animal que aproximava-se dela e a perseguia nos sonhos. Não lhe dei muita atenção.

05 de Fevereiro.

Helga acordou novamente gritando de noite. Estava muito assustada. Quando perguntei porque ela baixou os olhos e me disse que era o mesmo homem com cabeça de animal que a perseguia nos sonhos. Dizia que ele a estava cortejando e que lhe dizia que logo viria vê-la. Disse-lhe que estava sonhando e que isso não era possível. Ela chorou muito e jurou-me que nada havia acontecido entre ela e aquele homem, e que tinha muito medo dele e do que ele poderia fazer com ela. Novamente não lhe dei muita atenção. Pensei que estivesse ansiosa por causa do casamento e que o nervosismo e a ansiedade estivesse se manifestando através dos pesadelos.

07 de Fevereiro.

Roberto veio para traduzirmos o segundo pergaminho e trouxe com ele um amigo egiptólogo que estava de férias por aqui, chamado Arnaldo Ruiz. Começamos no início da noite. O texto era uma compilação de frases desconexas que mais parecia uma oração ou antes uma invocação. Roberto ficou muito contente com a descoberta. Arnaldo parecia desconfiar das palavras. Elas pareciam identificar o deus Setesh ou Setekh como uma coisa blasfema e antinatural que vivia nos espaços entre as coisas que existem em nosso universo, uma besta que se alimentava de almas, que predava a humanidade desde o seu início, um mal secular que procurava uma maneira de entrar neste mundo e devorá-lo! Pareciam identificar que ele procurava um receptáculo para sua semente blasfema para que pudesse encarnar nesta terra. Já era tarde quando terminamos. Foi então que

cometemos nosso pior erro. Arnaldo resolveu ler em voz alta aquela litania herética que havíamos traduzido. Quando começou as palavras pareciam torcer-se em seus lábios, um vento forte e nauseabundo começou a soprar e as janelas todas se abriram, ele engolfou a casa com sua pestilência horrenda. A voz de Arnaldo levantou-se quatro oitavas em um grito de horror, mas não conseguia parar de pronunciar aquelas palavras malditas. Escutei um grito de horror vindo do andar de cima e um barulho tremendo como se algo grande e pesado caminhasse por lá. Corri consumido pelo medo para ver o que estava acontecendo. Roberto me acompanhou. Quando cheguei à porta do quarto fiquei estarecido com o que vi! Helga estava deitada sobre a grande cama, o terror consumia seus olhos, os braços e as pernas estavam abertos e ela debatia-se gritando e tentando escapar daquilo que jogava-se sobre ela e a conspurcava com uma lascívia que não pertencia à este mundo. Líquidos lúbricos escorriam pelos cantos da cama! Não consegui me mover, a coisa terminou o que viera fazer em um grito medonho de uma voluptuosidade bestial que mesclou-se à voz de Helga e dissolveu-se em uma nuvem carmesim que escorreu pela janela e voluteou para os abismos do espaço. Do corpo de Helga, aberto e maculado, um ícor esbranquiçado e nauseabundo escorria pegajoso e quente. Desmaiei.

08 de Fevereiro.

Acordei com os nervos em frangalhos. Helga estava ao meu lado, em meu quarto, sentada, me olhando com olhos amedrontados. Roberto e Arnaldo estavam ao seu lado e quando tentei recobrar a memória da noite anterior eles me garantiram que tudo não passara de um pesadelo horrível. Voltei ao quarto de Helga e não encontrei nenhum traço daquele odor nauseabundo. Sei que às vezes nossa mente nos prega peças, e Roberto me contou que fora isso que deveria ter acontecido, porque eu havia desmaiado quando Arnaldo começa a ler as palavras do pergaminho. Não sei em que acreditar.

... Páginas rasgadas faltando...

20 de Abril.

Roberto me internou no Hospital da Tamarineira. Tive uma crise de nervos que me levou a dizer e fazer coisas horrendas. Estou aqui há quase vinte dias. Não me lembro da noite de meu casamento, sei apenas que foi nela que tudo aconteceu! Lapsos de memória me vem às vezes, de atos lascivos inenarráveis e uma coisa perniciososa e amorfa que envolvia à mim e a Helga e saciava sobre nós sua concupiscência bestial. O Doutor Moreira me pediu para escrever este diário, para que pudesse me lembrar de tudo com detalhes, dizia que isso ajudava na cura. Não sei.

27 de Abril.

Não tive filhos. Nunca pensei muito sobre a paternidade. Hoje, porém descobri que Helga está grávida. A notícia me assustou, pois sei que nunca tivemos nada, depois fiquei com ciúmes e pôr fim uma raiva fria me dominou. Se não era eu o pai então quem era? Ela relutou muito em me dizer, chorou e descontrolou-se, não sabia, não tinha certeza, lembrava-se apenas dos olhos dele de nossa noite de núpcias. Fiquei estarecido,

porque dos olhos? Deveria saber o nome do homem que estivera com ela. Ela disse que não era um homem e que ele havia estado conosco. Não acreditei em suas palavras. Ela sorriu, disse que ele estava tomando conta dela e logo retornaria para nós!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

incentivo à leitura

Pelas Lágrimas de Orfeu

CONTO

"Se meu nome foi merecedor de algum registro, talvez a história tenha feito de mim um vilão."

ROBERTO SCHIMA

Conto

Se meu nome foi merecedor de algum registro, talvez a história tenha feito de mim um vilão.

Não posso afirmar com certeza, pois milênios se passaram desde que do mundo dos mortais tomei parte e, para sempre, fui banido, condenado ao reino dos mortos.

A certeza que eu tenho é a de afirmar: sim, eu fui um vilão. Sou o primeiro a reconhecê-lo. E é assim que eu deveria ser retratado.

Gerações deixaram-se decorrer na superfície. Ah, o frescor do vento nos bosques da Trácia! A veloz corrida dos cavalos. O cheiro de terra molhada depois da chuva. O aroma do orvalho todas as manhãs, ao surgir no horizonte a esplendorosa carruagem de meu pai.

E minha mãe, altiva e sábia entre seus livros, sob sua coroa de louros, semblante contemplativo... Saudade de seus preciosos conselhos, do toque de seus dedos em meus cabelos, dos versos que me ensinava em criança com sua voz que, de tão musical, não necessitava de instrumento. Ainda perturba-me a questão por mim jamais externada: teria ela se deitado com meu tio-avô, o arrogante deus da guerra? Teria sido seduzida pelos relatos dele sobre grandes epopeias, guerreiros audazes e mortes gloriosas? Só de pensar naquelas mãos rudes a explorar o corpo dela, ainda hoje faz o meu sangue ferver. Não é de agora que os deuses tomam aquilo que desejam, não importa se já estão comprometidos ou o que pensa e sente o seu objeto de luxúria, este não passa de uma peça no grande jogo dos imortais. E, se por um acaso são descobertos, a punição não recai sobre eles, deuses, mas sobre as suas desafortunadas vítimas, como se estas fossem culpadas por seus naturais encantos e os caprichos deles. A beleza é um fruto que pode apodrecer na árvore do ciúme e da inveja.

Ah, mãe, certas dúvidas nunca deveriam existir, pois somente provocam a ira e sopram para longe a paz de espírito tão necessária a um músico de minha estirpe. Minha lira fez os galhos das árvores recurvarem, sobrepujou o canto das sereias, mudou o curso dos rios e os animais repousaram ao meu redor somente para verem-me tocar. As pedras dançaram! Eu levei a ternura a muitos corações. Até Hades, o senhor deste submundo, comoveu-se certa feita, vertendo lágrimas de ferro...

Sim, eu me recordo.

Posteriormente, o gesto dele restaurou-me a razão de viver. Entretanto, o meu pôs — tolo que era! — tudo a perder. E eu perdi. Ah, maldita impaciência... Eu *a* perdi, minha ninfa dos bosques, meu amor, meu tudo. E, por isso, julguei-me o grande vilão de minha própria história, cuja angústia música alguma iria aplacar. Quisera, então, existir um orfeu para os meus tormentos! Mas não havia, pois eu era o primeiro e único Orfeu, o maior dos poetas, filho de Apolo — sim, Apolo; pai Éagro, tu fostes iludido — e da musa Calíope. De qualquer maneira, eu não o merecia. O capítulo final de meu espírito amargurado seria escrito às margens do rio Hebro, através dos dardos das mônades e de seu afeto, por mim não correspondido, transformado em ira.

Sim, eu me lembro:

"Eurídice! Eurídice!"

E meu coração pára de bater.
 As memórias podem ser cruéis...
 E a dor suprema converte-se em alívio.
 Oh, quantos milênios não devem ter passado!
 E quanto o mundo dos homens deve ter mudado!

Ouvi certos espíritos errantes mencionarem que, agora, eles voam feito pássaros e nadam como peixes no interior de estranhas couraças. Será possível? Prometeu fora acorrentado por ofertar o fogo do conhecimento à humanidade. Onde esse conhecimento a terá conduzido? Ter-lhe-á aproximado dos deuses, ou, sentindo-se como tais, tê-los-á renegado e voltado-se contra eles como meu avô, Zeus, e seus irmãos assim o fizeram em oposição aos Titãs? Uma tragédia repetida mil vezes torna-se parte de nossa própria natureza, assim como o incesto, a traição, o sequestro e a vingança sempre compuseram as divindades do Olimpo.

Ainda apreciarão uma boa música? Dançarão, flertarão e amarão ao som dela?
 Seus corações comover-se-ão diante de uma singela poesia?
 Tocarão flautas no compasso das ondas do mar?
 Quem me dera assim o saber...

Pessoalmente, eu espero que sim. Caso contrário, o que seria da humanidade senão um bando de bestas selvagens a mercê de seus instintos mais baixos e lascivos?

A sabedoria, sem a arte, é isenta de emoção.
 A arte sem sabedoria é um luxo transformado em lixo.

Bem sei que não fui um herói e nunca o pretendi. Tampouco fui dos mais inteligentes. Nunca foi de minha natureza realizar grandes feitos. Sou um poeta! Eu não tinha a astúcia de Odisseu ou a força física de Hércules. Apenas a paixão, a arte e o lirismo guiavam meus passos e meus atos. Eram a minha herança, a minha essência e o meu destino.

A maior aventura da qual participei em vida foi juntar-me àquele bravo grupo de heróis, filhos de deuses e reis; homens cujos feitos, sob a liderança de Jasão, seriam lembrados para sempre nas crônicas, nos relatos de filósofos, nos livros de história: os argonautas...

*Ah, meu amor, não sejas assim tão injusto contigo!
 Sei que tudo o que fizeste foi movido pelo amor... amor a mim!
 Quantos teriam a coragem de assim proceder?
 Paixão.
 Bravura.
 Sacrifício.
 Compaixão.
 Sensibilidade.
 Determinação.
 Desprendimento.
 Foste tudo isso e muito mais, querido Orfeu!*

Creia-me! É a sua Eurídice que vos fala.

Foi a minha imprudência que tirou-me a vida naquela linda tarde de um sol ameno e brisa generosa. As flores de campo ainda mantinham suas pétalas abertas em insinuante convite. E as abelhas e borboletas, prestimosas, trabalhavam infatigavelmente, colhendo as últimas porções de néctar e propagando a sensualidade através do pólen.

Quantos desceriam ás profundezas escuras e tenebrosas do Tártaro?

O reino dos mortos, onde vivo algum jamais adentrara por espontânea vontade.

Seus bolsões de terror guardam somente o sofrimento, a tortura, o flagelo de almas sem descanso.

Onde a tristeza caminha ao lado da eternidade, e o frio e a escuridão são tão perpétuos quanto o cintilar de estrelas distantes.

Quantos teriam essa coragem?

Quantos fitariam diretamente as órbitas vazias de Caronte e o convenceria a levá-lo em seu barco pútrido através das escuras águas do Estige? E, pelo caminho, meu meigo Orfeu, tua lira aplacou o sofrimento das almas perdidas, imersas na bruma e nas águas pestilentas. Fizeste até Caronte questionar a si próprio sobre sua existência e o fardo de seu ofício. Todavia, em vez de amargura, trouxe-lhe o alento de uma viagem tranquila e um trabalho necessário.

Tu fizeste adormecer as três cabeças do poderoso guardião de Hades, Cérbero. De que outro modo um vivo tentaria ultrapassar os portões de diamante do mundo subterrâneo sem ser devorado? Somente Hércules conseguira subjugar a fera.

Contudo, Orfeu, teu maior feito foi o de estar na presença do todo poderoso Hades, senhor do reino subterrâneo, e persuadi-lo a devolver a minha alma de entre milhares de mortos.

Por mim!

Quanta ousadia!

Isso eu jamais esquecerei.

Isso sempre será lembrado pelos mortais.

Muitos saberão e muitos louvarão a tua coragem, meu amado!

Embora sem uma gota de teu talento, mortais tocarão, cantarão e comporão versos em tua homenagem pelos séculos vindouros.

Não, de forma alguma, tu não foste um vilão!

Se existiu uma criatura vil em nossa história, meu amado, foi aquele maldito apicultor, Aristeu. Se não me tivesse tentado violar, eu não teria fugido e assim, tropeçado em uma serpente a qual picou-me, interrompendo-me o fluxo da vida. Eu senti o veneno queimar-me por dentro, de meu tornozelo até o coração. Enquanto eu padecia de um fim atroz, somente em ti pensava, Orfeu, na dor de uma partida sem adeus, na antevisão de teu desespero pela falta que eu te causaria.

Aristeu, o covarde assassino, fugiu, abandonando-me aos cuidados amorosos, porém inúteis, das ninfas, minhas belas damas de honra.

Aristeu, o grande patife, o espírito torpe que merecia estar acorrentado na caverna mais profunda do Tártaro até o fim da eternidade, continuamente chibatado!

Dele só guardo rancor e desprezo.

Destruir suas abelhas foi o menor dos castigos. Elas é que deveriam picá-lo para todo o sempre no fundo de tal caverna. Sim, elas! Sempre e sempre ferroando o meu indecoroso algoz.

Ah, minha bela e doce Eurídice... Ao vê-la destilar teu ódio, mal a reconheço. És tu quem deve aplacar a ira de teu coração. É uma chama a consumir-te por dentro e macular tua alma. É um fermento análogo ao de Prometeu, continuamente aberto e jamais cicatrizado. Deixa-me soprar e apagar esse fogo.

Deita-te aqui.

Deixa-me tocar para ti.

Fechai teus olhos de ametista.

Onde está a minha lira, presente de meu pai? Onde? Ah, ei-la aqui, atrás deste rochedo. Posso fazê-lo dançar também, senhor rochedo. Tu queres? Pronto, Eurídice, deixai o ódio de lado e levar-te-ei às campinas exuberantes pelas minhas notas... As mesmas notas que enterneceram o espírito de deuses e feras, vivos e mortos, animados e inanimados.

Isso, assim, flutuai pelos Campos Elísios, distante dos muros que nos separam do Tártaro. Vagueies por entre a relva e as flores. Flutua-te, formosa Eurídice, minha adorada. E vencerás a ira, a tristeza e o rancor.

A superfície de um lago não devolve somente um reflexo de nosso rosto, tampouco é mero brinquedo a satisfazer a vaidade de Narciso. Ela expõe a essência de nossa alma. Através de águas tépidas e brisas suaves, o reflexo será nítido e devolverá o sorriso radiante de nosso olhar. Todavia, se houver turbulência diante da tormenta, mal conseguiremos distinguir a deformidade que nos fitará; a deformidade a qual nos tornamos em face dos ventos de mal pensamento.

Aquieta-te, pois, Eurídice. Aquieta o teu lago e deixai teu verdadeiro reflexo emergir.

Não culpe o meu meio-irmão, Eurídice.

Sim, malgrado seja, somos parentes.

Ele, assim como eu, foi movido pela paixão diante de teus encantos. Teu perfume enfeitiçou-o, fez dele um títere do destino, senão de um deus ou deusa. Esqueceu-se dos bons modos, das suas abelhas e de suas ovelhas. Por semanas insones, só teve pensamentos voltados para ti, minha amada. Eu deveria ter percebido. Cego pelo amor, fui um inerte nessa tragédia — nossa tragédia! —, embriagado pela felicidade de nosso matrimônio. Se houve um culpado por sua morte, não foi Aristeu, não foi a serpente... Culpe a mim, por não ter estado a teu lado quando mais precisaste.

Garanto-te, adorada, Aristeu vive seu próprio inferno. A consciência de tê-la perdido para sempre e de ser o provocador dessa perda, torturá-lo-á até o término de seus dias e mais além. Desnecessário se fará a escuridão de uma caverna: ele já se encontra imerso em sua própria gruta.

Meu canto não pôde aplacar a minha dor e, tampouco, trazê-la de volta, Eurídice. O pranto encharcou meu rosto, escorreu pelo peito, semeou os gramados e, destes, flores negras e tristes brotaram. Mal abriram suas pétalas e elas caíram feito lágrimas silenciosas. Imediatamente, foram arrastadas pelo vento da tristeza a alturas de onde nunca encontrariam descanso.

Ademais, com o poder de minha lira, não havia muito a temer na descida ao mundo subterrâneo, nem mesmo aos monstros cuja natureza perversa dobrou-se ante os acordes deste divino instrumento. Foi a minha arma e o meu escudo. E, se Hades foi

convencido a devolvê-la ao mundo dos vivos, deveu-se à interferência de sua esposa, Perséfone, igualmente emocionada ante o desalento de meu canto, talvez encontrando nele ecos de seu próprio infortúnio.

E, assim, nós refizemos o caminho de volta à superfície. Através de passagens escuras e trevas permanentes, nós caminhamos. Eu na frente, tu atrás de mim. O vento açoitava nossas almas. As lamúrias dos condenados confundiam nossa firmeza de decisão. E os carrascos, frustrados por não nos poderem tocar, castigavam em dobro aqueles desgraçados espíritos sob seu jugo. Através de aclives íngremes, pântanos nebulosos, penhascos escorregadios e trilhas tortuosas nós seguimos, querida Eurídice, cujos cabelos eu ansiava por tocar; e os lábios, por beijar. E eu, pobre maldito, inseguro, ansioso e desconfiado, só deveria obedecer a uma simples condição imposta pelo senhor do submundo, Hades: a de não me voltar para trás a fim de vê-la, exceto quando tu tiveste o rosto banhado pela luz do dia. Que determinação mais simples poderia haver? Calíope, minha mãe, rainhas das musas, decerto assim diria laconicamente: simples. Porém eu, em minha sede de amar e na incerteza se tu estarias, de fato, seguindo-me, em vez de tudo não passar de um ardil perverso de Hades — afinal, ao raptar Perséfone, ele tivera sucesso onde Aristeu fracassara —, ao ver-me sob os raios do Sol, abruptamente, voltei-me. Ah, maldito, um milhão de vezes desgraçado que eu fui!

Lá estava tu, minha doce e bela Eurídice. Tão encantadora como sempre, ainda que mais pálida e melancólica. Nossos olhares se tocaram. Tu sorriste um sorriso triste, e, então, foste te tornando cada vez mais diáfana, translúcida e, por fim, transparente feito a brisa da manhã sobre as águas do Egeu até desaparecer por completo, deixando no ar uma despedida quase inaudível: "Adeus..."

Oh, por que um relâmpago de Zeus, meu avô, não me fulminou naquele exato momento? Ah, bem sei o porquê: a exemplo de Aristeu, viver seria a minha punição, a pior possível.

E, nessa segunda vez, fui eu quem te matei, adorada. Enviei-te irremediavelmente ao submundo. Dei-te a esperança para, em seguida, arrancá-la de ti já às portas da salvação.

Pensava eu realmente em ti? Pensava? Ou tentara te salvar somente para sufocar minha saudade, saciar minha paixão. Caso contrário, por que eu não esperei? Teria bastado um segundo... um segundo!

Que monstro eu fui!

Não tentes dirimir a responsabilidade de Aristeu. Eu sei o que ele fez e por qual motivo. Tu também o sabes. E eu sei, do fundo de meu coração, que tuas intenções foram boas, as mais nobres possíveis. Mais corajosas até do que as ações dos deuses, ousado pronunciar, pois aquilo que os deuses fazem, fazem-no na certeza de que mal algum poderá atingi-los, poderosos e imorais que são. Mas tu, não obstante a lira, foste de peito aberto e alma exposta. Com ou sem teu instrumento, se Hades assim o desejasse, terias perecido no mesmo instante, disso eu tenho absoluta certeza.

Não, meu amor, não assumas uma culpa que não é tua. O fardo já pesa sobre os ombros de outro. E ele bem o merece, isso eu reafirmo.

Agora, devolvo-te as palavras: aplaca tua ira!

Tua melodia é maravilhosa.

Os Campos Elísios são deslumbrantes.

Aqui, não há lugar para pensamentos obscuros.

Maldições não pronunciadas merecem o esquecimento.

Sofreste mais do que o bastante: o longo período de luto, amargurado, perdido, exaltando os mistérios de Dioniso e os segredos do inferno. Desinteressado de outro amor que não fosse o meu. Sim, eu sei! Até as ménades, servas de Dioniso, tu desprezaste, e elas, em ímpetos de selvageria, trucidaram-te, lançando tua cabeça nas águas geladas do rio Hebro. As irmãs de tua mãe, as outras musas, juntaram tuas partes e, cerimoniosamente, levaram-nas até os pés do Monte Olimpo, onde as enterraram ao som de lastimosos cânticos. Por tamanha crueldade e covardia, por terem feito calar a melodia mais pura e o coração mais sensível que a terra um dia conheceu, os deuses puniram essas mulheres enlouquecidas, transformando-as em carvalhos. Assim, imóveis, sem poderem festejar, pular, dançar, lançarem-se à luxúria e a violência, permaneceram pelos séculos vindouros, a mercê das tempestades, dos raios do Sol, do frio da noite, da solidão de suas vozes silenciadas até seus troncos, um dia, apodrecerem.

Sim, meu meigo e amado Orfeu, acalma-te.

Sejamos dois espelhos d'água a refletir o amor que, se um dia — ou dois — foi cruelmente separado, doravante, unir-nos-á para sempre. Pois, agora, os rouxinóis cantam perto de teu túmulo de uma forma mais bela do que jamais o fizeram. Fazem-no na certeza de que, na morte, reunimo-nos novamente e assim permaneceremos até a eternidade acabar. E, pelo que tu foste em vida, de seu trono, o senhor do submundo designou-nos os Campos Elísios para morar, pois aqui, ao contrário do Tártaro, permanecem as almas daqueles que foram puros, honrados, bravos e justos. Nunca os vilões.

Vivamos, pois, na morte, aquilo que nos foi negado em vida, meu músico e poeta!

Venha... Venha!

Hades, o rei dos mortos, pusera-se a observar os dois fantasmas. Seu rosto era uma incógnita, todavia, em seu espírito divino, perguntava-se secretamente se, algum dia, Perséfone iria olhá-lo da mesma maneira que o espírito daquela que se chamara Eurídice ora fitava o espectro daquele cujo nome um dia fora Orfeu.

NOTA DO AUTOR:

Meu agradecimento aos colaboradores do Wikipédia bem como a Lúcia de Belo Horizonte/MG, do blog "Mitologia Grega" (<http://eventosmitologiagrega.blogspot.com/>), cujas informações enriqueceram o presente conto. Foi originalmente publicado na antologia "Epopéias Modernas - Vilões" (Editora Épos, 2020), organizada pelas talentosas Natalia Curupana e Thamires Santos. Ainda aguardo participar da antologia sobre heróis...



Roberto Schima: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de mais de cento e oitenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

O dia mais improdutivo da minha vida

CONTO

"Das poucas pessoas que conheço, algumas optaram por passar o seu dia reunidas em família, outras optaram por ir a festas. Eu optei por trabalhar, não por falta de família, não por falta de festas. "

VINÍCIUS JALES

Conto

Sete e vinte e sete da noite, 15 de Abril de 2022, sexta-feira Santa, feriado nacional.

Das poucas pessoas que conheço, algumas optaram por passar o seu dia reunidas em família, outras optaram por ir a festas. Eu optei por trabalhar, não por falta de família, não por falta de festas. Fui trabalhar por livre vontade. Seria cômodo dizer que hoje foi um dos dias mais improdutivos que já tive; o trabalho que era para ser fácil se tornou difícil, o prazo que era longo se tornou curto e tamanha era a minha improdutividade, que eu não vi outra opção a não ser dar um tempo a minha mente.

Posso começar reclamando da resposta que obtive de um fornecedor. Um serviço para o qual eu lhe pagaria R\$250 em um dia de trabalho, uma proposta que eu nunca esperaria que recusasse. Admito: não era um trabalho simples. O que pedi foi que ele saísse um pouco da sua zona de conforto, apesar do empenho necessário, era algo que estava em seu alcance e seu pagamento seria para muitos: invejável. O recebimento da resposta negativa, acompanhada de uma reclamação de que o pagamento era pouco, foi o gatilho para a minha mente imaginar os piores xingamentos possíveis a essa pessoa. Pensamentos como “ele quer ganhar dinheiro, mas não quer trabalhar”, “seriam os R\$250 mais fáceis da vida dele”, “tudo que lhe pedi foi um pouco de esforço”. Tudo isso eu pensava, hipocritamente, sentado em uma cadeira, fazendo o trabalho que faço todos os dias, da forma mais confortável possível. Em um jogo irônico em que eu era o personagem principal, achei inaceitável ele não sair de sua zona de conforto enquanto eu estava muito bem aconchegado dentro da minha.

Segui realizando meu trabalho, tudo que eu tinha planejado deu errado, todos os cronogramas, relatórios, revisões, tudo. Tudo estava um grande erro. Eu poderia dizer que dei o meu melhor e que o meu melhor não foi o suficiente. Seria a mentira do século. Iniciei o meu relato dizendo que escolhi trabalhar: uma grande farsa, o que realizei hoje foi um “destrabalho”. Em nenhum momento do meu dia foquei no que precisava ser feito, a cada segundo me passava apenas quanto eu iria receber. Em nenhum minuto pensei em qualidade, em nenhuma pausa pensei em responsabilidade, a todo passar das horas eu pensava em uma única coisa: dinheiro.

Não gosto do meu trabalho, mas ninguém me obrigou a estar aqui, não preciso estar aqui, mas mesmo assim estou e hoje entreguei um serviço de péssima qualidade, me frustrei, perdi meu tempo por poucos dólares. O que me dói ao rever minhas atitudes, não é o fato de trabalhar em algo que não gosto, mas de ter me distanciado tanto de mim

mesmo, dos meus valores, da frase “não aceitamos menos que excelência”. Eu vi a pior versão de mim. Uma pessoa preguiçosa, que faz as coisas mal feitas e que não corre atrás para melhorar, se contenta com pouco, põe a culpa nos outros e se agarra em desculpas, algumas reais, porém que nunca me impediram de realizar o que faço, apenas me escondendo da vergonhosa nudez da realidade.

Posso reclamar da semana que tive, das pessoas fazendo comentários sobre mim, endeusando minha figura, e eu, na minha estúpida inocência, acreditei que estaria em algum lugar acima dos demais. Meu primeiro movimento foi culpar essas pessoas: “olha o que fizeram comigo, me colocaram mais alto do que posso voar”, mas a verdade é que ninguém nos coloca em lugar nenhum, eu mesmo me coloquei. Apoiei-me em elogios, certificados, cursos, feedbacks e acreditei ser o melhor do mundo. O pior pensamento que alguém pode ter. Perdi momentânea a humildade de reconhecer o que não sei, subestimei minhas tarefas e acreditava ser um grande, uma gigantesca cabeça pensante do século XXI. Aquele que acredita em estar no topo se limita a não subir mais, aquele que acredita saber tudo perde a oportunidade de aprender mais e aquele que acredita que já viu de tudo, opta por fechar os olhos para a vida.

Finalmente consegui tirar as vendas que me impediam de ver o quão mal eu estava conduzindo minha vida. Estou envergonhado, mas feliz por ter a oportunidade de enxergar meus erros. Estou no chão, mas é do chão que nascem as maiores árvores. Hoje sei que não sei de nada, que tudo aquilo que penso saber é uma porta que fecho em minha vida, e é por isso que preciso voltar: voltar a reconhecer a limitação e a imperfeição que é existir.

Hoje poderia ter sido o dia mais improdutivo e desanimador que tive em anos, mas em seu final consegui extrair algo que nenhum dia produtivo poderia me oferecer. Nasci em Santos no litoral de São Paulo em 2001, realizo graduação em Psicologia, área na qual me debruço com amor na tentativa de responder meus próprios questionamentos internos e um dia poder ajudar pessoas com suas próprias questões. A escrita foi a descoberta de um refúgio e a tentativa de nominar o inominável, uma forma de esvaziar a inevitável dor humana e plantar uma flor nos escombros dos dias que nos vemos devastados.

Vinícius Jales: Nasci em Santos no litoral de São Paulo em 2001, realizo graduação em Psicologia, área na qual me debruço com amor na tentativa de responder meus próprios questionamentos internos e um dia poder ajudar pessoas com suas próprias questões. A escrita foi a descoberta de um refúgio e a tentativa de nominar o inominável, uma forma de esvaziar a inevitável dor humana e plantar uma flor nos escombros dos dias que nos vemos devastados.

incentivo à leitura

Uma certa negra

CONTO

"Estávamos nos anos 70, eu estudava junto com meu irmão num colégio estadual de 1º e 2º graus na capital paulista e nessa instituição estudantil, naquele tempo, não abrigava muitos negros em salas, para mim era um mistério [...]"

MÍRIAM SANTIAGO

*Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!*

Sim, você é negra, disse minha mãe!
— Mas porque sou dessa cor? Indaguei à minha pobre mãe.
— Como assim dessa cor? Você tem a nossa cor, somos negros.
Respondeu a doce mãezinha!

— Essa nossa cor, não vejo com frequência no colégio mãe! Lá, a cor que corre, anda e brilha é sempre a branca. Na minha sala o branco é maioria e quando os raios de sol adentram a sala iluminando a todos, essa cor branca fica ainda mais reluzente.

— Ó! Mas não fique triste minha filha, um dia a sala de aula há de ter muitas cores negras perambulando por todo o lado. É só uma questão de tempo.

E aos sete anos de idade tive essa crise existencial por causa da minha cor de pele, eu não entendia porque tinha que ser diferente dos demais coleguinhas, mas, por sorte, não sofri bullying, as meninas sempre me chamavam para fazer parte de trabalhos em grupos, nunca fiquei de lado.

Estávamos nos anos 70, eu estudava junto com meu irmão num colégio estadual de 1º e 2º graus na capital paulista e nessa instituição estudantil, naquele tempo, não abrigava muitos negros em salas, para mim era um mistério, mas a verdade que eu não sabia é que muitos não conseguiam acesso à educação.

“Por acaso sou negra?” — me disse

SIM!

“Que coisa é ser negra?”

Negra!

E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.

Negra!

E me senti negra,

Negra!

Como eles diziam

Negra!

E retrocedi

Negra!

Como eles queriam

Negra!

E odiei meus cabelos e meus lábios grossos

*e mirei apenas a minha carne tostada
 E retrocedi
 Negra!
 E passava o tempo,
 e sempre amargurada
 Continuava levando nas minhas costas
 minha pesada carga
 E como pesava!...
 Alisei o cabelo,
 Passei pó na cara,
 e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra
 Negra! Negra! Negra! Negra!*

Ainda no mesmo colégio eu consegui, graças a tremendos esforços de minha mãe, progredir, conseguindo chegar ao colegial (ensino médio).

— Mãe, eu quero alisar meu cabelo, tão duro e feio, quero ser como as outras moças com lindos cabelos que chegam quase à cintura.

— Minha filha, para quê alisar? Ele é lindo como a natureza o fez.

— E porque a natureza é tão severa comigo? Não bastava ter uma cor diferente na pele, mas justo o cabelo, ser tão inferior?

— Um dia você vai enxergar que nada disso faz sentido, retrucava a mãe com um olhar triste.

— E o pai e o irmão, não os vejo mais.

— Eles trabalham demais, disse a mãe, conseguiram um emprego na fábrica e não podem desapontar.

— Mas meu irmão saiu do colégio, não se formou, e moramos tão perto da escola.

— É, eu já conversei com ele sobre isso, que preto para ser alguém na vida não pode fazer corpo mole, tem que dá tudo de si.

Minha mãe sabia das coisas, tinha um rico entendimento, não se importava em ser negra. Diziam até que ela tinha a “alma branca”, mas eu não me conformava, não aceitava o meu cabelo, meus lábios grossos que pareciam destoar do rosto, e comecei a frequentar as aulas toda maquilada, carregando no pó compacto. E mesmo com todo visual diferente, continuava me enxergando negra e assim também o era uma amiga na mesma classe, nas outras classes e nas ruas.

Graças a muito suor de meu pai, de muita faxina enfrentada pela mãe e que pudemos, meu irmão e eu, estudar e morar num lugar decente, entre tantos vizinhos brancos, mas pobres como nós; equidade do bolso em que não importa ser branco ou preto, já que nivelamos na mesma situação financeira: pobres.

E finalmente terminei os estudos, me formei no ensino médio!

*Negra!
 Negra sou*

*De hoje em diante não quero
 alisar meu cabelo
 Não quero
 E vou rir daqueles,
 que por evitar — segundo eles —
 que por evitar-nos algum disabor
 Chamam aos negros de gente de cor
 E de que cor!
 NEGRA
 E como soa lindo!
 NEGRO
 E que ritmo tem!
 Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro Negro
 Negro Negro Negro*

E na formatura não participei, a economia familiar era para outros fins: na tentativa de uma casinha melhor, em local mais acessível, nos distanciando de moradias irregulares ou como dizem no popular: favelas.

Chegamos aos anos 90, e desde a formatura em 1984, a tão sonhada faculdade ainda demoraria alcançar, pois dependia muito de minha força de trabalho e de um emprego melhor. Mas já não alisava mais o cabelo, deixava-o bem curto, aparado e o pó compacto também não usava mais, deixei-me assumir Negra!

Me sentindo assim linda e forte, a sorte foi se chegando, fui conhecendo pessoas que me empurraram para cima e uma delas foi a patroa de minha mãe, uma professora de faculdade, uma mulher sem igual em cultura, espírito e educação e foi ela quem me ajudou e incentivou na escolha por Direito.

...

Agora no século 21 e com mais idade avalio quantos negros eu vejo pelas ruas, lutando por seus direitos; mesmo que ainda aos olhos da polícia, só negão merece ser parado e revistado encostado na parede, um branco, falando a verdade, eu nunca vi ser examinado desta maneira, sem motivo, há sim, há motivo, a cor!

Somos muitos a comemorar o nosso dia, sim, ganhamos um dia, da consciência negra, só não sei se adianta um dia só e os outros 364 dias? Já que são 365 dias o tempo em que o nosso planeta Terra demora para dar uma volta ao redor do Sol, porque cada dia, em cada parte do mundo não se comemora a consciência negra? Seria bom para conter tanto preconceito!

E assim vou seguindo minha vida, com os olhos na Justiça e brandando aos ventos o meu destino, afinal, somos todos iguais perante a Deus e à Constituição Brasileira!

Afinal
Afinal compreendi
AFINAL
Já não retrocedo
AFINAL
E avanço segura
AFINAL
Avanço e espero
AFINAL
E bendigo aos céus porque quis Deus
que negro azeviche fosse minha cor
E já compreendi
AFINAL
Já tenho a chave!
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO
Negra sou!

Me gritaram negra

Poema da compositora, coreógrafa e desenhista, expoente da arte afroperuana Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra, que juntamente à história, comemora o Dia da Consciência Negra no Brasil, dia 20 de novembro.

Miriam Santiago: jornalista (Assessoria de Comunicação) e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>

Contato: mirianssantos@gmail.com

incentivo à leitura



O Suplício de Osvaldo

CONTO

"Mesmo depois de muitas idas e voltas, Osvaldo não conseguia solucionar seu problema. Havia passado noites em claro, à busca de alguma resposta - tudo em vão."

RENAN APOLÔNIO

Conto

Mesmo depois de muitas idas e voltas, Osvaldo não conseguia solucionar seu problema. Havia passado noites em claro, à busca de alguma resposta - tudo em vão.

Ele não tinha pensado que seria tão difícil. A essa altura do campeonato já estava consagrado como um grande mestre no que faz, e seu trabalho já havia, inclusive, sido objeto de muito estudo - dele mesmo e de outros.

Sua ciência não é meramente uma “ciência humana”, apesar de estudar feitos humanos. Tampouco pode ser considerada “exata”, mesmo com todas as tentativas (suas e alheias) por normatizar e padronizar o que se idealizou como um sistema uniforme que simplificasse todo o processo, e facilitasse a compreensão de quem visse o resultado.

Ao longo de sua carreira – estamos falando de 42 anos de profissão exitosa – já teve dificuldades relativamente semelhantes, mas esta se apresentava ainda mais difícil e complicada.

Osvaldo passou os últimos cinco dias - e as últimas cinco noites - vasculhando todo o material bibliográfico que tinha à sua disposição em sua biblioteca - ou ateliê, como às vezes preferia dizer. Também esteve consultando em outras fontes, como as bibliotecas que desde sua juventude haviam sido referências básicas e profundas em sua formação.

Preferiu não comentar o caso com colegas por algumas razões - todas com uma pitada de orgulho e medo. Temia que, quando soubessem do fato, sua imagem como referência na matéria fosse maculada. Temia que alguém, ao ver a questão – para ele tão hermética – a resolvesse como num passe de mágica. Temia que as distintas opiniões – de amigos ou de rivais – lhe desviassem da ideia original que tinha em mente a respeito do projeto em marcha.

Enfim, a grande questão podia até ser bastante simples. A olhos leigos, não passaria de uma mera decisão. Para críticos, poderia até ser uma escolha ideológica. Para ele, era uma questão de vida ou morte – era arte, era vida, era sua vida.

Ele, tão grande conhecedor das palavras, gostaria de pelo menos uma que se encaixasse perfeitamente nesse último espaço em branco. A lista de possíveis sinônimos não era curta. Mas nenhuma era *a* palavra.

Agora, a tensão aumentara. Além de não encontrar uma resposta a esse problema, não estava mais em condições de fazê-lo. O desgaste provocado pelo estresse era físico e emocional. Seu rosto parecia ter envelhecido alguns anos – sua testa franzida, seus olhos caídos, seu pescoço cansado... Já não se alimentava bem, não via a luz do sol há algum tempo...

No espelho, a imagem era terrível, e também foi difícil encontrar uma palavra para descrever o que sentiu ao olhar-se. A sensação de estar cansado deixou de ser apenas daquele momento específico, e passou a ser o cansaço de toda uma vida. Um terrível sentimento de inaptidão lhe encheu a mente. Já não sabia o que fazer.

Milhares de ideias lhe vieram à cabeça – aposentadoria, suicídio, fugir para começar uma nova vida em anonimato... Mas nenhuma dessas hipóteses lhe agradava. Estava cada vez mais difícil pensar e decidir.

Oswaldo, então, fez um esforço para unir todas as forças que restavam a seu intelecto, e decidiu reler a obra na qual trabalhava. Ele acreditava que, ao fazê-lo, naturalmente viria à sua mente a palavra que faltava. Já havia relido algumas partes do livro em questão para que isso acontecesse, mas agora o lia por completo – da primeira à última palavra, comparando com o original.

Sentou-se em sua poltrona preferida, e lutou contra o sono e a ansiedade. Cada vez que encontrava alguma palavra cujo processo de obtenção fôra relevante, fazia uma pequena pausa e refletia sobre esse processo até poder tirar alguma lição dele. Isso se repetiu várias, várias vezes. E assim passou outra noite desvelado, com os papéis na mão, os óculos firmes em seu rosto, os olhos fitos nas palavras.

Quando, por fim, chegou à última página, seu coração começou a bater estranho. Era possível notar o livro tremer em suas mãos ao ritmo da pulsação incontrolável. Ele não percebeu isso, mas qualquer que o tivesse visto teria percebido. Ele havia passado tantas horas inerte na mesma posição e entrou em um estado de concentração tal que parecia uma paralisia.

Depois de a mente encher-se com tantas informações, agora chegaria o grande momento da revelação. Essa única palavra culminaria o trabalho de toda uma vida e lhe coroaria com sua última glória.

Leu cada parágrafo sussurrando palavra por palavra, numa lentidão emocionada e senil. No penúltimo parágrafo, as palavras deram mais ênfase à lentidão, e, ao terminá-lo, uma pausa lhe permitiu sentir algo sublime dentro de si. Sentiu uma elevação de sua alma, causada pelo alívio que antecipadamente sentia pela descoberta ainda não ocorrida. Simplesmente sabia que o problema já estava resolvido. Já não temia mais a crítica, a concorrência, nem a humildade. Entretanto, ainda não sabia qual o desfecho, qual a palavra que tanto buscava. Simplesmente se sentia satisfeito com o trabalho até agora realizado. E a ansiedade esgotava-lhe as forças.

O sono também era forte. O último conjunto de frases começou a ser lido numa lentidão impressionante. E cada palavra lida pesava cada vez mais na sua consciência, a essa altura já fatigada por completo. Os intervalos entre uma e outra eram tão densos que quase levavam ao total esquecimento do que estava fazendo.

Ao pronunciar a primeira palavra da última frase, de seus lábios não saiu som algum. A segunda lhe tirou o movimento dos lábios. A terceira quase não pôde ser lida. A quarta teve um efeito já esquecido, até que a quinta palavra escrita no papel venceu seus olhos, e a penúltima, seu pescoço.

Então, em meio a esse estado epifânico e lúgubre, a última palavra - que buscara por sua vida inteira - lhe tirou a última força que lhe restara. E assim adormeceu, naquela poltrona, e, no Infinito, encontrou aquela palavra que .



Renan Apolônio: Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira, cadeira nº 696. Presidente Fundador da Associação Brasileira de Escritores Santos dos Últimos Dias. Escreve poesia lírica, contos de terror e mistério, resenhas de livros, etc. Escreve poesia lírica, contos de terror e mistério, resenhas de livros, publicações em revistas científicas, além de tradução de textos literários.

Já são mais de
320 mil seguidores
Facebook + Instagram



Acesse o QR Code e
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de
3 milhões de acessos
www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Escritor e Editor

PATROCINE A

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015
88 edições
disponíveis

entre em contato:
ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.12.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd